



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS



ROSINEIDE ANDRADE SANTOS

“A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”: práticas de leitura e reflexões sociais a partir de um cordel de Izabel Nascimento

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2021

ROSINEIDE ANDRADE SANTOS

“A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”: práticas de leitura e reflexões sociais a partir de um cordel de Izabel Nascimento

Relatório de pesquisa apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: Diversidade Social e Práticas Docentes

Orientador: Prof.º Dr. Alberto Roiphe Bruno

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237m Santos, Rosineide Andrade
"A mulher negra no contexto da educação, cultura e arte" :
práticas de leitura e reflexões sociais a partir de um cordel de
Izabel Nascimento / Rosineide Andrade Santos ; orientador,
Alberto Roiphe Bruno. – São Cristóvão, SE, 2021.
148 f. : il.

Relatório (mestrado profissional em Letras) – Universidade
Federal de Sergipe, 2021.

1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Literatura de cordel. 3.
Nascimento, Izabel Cristina Santana do 1979- – Crítica e
interpretação. 2. Antirracismo. I. Bruno, Alberto Roiphe, orient. II.
Título.

CDU 821.134.3(81)-91.09

ROSINEIDE ANDRADE SANTOS

**“A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”:
práticas de leitura e reflexões sociais a partir de um cordel de Izabel Nascimento.**

São Cristóvão/SE, 25 de março de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno – UFS
(Orientador)

Prof.^a Dr.^a Laura Camila Braz de Almeida - UFS
(Examinadora Interna)

Prof.^a Dr.^a Marcela Afonso Fernandez – UNIRIO
(Examinadora Externa)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho
Para o meu querido pai (*in memoriam*)
Com as lembranças de infância
Minha memória se refaz
Ao ler cordel pra seus filhos
Tinha nos olhos o brilho
Cena que de mim não sai.

Por toda inspiração
Vinda, agora, lá do céu
Por cada verso que escrevo
Nesse ou noutro papel
Sem diploma, o meu Doutor
Com a leitura despertou
Meu amor pelo cordel.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela renovação constante do Seu amor incondicional ao reerguer-me a cada tropeço.

Ao programa PROFLETRAS e à sua coordenação, pelo compromisso e empenho na condução desse programa, por oportunizar aos professores de nosso estado lapidarem sua formação e atuação profissional; aos professores deste Programa, pela valiosa contribuição para minha vida profissional e por todo conhecimento compartilhado.

Ao meu orientador Professor Dr. Alberto Roiphe Bruno por tudo, por aceitar meu pedido de orientação mesmo diante das circunstâncias adversas, pela credulidade, dedicação, comprometimento, paciência e zelo que sempre demonstrou na condução deste trabalho.

À minha mãe, meu melhor exemplo de persistência e fé, por todo amor, cuidado e presença em minha vida, por cada vez que orou por mim e me abençoou, e sei, não foram poucas, muito obrigada!

Aos meus filhos, por serem os melhores que conheço, por cuidarem um dos outros em tantos momentos que me fiz ausente, pelo incentivo e apoio de sempre, por serem diariamente a razão da minha vida, Bruna, Ícaro, Mateus e Gustavo: meu trevo de quatro folhas.

Ao meu esposo, Marcelo, pelo amor, parceria e companheirismo dedicados ao longo da nossa história.

Aos meus irmãos, pelo apoio, incentivo, e pela referência do que são e de quem sou nesta vida.

À Izabel Nascimento, por seu exemplo de dedicação e amor pela escrita do cordel, pela solicitude na realização deste projeto em tudo que se fez necessário e por fazer da sua arte poética um instrumento de empoderamento feminino e valorização da cultura popular.

Aos amigos Sérgio Daniel e Édipo Santana pelo apoio e incentivo na realização desse trabalho e a todos os novos amigos que ganhei nesta trajetória, pelo companheirismo mútuo em todos os momentos, em especial à Normélia de Farias por todo carinho dedicado.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

Afrobrasileiras

Mães, irmãs, esposas

Anônimas mulheres guerreiras

Força que move pensamentos, passos

Gerações foram às ruas

Lutas

Sustento

Sonho melhor

Avós, mães, tias

Ave Marias

Aves marinhas

Silêncio e anonimato

Presença

Voz de contínuas esperanças

Banir pesadelos

Da vida do país.

Miriam Alves

RESUMO

Trata-se de um projeto de intervenção que tem como foco o folheto de cordel “Mulher A Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”, da autora sergipana Izabel Nascimento para a busca da implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, valorizando a literatura popular na perspectiva da cultura afro-brasileira. Para isso, construiu-se, metodologicamente, uma sequência didática para ser desenvolvida com estudantes do 7º ano do ensino fundamental da Escola D. Pedro I, do município de Carmópolis, estado de Sergipe, tendo como fundamentação teórica as reflexões de Cosson (2009), Candido (1995), Pinheiro (2018), Roiphe (2013, 2016), entre outros, sobre a literatura, o ensino de literatura e a literatura de cordel, e as reflexões de Gonzales (2011), Lopes (2007), Ribeiro (2017, 2019), entre outros, sobre práticas antirracistas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Literatura. Literatura de Cordel. Izabel Nascimento. Antirracismo.

ABSTRACT

This intervention project focus on the cordel leaflet “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”, by the author Izabel Nascimento, from the Brazilian state of Sergipe, in order to value popular literature from the perspective of African-Brazilian culture, in accordance with the Brazilian Laws 10.639/03 and 11.645/08. Hence, a didactic sequence has been planned methodologically to be used with 7th grade students at the Dom Pedro I Elementary School, in the city of Carmópolis, in Sergipe. Such work follows some theoretical views about Literature, Literature teaching and Cordel Literature, mainly by Cosson (2009), Candido (1995), Pinheiro (2018) and Roiphe (2013, 2016), respectively; and it also brings up some reflections on anti-racist practices, mainly discussed by Gonzales (2011), Lopes (2007), Ribeiro (2017, 2019) and others.

KEYWORDS: Teaching Literature. Cordel Literature. Izabel Nascimento. Anti-racism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES POR ORDEM DE APARIÇÃO

Ilustração 1 – Capa do folheto de cordel “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte	42
Ilustração 2 – Propaganda de cosméticos com teor racista.....	71
Ilustração 3 – Imagem “banho de brancura”, propaganda Dove	72
Ilustração 4 – Imagem de Izabel Nascimento	73
Ilustração 5 - Manchete sobre o racismo mascarado	110
Ilustração 6 - População negra e o mercado de trabalho	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. No compasso do cordel: Fundamentação teórica	19
1.1. A implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 e ensino da literatura afro-brasileira.....	20
1.2. Preconceito étnico-racial e discriminação contra a mulher negra, uma discussão necessária	21
1.3. Literatura e leitura, artes que se complementam	30
1.4. Gênero cordel na sala de aula, um caminho para o letramento literário	34
1.5. As interfaces da mulher negra no gênero cordel.....	39
1.5.1. Sobre a autora	40
1.5.2. A capa do folheto: uma leitura verbo-visual	42
1.5.3. Estrutura do folheto	43
1.6. Objetivos	48
1.6.1. Objetivos específicos	48
1.7. Preconceito racial em uma nova roupagem	48
2. TRILHAS METODOLÓGICAS	60
2.1. Sobre a escola e os alunos.....	63
2.2. Nas entrelinhas dos procedimentos	62
2.3. Sequência didática	65
2.3.1. Objetivos	69
2.3.2. Conteúdos contemplados	69
2.3.3. Estratégias de ação	70
3. ENTENDENDO OS FATOS.....	84
➤ Considerações finais.....	86
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICE	95

▪ Caderno Pedagógico	96
ANEXOS	134
Anexo 1 - Cordel “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”	134
Anexo 2 - Cordelistas integrantes da Academia Sergipana de Cordel	139
Anexo 3 - Texto de implementação da Lei 10.639/03	144
Anexo 4 - Resolução do Conselho Gestor Profletras	145
Anexo 5 - Letra da música da Mc Soffia “Minha Rapunzel tem dread”	147

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado **“A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte: práticas de leitura e reflexões sociais a partir de um cordel de Izabel Nascimento”**, trata-se de um projeto de intervenção relacionando o folheto de cordel “Mulher A Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”, da autora sergipana Izabel Nascimento às propostas das leis nº 10.639/03 e 11.645/08, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana na educação do ensino básico.

A ideia principal deste projeto está centrada na valorização da literatura popular na perspectiva da cultura afro-brasileira contribuindo, assim, com as mudanças que se fazem necessárias no currículo e no Projeto Político Pedagógico da escola. O desenvolvimento deste trabalho de pesquisa esteve voltado para contemplação da lei 10.639/03 e atender à demanda de movimentos sociais a favor do respeito à diversidade cultural, étnica e racial. Embora seja notório que a formação da sociedade brasileira esteja alicerçada na diversidade, ainda nos deparamos com barreiras de discriminação e preconceito em todas as instâncias sociais e na escola não seria diferente.

Diante desse contexto, cabe a nós professores pautarmos nossa prática pedagógica em estratégias que oportunizem a troca de conhecimentos entre os alunos e que lhes proporcionem aprendizagem integrada, crítica, contínua e, principalmente, baseada no respeito às diversidades. Com base nessas perspectivas, é que desenvolvemos essa pesquisa e propusemos a leitura e análise da literatura popular, aqui representada pelo folheto de cordel, como uma estratégia pedagógica na busca do desenvolvimento do senso crítico do aluno, do conhecimento e reflexão acerca das diferenças peculiares de raça e de gênero e, consequentemente, das discriminações oriundas a partir dessas diferenças. Por essa razão é que desenvolvemos essa pesquisa que tem como objeto de estudo o gênero discursivo cordel.

A pesquisa foi desenvolvida com alunos do 7º ano B, do turno vespertino da Escola Municipal D. Pedro I, localizada em Aguada, povoado do município de Carmópolis/SE e buscou investigar como a utilização do gênero discursivo cordel pode contribuir para o despertar do senso crítico do aluno em relação ao seu ambiente de convívio. O folheto “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”, de Izabel Nascimento, estudado sob enfoque de uma Sequência Didática influenciou a autoria desses sujeitos dentro e fora da escola.

Vale ressaltar que a referida pesquisa faz parte do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, cujo propósito é a formação de professores para docência no Ensino Fundamental visando melhor qualidade de ensino público, principalmente no que diz respeito à leitura e a escrita na sua totalidade entre os alunos desse nível.

Somos cientes dos muitos desafios enfrentados pelo professor do ensino fundamental, sobretudo de Língua Portuguesa, sem dúvida, o maior deles consiste na criação e no desenvolvimento da habilidade leitora do aluno. Formar um leitor proficiente, na essência do seu significado, vai além de ensinar a decodificação de letras e palavras. É encontrar e instigar no aluno a capacidade de interpretar, compreender, inferir e julgar as mensagens apresentadas, estejam elas explícitas ou não, nos conteúdos de todos e quaisquer tipos de texto. Faz sentido pensar, portanto, que: “O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos”. (BRASIL, 1998, p.78)

Embora, a proficiência leitora seja uma competência para a qual, nos últimos anos, vários programas e medidas governamentais tenham se voltado, a condição de satisfação nesse campo está longe de ser alcançada. Por mais que se tenha pensado e utilizado estratégias para atenuar esse problema, os índices apresentados por documentos que avaliam o desempenho dos alunos da educação básica, a exemplo o SAEB e a PROVA BRASIL, que demonstram como as estratégias ou metodologias utilizadas não têm sido eficazes nesse processo. Infelizmente, tanto em âmbito nacional como local.

Analisando esse contexto em nosso estado, percebemos que Sergipe alcançou uma média de 3,4 na avaliação dos anos finais do Ensino Fundamental, segundo o IDEB 2017. Apesar de um leve crescimento em relação à avaliação anterior, ainda assim, ficou bem aquém da meta desejada que era de 4,2. De acordo com os índices avaliativos da educação básica, é possível observar que a proficiência leitora entre os alunos da escola pública encontra-se em nível bem abaixo do esperado. Fato que, de modo classificatório, é denominado como insuficiente. Esses resultados, ao passo que dão um norte em relação ao que precisa ser melhorado em determinadas áreas do conhecimento, também colocam em xeque as práticas e convicções adotadas por escolas e professores da rede pública de ensino.

Ainda nesse zoom de avaliações, numa instância menor e muito mais próxima, temos a Escola Municipal D. Pedro I, situada no povoado Aguada, no município de Carmópolis. Seus

números também apontam índices negativos, sua média avaliativa foi de 2,9 no referido exame. Essa situação coloca em estado de alerta toda comunidade escolar e chama os professores de Língua Portuguesa para uma reflexão e autoanálise de sua prática em sala de aula, enquanto formador de leitores. A partir dessa premissa e de dados levantados, tanto os já mencionados acima como outros provenientes de avaliações realizadas em sala de aula, é possível observar que há consonância entre eles, pois ambos denunciam uma leitura não proficiente na maioria dos alunos, nesse nível de ensino. Especificar quais fatores contribuíram para esses resultados não é algo tão simples, mas, com certeza, a falta de familiaridade com os textos literários é um dos elementos que influencia nesse cenário.

Uma vez que a leitura não é uma prática que se exaure em si mesma, o texto literário assume importante papel social na formação do aluno enquanto leitor e cidadão. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs já defendiam essa tese ao se referir às especificidades do texto literário:

O texto literário não está limitado a critérios de observação fatural (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico). Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis (BRASIL, 1998, p. 26).

A literatura se torna, pois, um instrumento de conscientização, liberdade, cidadania e transformação de uma sociedade, logo, necessária. “É preciso lembrar que, em qualquer hipótese, a escola só atua sobre as leituras que se realizam em seu âmbito, com todas as condições e limitações que isto implica.” (COLOMER, 2007, p. 47) Apesar do acesso a um variado acervo literário no ambiente escolar, ler não é uma das atividades favoritas dos alunos do 7º ano, da escola D. Pedro I. É algo que não desperta interesse nem proporciona prazer, por isso passa a ser vista como um dever, uma obrigação. Comportamento observado com certa recorrência neste ciclo/ano.

O terceiro e quarto ciclos têm papel decisivo na formação de leitores, pois é no interior destes que muitos alunos ou desistem de ler por não conseguirem responder às demandas de leitura colocadas pela escola, ou passam a utilizar os procedimentos construídos nos ciclos anteriores para lidar com os desafios postos pela leitura, com autonomia cada vez maior. (BRASIL, p.70)

A não apreciação do texto literário inibe e limita a maturidade intelectual do aluno e, conseqüentemente, dificulta sua capacidade interpretativa em relação aos textos de diversos tipos e gêneros.

[...] é inquestionável que o desinteresse pela leitura ocorre nos jovens enquanto ainda estão na etapa escolar e que alguns dos fatores que o produzem têm causas escolares, por defeitos nos métodos didáticos ou por fatores tão contraditórios como o fato de que a exigência do conhecimento própria do secundário diminui o tempo que os meninos e as meninas dedicavam à leitura livre no primário. (COLOMER, 2007, p. 47)

Se a leitura dos textos não acontece a contento, a interpretação deles tampouco fluirá. Fatos que evidenciam a necessidade e a urgência em se fazer uma intervenção pedagógica direcionada à solução desse problema.

Ciente da importância da literatura na formação do cidadão crítico-reflexivo e de posse das multífaces que ela apresenta, propomos o uso de textos literários a fim de motivar práticas da leitura no aluno bem como despertar seu senso crítico e permitir que ele se enxergue protagonista no processo do seu crescimento. O perfil multifacetado da literatura permite que o gênero Cordel seja utilizado nessa intervenção, pois apresenta elementos de caráter literário, cultural e social, conseqüentemente, transformador. Características essas que possibilitam ao aluno reconhecer esse gênero como uma literatura de identidade. Hélder Pinheiro (2012, p.88) já nos dizia que “o cordel aponta ainda um acentuado caráter de denúncia das injustiças sociais que há séculos estão na nossa sociedade” e, apoiando-nos nessas nuances, abordaremos a temática preconceito racial e de gênero na perspectiva da mulher negra e propomos discussão numa perspectiva comparativa reflexiva entre o que é verificado no cordel e o que os alunos negros ou não, vivenciam dentro e fora da escola.

A escola na qual foi desenvolvido este projeto de intervenção pedagógica, como afirmamos, está situada no povoado Aguada – município de Carmópolis – a população dessa comunidade é formada predominantemente por negros, pois seu surgimento se deu pela parada de ex-escravizados que ali se arranchavam.

Seu nascimento como povoado data do fim do período Colonial e início do Império resultando de um simples ponto de parada de feirantes; estes aí se reuniam para atravessar em grupo a antiga mata do Bonsucesso, onde havia mocambos de escravos fugidos dos engenhos da Cotinguiba, que com frequência atacavam os viandantes. (IBGE, 2017)

Com o passar do tempo e em consequência de muitos acontecimentos históricos, esse rancho tornou-se, efetivamente, uma comunidade e, a partir daí, novas famílias e gerações, inclusive a dos nossos alunos. Com população de aproximadamente 4.700 pessoas, Aguada apresenta costumes ainda muito arraigados no colonialismo. Suas principais fontes de renda vêm da agricultura de subsistência, da pecuária, do comércio local e dos empregos formais públicos e em empresas privadas prestadoras de serviços à Petrobrás.

Embora o município sedie uma das maiores empresas do Brasil – a Petrobrás – a grande parte dos seus cargos não é ocupada por moradores da cidade. O vai-e-vem na cidade de petroleiros bem-sucedidos e brancos, em sua maioria, deixa evidente a existência de uma casta que se beneficia de sua herança histórica e social. Numa escala hierárquica, os poucos cargos ocupados pelos carmopolitanos (aguadenses), nessa empresa, se dão em funções subalternas, braçais, com alta periculosidade e com menor remuneração. Fato que impõe aos moradores desse município conviverem com uma realidade de exploração e de subvalorização dos seus recursos, tanto os naturais quanto os humanos. Não por coincidência, isso influencia de forma negativa, sócio e culturalmente no comportamento dos jovens dessa comunidade, pois incute em suas mentes a concepção de que os empregos com bons salários e as boas oportunidades não são para eles e, a incessante repetição disso os leva a aceitar essas circunstâncias como algo natural.

É óbvio que para a ocupação dos melhores cargos e funções, independente de qual empresa seja, exige-se uma melhor formação e qualificação do profissional a ser contratado. No entanto, nessa seara, também é óbvio que permeiam questões muito mais complexas do que a correlação entre qualificação e ocupação de cargos somente. Silvio Almeida em seu livro *Racismo estrutural* relaciona questões raciais a socias:

Uma vez que a desigualdade educacional está relacionada com a desigualdade racial, mesmo nos sistemas de ensino públicos e universalizados, o perfil racial dos ocupantes de cargos de prestígio no setor público e dos estudantes nas universidades mais concorridas reafirma o imaginário que, em geral, associa competência e mérito a condições como branquitude, masculinidade e heterossexualidade e cisonormatividade. (ALMEIDA, 2019, p.51)

Portanto, somos forçados a adentrar em questões raciais que há muito segrega socialmente as pessoas negras e que as coloca num loop de injustiças e esmagamento social. Apesar das duras evidências e independentemente da situação de desigualdade racial e de gênero, há sempre algo que pode ser feito para modificar essa realidade. Nessa perspectiva, a

escola, assim como o professor, absorve a função de modificar e melhorar a sociedade por meio de seus alunos. Ou seja, se pretende modificar o coletivo é preciso começar pelo individual. Paulo Freire (1982), na *Pedagogia da Autonomia*, defende essa tese ao ressaltar que:

A escola é a principal intervenção para uma mudança social, tanto do indivíduo quanto da comunidade da qual ele faz parte. [...] Quando falo em educação como intervenção me refiro tanto à que aspira a mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto à que, pelo contrário, reacionariamente pretende imobilizar a História e manter a ordem injusta. (FREIRE, 1982, p.42)

Existe, portanto, uma relação entre educação e a modificação do meio, pois, uma interfere na outra e, conseqüentemente, no amadurecimento do ser enquanto elemento sujeito dessa ação. “[...] a educação, não importando o grau em que se dá, é sempre uma certa teoria do conhecimento que se põe em prática” (FREIRE, 1982, p. 95)

A segregação étnico-racial existe há séculos, e é exatamente a falta de reflexão sobre o tema que constitui uma das bases para a perpetuação do sistema de discriminação racial e social. O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos e, por isso, deve ser combatido nas práticas cotidianas. Se maior parte da população negra não tem acesso ao ensino de qualidade e nem tem condições financeiras para investir em qualificação profissional é o mesmo que fadar um povo à condição de subvida. Alunos e jovens aguadenses testemunham essa realidade em suas próprias casas entre seus familiares que não fazem parte da casta privilegiada. É preciso dar-lhe armas para romper esse bloqueio e possa escrever um enredo diferente do que ele consegue ler atualmente. Armas que combaterão injustiça e discriminação. É preciso dar visibilidade ao problema a fim de identificar, discutir e combater atitudes racistas em quaisquer instâncias da sociedade, sobretudo, nas escolas, pois este é um lugar de transformação.

Seguindo essa premissa e observando as práticas cotidianas desses jovens na escola, é fácil identificar expressões e comportamentos de cunho preconceituoso tanto racial quanto de gênero. O pensamento racista, muitas vezes, parte do próprio negro para com seus pares e quando a vítima além de negra é mulher, a situação é ainda mais grave, pois as ofensas assumem caráter moral além do racial. As meninas negras são vítimas de discriminação não somente em relação às colegas brancas, mas também em relação aos alunos negros. Elas são preteridas pelos garotos e se tornam alvos de humilhações e gozações, na escola. Mesmo que todos eles se enquadrem na condição de vítima e estejam no mesmo parâmetro socioeconômico dentro do cenário apresentado, notamos que alunos brancos tentam hostilizar os negros usando de

xingamentos a fim de humilhar e tentar mostrar alguma superioridade. A naturalidade com que isso acontece em sala de aula é reflexo de condutas praticadas e sofridas também fora do ambiente escolar e é contra a naturalização do preconceito que propomos esse trabalho em nossa prática pedagógica.

O presente trabalho está estruturado em dois módulos. O primeiro é este relatório de pesquisa que foi dividido em três partes: 1. Suporte teórico; 2. Base metodológica; 3. Explicações sobre os desafios para a aplicação do projeto em sala de aula, seguido pelas considerações finais; o segundo módulo é composto por um caderno pedagógico, o “produto” em si, no qual encontraremos uma sequência didática teoricamente fundamentada, que utiliza a leitura do folheto de cordel como principal recurso para promoção do letramento literário. A pretensão é que este material contribua para o trabalho docente e para a proficiência leitora dos estudantes, assim como fomentar debates reflexivos entre os alunos do Ensino Fundamental a partir das atividades aqui propostas. Trata-se de uma sequência didática exequível em sala de aula e passível de ser utilizada com diferentes exemplos de cordel que o professor selecionar. Após a devida apresentação para obtenção do título de mestra, este material ficará disponível para ser consultado e replicado por outros professores que tenham interesse por essa temática.

1 – NO COMPASSO DO CORDEL: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A construção do referencial deste trabalho está relacionada a recortes teóricos numa visão de Candido, Colomer, Cosson, Roiphe, Zilberman, entre outros que contemplam o ensino da literatura bem como o letramento literário a partir da leitura de variados gêneros. Abreu, Luciano, Pinheiro também embasaram estudos sobre a literatura de cordel e, mais especificamente, a própria Izabel Nascimento, autora do folheto “A Mulher Negra no contexto da Educação, Cultura e Arte”, objeto do qual parte esta pesquisa. A proposta da leitura deste folheto de cordel pode ser utilizada para dar ensejo a uma experiência emancipatória em sala de aula, levando em consideração o entrecruzamento das temáticas de gênero, com ênfase nas noções propostas pelo feminismo negro e pela literatura popular.

E por fim, numa perspectiva mais ativista, como a temática preconiza, selecionamos recortes relacionados ao binômio raça-mulher trazidos à luz por Carneiro, Cuti, Davis, Freyre, Gonzalez, Ribeiro entre outros. Para atingirmos nosso objetivo, utilizamos como metodologia,

uma pesquisa de viés ativista à qual também está alinhado o desenvolvimento da sequência didática apresentada neste trabalho.

1.1 – A implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 e o Ensino da literatura afro-brasileira

A literatura afro-brasileira é uma vertente literária que detém uma rica fonte de conhecimentos e saberes a respeito da trajetória histórica da população negra no Brasil, bem como sua cultura, arte e religião. Não à toa, toda essa riqueza cultural tem despertado o interesse de diversos intelectuais, como antropólogos, historiadores, filósofos, professores e pedagogos para essa temática. Segundo Duarte (2019) A temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o novo mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à oralidade.

Diversas são as linhas de pesquisa que esta vertente literária tem possibilitado, bem como o debate sobre questões raciais em outras áreas. Intertextualidade, metalinguagem, regionalismo e feminismo são alguns tópicos que já contam com estudos a respeito. (CUTI, 2010, p. 143)

Cada vez mais, pesquisadores têm se voltado para essa área a fim de elucidar, conhecer e disseminar a verdadeira história do negro bem como sua árdua trajetória até os dias atuais. Vale ressaltar que essa trajetória teve seu início bem antes da condição de escravidão para a qual foram trazidos e mantidos aqui no Brasil.

O que aprendemos nas séries iniciais com os livros de História é a versão narrada pelos vencedores, pelos que detinham o poder econômico e, conseqüentemente, o curso da história sob sua ótica e condição. Uma versão distorcida, manipulada para exaltar a soberania branca e perpetuar sua hegemonia. Ao replicarmos essa história sem questionamentos, sem reflexão junto a nossos alunos, estamos corroborando e instigando a discriminação e o preconceito racial, mesmo que não seja essa a intenção; estamos introjetamos na criança branca o sentimento de superioridade racial e na criança negra, o oposto. Esse é apenas um dos muitos exemplos de contribuições da sociedade a favor da discriminação naturalizada.

A partir dessa reflexão, fica evidente a importância das leis no combate à discriminação racial, já que o conhecimento ainda é a melhor “arma” para isso. Conhecer a história da cultura afro-brasileira e africana e como ela se deu, nos permite ao menos uma reflexão a respeito. “As consequências do descuido no tratamento da questão dos estereótipos raciais nessa área são o

que torna a reflexão aprofundada cada vez mais urgente, pois estamos no âmbito educacional.” (CUTI, 2010, p. 143-144).

A aprovação da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, fez-se necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. A implantação da 10.639/03 foi um marco histórico após décadas de manifestações e reivindicações dos Movimentos Negros contra a discriminação racial nos deu um importante instrumento de combate ao preconceito e a discriminação racial no Brasil.

A forma e a intensidade com a qual o atual governo federal assumiu o desafio de construir uma sociedade mais igualitária étnica e racialmente, desde seu primeiro mandato no campo da educação, foi expressa na promulgação da Lei n. 10.639/2003 e na promoção do debate das cotas, no marco da autonomia universitária. Não foram poucos os conflitos enfrentados pelo governo em decorrência dessa opção política, assumida em resposta às reivindicações históricas do movimento negro e de outros setores da sociedade comprometidos com o enfrentamento da desigualdade étnico-racial. (BRASIL, 2008, p. 24)

Valorizar uma educação para as relações étnico-raciais requer o respeito para com as singularidades dos sujeitos, considerando suas necessidades, seus desejos, seus interesses e suas angústias. Precisamos ultrapassar propondo práticas pedagógicas de enfrentamento ao racismo e ações afirmativas.

1.2 – Preconceito étnico-racial e discriminação contra a mulher negra, uma discussão necessária

Sabemos que todos, independente de gênero ou etnia, são seres humanos iguais em direitos e têm o potencial de contribuir construtivamente para o desenvolvimento e o bem-estar de suas sociedades. Pensando por essa premissa, somos levados a refletir sobre questões que nos inquietam e nos convidam a pensar nossas práticas diante disso. Considerando a igualdade de direitos do indivíduo enquanto raça humana, o que leva às pessoas, no momento de interação social, ignorarem a condição inicial do ser humano e sobreponem a isso valores e sentimentos de superioridade que se pautam na cor da pele e no gênero sexual?

Questionamentos que já inquietaram muitos estudiosos e pesquisadores e profissionais da educação a respeito das discriminações e dos preconceitos raciais e de gênero em nossa

sociedade e, que por isso, algumas teorias de combate a essas patologias sociais já foram pesquisadas e aplicadas também no universo escolar; sabendo que as sugestões dessas práticas já foram e são, possivelmente, replicadas em outros espaços de educação, o que precisa ser feito, então, para que comportamentos discriminadores e opressores não se justifiquem por qualquer diferença étnica e que não sejam vistos com tanta naturalidade entre as várias camadas da sociedade?

E por outra, se a escola é um espaço de transformação social em que os alunos, supostamente, adquirem conhecimentos, habilidades e valores que os ajudarão a se tornar pessoas melhores e capazes de conviverem justa e democraticamente em sociedade, como explicar comportamentos excessivamente preconceituosos e excludentes, mesmo em grupos que tiveram e têm acesso ao que chamamos ensino de qualidade ou educação privilegiada? Será que estamos cedendo aos efeitos da opressão velada, que se abstrai da culpabilidade e se camufla responsabilizando a condição da mulher e do negro como justificativa para suas não conquistas? Ou será que esta é uma batalha incessante e coletiva da sociedade das quais os resultados se arrastarão por décadas até se mostrarem perceptíveis?

Visto que o fim da escravidão se deu, oficialmente, há mais de trezentos anos e que as mulheres seguem em tempo igual ou maior, em busca de reconhecimento e respeito enquanto cidadã, apostemos na segunda opção. Mas, vale ressaltar que o tempo de mudança no comportamento de uma sociedade está diretamente ligado à quantidade de medidas adotadas e a frequência com essas medidas são desenvolvidas junto aos membros de uma sociedade.

Como a escola é um seguimento social que alcança todas as faixas etárias, ela se torna o meio mais efetivo para promover as mudanças que precisamos e queremos. Ensinar valores sociais, culturais e históricos deve começar desde cedo e deve partir de todas as áreas do conhecimento, e o quanto antes abordarmos o assunto com crianças e adolescentes, maior e mais rápido será o sucesso no combate ao racismo e ao sexismo.

Compreender a história e se ver dentro dela leva o indivíduo a estabelecer vínculos afetivos capazes de gerar um comprometimento no plano das ideias. Mormente no caso da população negra, todas as injustiças praticadas pelos brancos no passado e no presente levam o indivíduo negro consciente a elevar sua sensibilidade a um plano coletivo, ainda que em qualquer grupo humano haja pessoas de todo tipo de caráter. (CUTI, 2010, p. 91)

O racismo é uma doença social crônica que afeta mais da metade da população brasileira e, embora muitas campanhas, Ongs, associações sejam organizadas e colaborem na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, ainda estamos longe da equidade social que queremos.

O racismo tem estruturas fortes que vêm se perpetuando há séculos e geram consequências gravíssimas na nossa sociedade. A desvalorização da memória e das realizações afro-brasileiras são apenas a raiz de um problema que se ramifica; o resultado inclui a objetificação das mulheres negras, a desigualdade entre homens e mulheres e também a desigualdade entre mulheres brancas e negras, uma vez que as negras aparecem como população mais vitimada em todas as estatísticas, mesmo aquelas que apontam a opressão e a violência contra a mulher. (ARRAES, 2015, p. 20)

Nesse âmbito de desigualdades sociais, é a população negra que carrega o fardo do preconceito, da discriminação e do estereótipo de raça inferior e incapaz. O cenário de discriminação deixa evidente que a raça negra possui um lócus social e, obviamente, não é o mesmo ocupado pelos brancos. Não dá para estipular metas iguais para quem parte de pontos diferentes, é no mínimo injusto para não chamar desumano. Mesmo assistindo a esse massacre de desigualdade, existe um esforço da sociedade em atenuar seus efeitos e disseminar ideias veladas e disfarçadas de que vivemos uma democracia racial. Na verdade, essa democracia não passa de um blefe discursivo proferido por quem não quer se expor em admitir seu racismo, mas também não quer perder a condição de classe privilegiada; ao contrário do que pregam, o racismo existe e continua ativo, segregando e oprimindo o povo negro.

Por causa do racismo estrutural, a população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade. Geralmente, quem passa em vestibulares concorridos para os principais cursos nas melhores universidades públicas são pessoas que estudaram em escolas particulares de elite, falam outros idiomas e fizeram intercâmbio. Esse debate não é sobre capacidade, mas sobre oportunidades – e essa é a distinção que os defensores da meritocracia parecem não fazer. (RIBEIRO, 2019, p. 44)

Embora a discriminação racial bata à porta a todo instante, nossa sociedade está longe de aceitar que maior parte dos problemas sócio econômicos que enfrentamos são consequências do destrato e marginalização a que impõem à população negra. Reconhecer que o problema existe é o primeiro passo para tentar resolvê-lo, no entanto, disseminar a ideia de que o racismo é invenção e sustentar essa tese no processo de miscigenação é uma saída confortável para quem está no outro lado da história. Mesmo após muito tempo da abolição da escravatura, discutir o racismo, infelizmente, ainda é uma necessidade, combatê-lo é uma urgência. Já houve

mudanças significativas na cabeça e na postura do negro, mas ainda é pequena diante da necessidade que temos. Ainda não usufruímos da igualdade que a constituição nos diz garantir. É como se vivêssemos em constante apartheid no Brasil, onde as classes sociais são bem definidas e determinadas pela questão econômica e pela etnia, curioso, mas não surpreendente, uma situação está intrinsecamente relacionada a outra. Lélia Gonzalez contribui para essas reflexões, ao dizer que:

[...] a afirmação de que somos todos iguais perante a lei assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades. O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros. (GONZALEZ, 2011, p. 15)

Condição que se caracteriza como um apagamento de uma identidade racial e que vai sendo implantado de maneira sutilmente pensada com o propósito de “clarear” uma raça. Segundo Gonzalez (2011, p. 15) “...historiadores e sociólogos silenciam sua situação desde a abolição da escravidão até os dias de hoje, estabelecendo uma prática que faz invisível a este segmento social.”. Nessa perspectiva, a estudiosa evidencia que:

Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova a sua eficácia e os efeitos de desintegração violenta, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos, o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue” como se diz no Brasil), é internalizado com a consequente negação da própria raça e da própria cultura.(GONZALEZ, 2011, p. 15)

Em perspectiva questionável, Gilberto Freyre, de acordo com uma das passagens do seu livro *Casa-Grande e Senzala*, a miscigenação no Brasil se deu de forma pacífica e harmônica, como uma estratégia para criação de uma identidade nacional e para correção do atraso econômico e tecnológico.

No Brasil, as relações entre brancos e as raças de cor foram desde a primeira metade do século XVI condicionadas, de um lado pelo sistema de produção econômica - a monocultura latifundiária; do outro, pela escassez de mulheres brancas, entre os conquistadores.

A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação (FREYRE, 2006, p. 32-33)

Apesar dos argumentos apresentados, outros fatores significativos que contribuíram no processo da miscigenação do povo brasileiro se juntaram a tais razões, na percepção de Gilberto Freyre.

Mas independente da falta ou escassez de mulher branca o português sempre pendeu para o contato voluptuoso com mulher exótica. Para o cruzamento e miscigenação. Tendência que parece resultar da plasticidade social, maior no português que em qualquer outro colonizador europeu. (FREYRE, 2006, p. 265)

Numa discussão mais recente, Djamila Ribeiro faz crítica à romantização da miscigenação disfarçada pelo mito da democracia racial, ao mostrar que “[...] esse mito afirma que no Brasil houve a transcendência dos conflitos raciais pela harmonia entre negros e brancos, traduzida na miscigenação e leis segregadoras.” (RIBEIRO, 2019, p. 19). A relevância dessa tese se deve ao fato de ser disseminada a partir de classes pertencentes à elite econômica. Corroborando essa compreensão, Sueli Carneiro defende “que em toda situação de conquista e dominação de um grupo humano sobre o outro é a apropriação sexual das mulheres, do grupo derrotado pelo vencedor, que melhor expressa o alcance da derrota.” (CARNEIRO, 2019, p. 150)

No que diz respeito à construção da identidade nacional defendida por Gilberto Freyre, no seu livro *Casa grande e Senzala*, já acumula muitas análises advindas de estudos contemporâneos. Em *Escritos de uma vida*, Sueli Carneiro faz importantes considerações:

Inicialmente, colonizadores e camadas religiosas mantiveram relações sexuais com índias e, posteriormente, negras, escravas, devido à escassez de mulheres brancas, com as quais constituíam suas famílias legítimas. Argumenta-se que foi a necessidade a razão inicial pelo qual as diferentes etnias que chegavam ao Brasil Colônia começaram a misturar-se. Entretanto, mesmo com a vinda das mulheres brancas, as esposas oficiais, essa prática não foi posta de lado. (CARNEIRO, 2019, p. 153)

Prática que por muito tempo foi tratada com naturalidade e justificada pelos estereótipos que preconizaram à mulher negra o status de submissão e de objeto sexual. “A expressiva massa de população mestiça construída na relação subordinada de mulheres escravas negras e indígenas com seus senhores tornou-se um dos pilares estruturantes da decantada ‘democracia racial’ brasileira.” (CARNEIRO, 2019, p.153, grifos da autora). Ainda sobre a miscigenação do povo brasileiro, uma afirmação de Gilberto Freyre coloca todos como herdeiros do gene negro-africano ou do indígena nativo.

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo - há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil - a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota, do africano. Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho- de- pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo (FREYRE, 2006, p. 367).

No entanto, a hegemonia branca oprime um povo inteiro ao negar suas características, particularidades de gênero e raça. Além de humilhar o povo negro impondo que ele viva na subalternidade. Adichie discorre sobre o perigo de coisas se tornarem comuns pelo fato de serem repetidas muitas vezes e diz que “Os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade.” (ADICHIE, 2017, p. 28) As reflexões da autora permanecem.

Ao impormos um lugar inferior no interior da sua hierarquia (apoiadas nas nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade justamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não só do nosso próprio discurso, senão da nossa própria história. É desnecessário dizer que com todas essas características, estamos nos referindo ao sistema patriarcal-racista. (ADICHIE, 2017 p. 18)

Estabelecer diferenças biológicas como precedente para ideologias de dominação ainda reforça a ideia de superioridade de uma raça sobre a outra. Se não for homem e se não for branco, certamente, não tem muito a contribuir. A determinação da prioridade aqui não é somente relativa, mas também contextual. É comum as pessoas procurarem revestir o racismo com roupagem aceitável, justificando-o de "cordial". Porém, a história nos mostra que ele não é nem cordial e muito menos isento de violência.

Foram 354 anos de escravidão e, depois, não se criaram mecanismos de inclusão para a população negra, como foram criados para os imigrantes que vieram para cá no processo de industrialização. Esses imigrantes também vieram “sem nenhuma formação”, como disse o senhor, mas receberam oportunidades de trabalho e terras para iniciar suas vidas por aqui. Se hoje usufruem de uma realidade diferente da dos negros foi porque receberam auxílio deste país para isso, o que não ocorreu com a

população negra, que veio para cá como escrava e, portanto, em condição muito mais desumana. O poder sempre se esforçou para esconder a origem social das desigualdades, como se as disparidades fossem naturais, meritocráticas ou providencialmente fixadas. (RIBEIRO, 2018, p. 64)

Em linhas gerais, os imigrantes europeus e os negros tinham um mesmo ponto em comum, o fato de serem povos oriundos de países e culturas diferentes e ambos foram “importados” como objeto de exploração da mão-de-obra. O que os diferem em suas histórias está no tratamento que receberam ao chegarem em terras brasileiras. Enquanto os negros foram obrigados a viver em condições sub-humanas, amontoados nas senzalas, submetidos ao trabalho escravo, os brancos vendiam a força de seu trabalho em troca de pagamento, sendo que, muitos deles ainda recebiam terras e estrutura para sobreviverem. O que determinava a forma como o povo seria tratado era a cor da sua pele, logo, o negro foi condenado a conviver com o preconceito e discriminação contra sua raça. Ao final do período escravocrata, o imigrante branco ocupava seu lugar na pirâmide social e ao negro restava a sua base, em subempregos.

“É mais fácil você reprimir e rejeitar para não ter que lidar com a verdade dos outros.” Essa frase de Grada Kilomba resume bem isso, e com esse pensamento, há séculos vem se exterminando pessoas pela cor da sua pele e/ou pelo gênero. “Meninos e meninas são inegavelmente diferentes em termos biológicos, mas a socialização exagera essas diferenças. E isso implica a autorrealização de cada um” (ADICHIE, 2015, P.37) e como cada um será visto perante a sociedade. Aceitar e promover equidade sócio racial colocaria todos num mesmo patamar e com acesso aos mesmos direitos, tais como saúde, educação e mobilidade social. Infelizmente ainda parece ser uma possibilidade utópica. As camadas privilegiadas da sociedade brasileira estão para o negro assim como o espelho está para o vampiro. O negro olha e não se vê, não se reconhece como parte integrante desse meio. Será por incapacidade, merecimento?... Reflitamos sobre isso.

Cobranças e opressões sofridas pelos negros tomam proporções bem mais devastadoras quando se referem às mulheres negras. De todas as humilhações das quais sua raça é vítima, a mulher absorve duplamente todas elas, além das peculiares do seu gênero. Para Gonzales (GONZALEZ, 2011, p. 14), “Falar da opressão da mulher latino-americana é falar de uma generalidade que oculta, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito caro pelo fato de não ser brancas.”

É importante que todos entendam e respeitem as diversidades porque elas existem e precisam ser preservadas. Para que seus efeitos não se tornem ainda mais danosos, precisamos

dar nomes aos problemas, cada um como ele é a fim de que se possa combatê-lo. Sobre isso, Djamila discorre: “Se não se nomeia uma realidade, se quer ser alcançadas melhorias para uma realidade que segue invisível, a insistência em falar de mulheres como universais não marcando diferenças existentes, faz com somente parte desse ser mulher seja visto.”

Apesar de toda opressão, as mulheres negras já deram um passo à frente na busca por igualdade e respeito. Mas ainda há muito pelo que lutar. Os movimentos feministas, projetos emancipatórios e as manifestações sociais têm colaborado para esse cenário de combate ao preconceito e a discriminação à mulher negra. Mais do que uma construção teórica sobre a realidade, o feminismo precisa ser uma estratégia de enfrentamento à realidade para superar a exploração, a opressão e as condições de miséria que as mulheres negras vivem até hoje.

Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos ativos que, historicamente, vêm pensando em resistências e reexistências. (RIBEIRO, 2017, p.14)

Apostar na educação como arma principal no combate às desigualdades sociais é a estratégia mais arrazoada na luta contra injustiças de qualquer natureza. Pois entendemos que somente a educação possibilita ao homem a capacidade crítica para analisar, questionar e intervir em sua condição enquanto membro de uma sociedade e ser protagonista no combate à discriminação e a desigualdade social.

Ambas, desigualdade social e discriminação, se articulam no que se convencionou denominar “exclusão social”: impossibilidade de acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela sociedade, e de participação na gestão coletiva do espaço público — pressuposto da democracia. Por esse motivo, já se disse que, na prática, o Brasil não é uma sociedade regida por direitos, mas por privilégios. Os privilégios, por sua vez, assentam-se em discriminações e preconceitos de todo tipo: socioeconômico, étnico e cultural. Em outras palavras, dominação, exploração e exclusão interagem; a discriminação é resultado e instrumento desse complexo de relações. (BRASIL, 2001, p. 19)

Falar em desigualdade social é um leque com várias palhetas temáticas e em cada uma delas, uma série de características específicas, entretanto, nos concentremos nas questões raciais e de gênero, e para sermos mais específico, foquemos em questões voltadas para uma dupla situação de discriminação: ser mulher e ser negra numa sociedade arraigada em valores patriarcais e eurocêntricos. Ou seja, pertencer a dois segmentos sociais que amargam desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do

sexismo vigentes na sociedade brasileira. Uma sociedade patriarcal que julga as mulheres frágeis e incapazes para desempenharem determinadas funções e ocupar determinados espaços sociais. O estigma de sexo frágil reforça o preconceito e a discriminação contra as mulheres. No entanto, para as mulheres negras, ideia de sexo frágil não se aplica. Não lhe pouparam de nenhum trabalho, por mais braçal que ele fosse; não lhe garantiram nenhum direito por fazer parte desse “sexo frágil”.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram, em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. [...] As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. (CARNEIRO apud RIBEIRO, 2019, p.46-47)

As mulheres negras nunca puderam ser frágeis ou delicadas. Tratadas iguais aos homens nas senzalas e nas plantações, elas aprenderam a ser fortes para sobreviver. E trazem como herança da sua raça garra e persistência, pois

[...] as mulheres negras eram iguais aos seus homens na opressão que sofreram; elas eram socialmente iguais aos seus homens dentro da comunidade escrava; e elas resistiram à escravatura com uma paixão igual aos seus homens. Esta foi uma das grandes ironias do sistema de escravatura, sujeitando as mulheres à mais rude exploração imaginável, exploração que não olhava a distinção de sexo, esse fundamento criou não apenas a afirmação das mulheres negras à sua igualdade através das suas relações sociais, bem como exprimirem-se através dos seus atos de resistência. (DAVIS, 2016, p. 35)

O preconceito contra a mulher negra, especificamente, tem consequências bem mais graves e duradouras, raramente as agressões sofridas ferem apenas seu corpo. Seus valores morais são resumidos ao mito da promiscuidade, criado pela classe dominadora.

[..] a vulnerável condição das trabalhadoras domésticas tem sustentado muitos dos mitos duradouros sobre a “imoralidade” das mulheres negras. Nesse clássico “círculo vicioso”, o trabalho doméstico é considerado degradante porque tem sido realizado de modo desproporcional por mulheres negras que, por sua vez, eram vistas como “ineptas” e “promíscuas”. (DAVIS, 2016, p. 100)

Precisamos nos atentar, pois, de acordo com *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (MEC/SECAD, 2006, p. 58) “a questão do racismo deve ser apresentada a comunidade escolar de forma que sejam permanentemente pensados os

paradigmas, em especial os eurocêntricos, com que fomos educados”. Somente uma reflexão em torno dessa citação permitirá ao professor perceber o processo de negação de identidade que se alastra silenciosamente em nossa sociedade. Apagar sua identidade, ou seja, forjar suas origens e características, na maioria das vezes, é a solução encontrada para que pessoas negras se tornem “aceitáveis” numa sociedade preconceituosa e ditadora de parâmetros. Se explica isso, segundo Djamila Ribeiro, porque:

É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. (RIBEIRO, 2019, p. 62)

No intuito de transformar essa realidade, há de se transformar primeiro a forma de pensar e de agir dos nossos alunos em sala de aula, pois eles serão multiplicadores dos valores que recebem agora. Pensando na urgência em quebrar a hegemonia que marginaliza mulheres e negros em nossa sociedade; e, em como professores de Língua Portuguesa exercem importante papel nesse processo de transformação e ruptura social para nossos alunos, é que recorreremos às funções paradigmáticas da literatura – denunciar, convencer, ensinar – como recurso de conscientização e busca de equidade social. Sendo assim, o texto literário será a estratégia para desenvolver a capacidade interpretativa e levá-los a pensar o lugar do negro e da mulher negra na sociedade.

A história da mulher negra, assim como a de todo povo negro, parte de uma realidade diferente, portanto para se entender essa realidade é preciso estratégias diferentes também. Parte de um lugar de subalternidade historicamente destinado às mulheres negras num processo de reconfiguração do período pós-escravidão em nosso país. Qual o lugar da mulher negra numa sociedade que não promove sua ascensão? Como, diante de tantos fatores que se opõem, podemos trabalhar a identidade negra em meninas que estão em processo de negação da sua etnia? E como promover autovalorização, autoconfiança e autoafirmação dessas meninas e meninos a partir da literatura de cordel? Todas essas indagações nos deixam inquietos e nos instigam a buscar soluções para as situações apresentadas e/ou para amenizar seu impacto na formação dos futuros adultos que, agora adolescentes, dependem e precisam da nossa sensibilidade e olhar empático. Essa não é uma tarefa simples, mas possível.

1.3 – Literatura e leitura, artes que se complementam

A leitura é um dado cultural e por isso um importante elemento na formação do indivíduo enquanto cidadão crítico e capaz de melhorar a si mesmo e o meio ao qual está inserido. A leitura, por si só, aperfeiçoa o leitor, lapida seu conhecimento e modifica seu entendimento diante do mundo e, quando essa experiência é realizada a partir de obras que induzem à reflexão e posicionamento diante de conflitos apresentados (sejam eles de cunho histórico, social, religioso ou moral), como resultado dessa prática, na maioria das vezes, temos um leitor mais empático, crítico e com melhor capacidade de compreensão e julgamento do que acontece ao seu redor. Segundo Paulo Freire:

[...] ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade (FREIRE, 1997, p.20)

Considerando essa concepção na vivência escolar, fica bem mais evidente a necessidade de criar e estimular o hábito da leitura entre os alunos, bem como ensiná-los a extrair do texto o que é essencial. Segundo Zilbermam (1987, p.30) “[...] formar um leitor crítico é uma atribuição do professor, e, nessa tarefa, a literatura realiza uma função formadora que não se confunde com missão pedagógica”.

Sendo assim, a intrínseca função de mediador nesse processo delega ao professor uma responsabilidade ainda maior, a escolha dos textos e obras a serem oferecidos como suporte nessa atividade; para tanto, é necessário que o professor entenda o aluno como alguém extremamente vulnerável, mas não vazio. Alguém que traz experiências e conhecimentos que devem ser levados em conta no momento da escolha do material a ser trabalhado, pois, naturalmente, um será influência para o outro. Ainda de acordo com Zilbermam (1987, p. 30) “Trata-se, pois, mais uma vez de dar relevo à função formadora da leitura, pois seu desenvolvimento incrementa no leitor a capacidade de compreender o mundo e investigá-lo [...]”

Assim sendo, quanto mais variadas forem as ofertas dos gêneros textuais, melhor. Cosson reforça essa tese ao falar que a diversidade textual e de gêneros colaboram para o desenvolvimento e amadurecimento do aluno enquanto leitor.

[...] a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes. (COSSON, 2006, p. 35)

Nessa perspectiva, a literatura se torna indissociável no exercício dessa habilidade, pois ela permite que a leitura vá além da decodificação de palavras. Permite também ao leitor a interpretação e a compreensão do real por meio da ficção e da fantasia e, conseqüentemente, lhe permite desenvolver o senso de percepção, de criticidade e autonomia.

A literatura fantástica e poética, é antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, pois toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. E porque quebra clichês e estereótipos, porque é essa recriação que desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, é que é indispensável para a construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem. (HELD apud MAIA, 2007, p.51)

O texto literário é imprescindível e sua apreciação requer estímulo e prática; ela precisa acontecer de forma efetiva e frequente, sobretudo no ensino fundamental, porque é nessa fase que toda transformação acontece para o aluno. Por meio da literatura é possível conduzir o aluno a uma viagem interna, e dentro desse processo quase de catarse, poder compreender-se em sua realidade, ou seja, o aluno é levado ao encontro da sua identidade, do seu reconhecimento e do seu protagonismo diante do que acontece ao seu redor. E nesse contexto de transformação e descobertas do indivíduo:

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. [...] Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo o texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos. (COSSON, 2014, p. 50)

A literatura é, portanto, uma poderosa aliada do professor na medida em que possibilita ao aluno compreender sua realidade a partir da compreensão do literário. E assim, compreender-se para e com os outros.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do

... mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir [...] (TODOROV, 2009, p.76)

Não há dúvidas, portanto, de que o acesso a textos literários, se constitui um elemento não apenas útil para o desenvolvimento da capacidade leitora do aluno, mas fundamental para seu processo de humanização. Segundo Antonio Candido (2004, p. 172), “As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo [...]”. Entendo aqui por humanização:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 179-180)

Nessa prática é preciso que o aluno entenda que a intimidade com o texto literário proporciona a ele o contato com qualquer outra arte, seja ela escrita, visual ou auditiva. Possibilita também observar com criticidade as questões sociais e julgar determinados valores e comportamentos que a literatura denuncia.

Os valores que a sociedade preconiza, ou considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p. 175).

Estar em contato com o texto literário, portanto, é ter a possibilidade de ouvir outras vozes por meio da sua e interpretar várias realidades dentro da sua percepção e a partir daí tornar-se um ser crítico capaz de discernir o real do ideal buscando o que há de produtivo para sua formação leitora e humana. Lajolo (1998, p. 62) diz, “É a propósito da literatura que a importância do sentido do texto se manifesta em toda sua plenitude. E é essa plenitude de sentido o começo, o meio e o fim de qualquer trabalho com o texto”.

É a partir desse valor formativo que se pode afirmar que o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissoluvelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem. (COLOMER, 2007, p. 31)

Como se pode observar, Teresa Colomer arremata, neste trecho a questão ao refletir sobre a importância da educação literária na construção do indivíduo e de sua relação com outras gerações a partir da leitura do texto literário e suas contribuições nesse processo de formação do ser.

1.4 – Gênero cordel na sala de aula, um caminho para o letramento literário

O cordel é um gênero textual também conhecido como literatura popular por ser uma das maiores manifestações poética e literária tradicional da cultura brasileira. Com características bem peculiares, as composições da poesia de cordel se dão de forma padronizada numa estrutura de versos e estrofes com métricas e rimas bem definidas e, embora, sejam conhecidos como literatura popular, nossos cordéis são tão tradicionais e expressivos que poderiam ser reconhecidos, sem nenhum prejuízo, como clássicos nordestinos.

[...] a literatura de folhetos produzidas no Nordeste do Brasil é bastante codificada. Pode-se acompanhar o processo de constituição desta forma literária examinando-se as sessões de cantoria e os folhetos publicados entre finais do século XIX e os últimos anos da década de 1920, período no qual se definem as características fundamentais desta literatura, chegando-se a uma forma “canônica.” (ABREU, 2011, p. 73)

Acredita-se que sob influência do trovadorismo, o cordel era predominantemente oral e, posteriormente, passou a ser escrito em pequenos folhetos e, de acordo com Márcia Abreu, em *Histórias de Cordéis e Folhetos*, “A denominação ‘cordel’ prende-se ao fato de os folhetos serem expostos ao público pendurado em cordéis.” Corroborando a assertiva, Roiphe diz:

De acordo com os estudiosos a própria forma de comercialização dos folhetos teria dado origem à terminologia portuguesa, já que os cordéis lusitanos eram, de fato, pendurados em cordões. No caso dos folhetos nordestinos, a exposição das obras se dava em tecidos estendidos sobre o chão. (ROIPHE, 2013, p. 39)

E sobre o fato de que o nosso cordel tem origem portuguesa, ela diz “Essa naturalidade assenta-se em pressupostos oriundos da relação colonial mantida entre Portugal e Brasil.” (ABREU, 2011, p. 71). Dessa forma, a pesquisadora se retrata a essa suposta origem como uma informação de senso comum que se naturalizou e que não há como comprovar cientificamente verdadeira.

Ainda que a literatura de cordel seja de origem portuguesa, em muito as produções portuguesa e brasileira se diferenciam. Diferenças que vão desde a composição até seu público

destino, mas a principal divergência entre os cordéis portugueses e os folhetos nordestinos dizem respeito ao texto. “O povo não cultivou as formas cultas do soneto nem os versos de doze sílabas. Os gêneros, tipos e modelos de poesia popular são os mesmos em todo Brasil.” (CASCUDO, 2006, p. 367) Os folhetos nordestinos possuem características bem definidas sobre essa forma literária.

A métrica se manteve setissilábica, como xácaras, romances e gestas de outrora, guardadas em qualquer cancionário espanhol ou português. Não conheço documentação sertaneja anterior ao século XVIII. Essa é toda em quadras. A sextilha setissilábica, forma absolutamente vitoriosa na literatura de cordel brasileira, ABCBDB, é tão antiga quanto a quadra. (CASCUDO, 2006, p.367)

A estrutura das estrofes, a versificação e a métrica seguem um padrão que veste o perfil da literatura de folhetos, enquanto a portuguesa tem liberdade na produção dos seus textos, podendo ser em prosa ou em verso. O que padroniza essa literatura é sua estrutura material, ou seja, são pequenas brochuras de 15 por 12 cm, vendidas em bancas a preço popular.

Aqui, havia autores que viviam de compor e vender versos; lá, existiam adaptadores de texto de sucesso. Aqui, os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares; lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de criar versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; lá, interessava mais as vidas dos nobres e cavaleiros. Aqui, os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-las a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos; lá os editores trabalhavam fundamentalmente com obras de domínio público. (ABREU, 2011, p. 104-105)

A literatura congrega de muitas formas de expressão que servem de tema para essas composições. E nesse universo de criação são trabalhados importantes elementos regionais, folclóricos ou sociais, por isso, o cordel tornou-se referência de literatura nordestina. Em consonância com a definição:

[...] chamar de literatura [...] da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (COSSON, 2011, p. 176).

Em forma de desafios, peleja ou repentis, as apresentações eram feitas oralmente e a maioria dos autores cantavam seus versos decorados e acompanhados pelo público. Isso

obrigava os autores a manter uma regularidade nas composições de suas poesias a fim de que as pessoas conseguissem decorar seus versos e prestigiar sua arte.

Em uma cultura oral a memória é o único recurso de conservação de produções intelectuais. Sabe-se que a regularidade é um auxiliar mnemônico poderoso; assim, a existência de um padrão para a estrutura estrófica, rímica e métrica é uma ferramenta fundamental. [...] Numa cultura oral, o que não é memorizado desaparece, fazendo com que os poetas populares abram mão da “liberdade de criação” em favor da regularidade. (ABREU, 1999, p. 87)

Aos poucos a poesia oral foi cedendo espaço para a escrita e os poetas dos repentes e pelejas começaram a fazer transcrições, em folhetos, das pelejas que eles participavam, mas nem sempre as cópias transcritas eram fiéis ao que acontecia na oralidade.

Os primeiros poetas costumavam anotar suas composições em tiras de papel ou em cadernos, como forma de registro dos seus poemas, sem a intenção de editá-los. [...] Apesar da resistência, a publicação de folhetos começou a ganhar importância. Seguindo os passos de Leandro Gomes de Barros, ao menos vinte e três autores publicaram alguns de seus poemas sob a forma de folhetos, até 1930. (ABREU, 1999, p. 92)

Na década de 1920, com João Martins de Athayde a impressão dos folhetos de cordel recebe significativas alterações por meio de reformulações gráficas e da sistematização das edições. Vários cordéis eram impressos numa mesma brochura de 16 páginas e geralmente as folhas que sobrassem eram preenchidas por sonetos e outros poemas. A partir dessas alterações, a impressão dos cordéis ganhou uma nova estética.

O registro de cantorias ou pelejas em folhetos rigorosamente não é fiel. O folheto é, de modo geral, a reconstituição nem sempre completa, nem perfeita, da peleja por um poeta, um trovador popular que a ouviu ou que dela teve conhecimento. Às vezes, e isto já foi observado, a peleja nunca existiu. [...] muitos desses folhetos de desafios e pelejas foram inscritos no silêncio de sua tipografia. (LUCIANO, 2012, p. 29)

Com a definição das características gráficas, processo de composição e comercialização, a literatura de cordel se consolidou e angariou um público consistente para essa arte e todo esse processo deu à literatura de cordel nordestina características ainda mais peculiares.

Athayde vinculou a criação poética a um número determinado de páginas, sempre em múltiplo de quatro, atendendo a demanda tipográficas e econômicas, pois os folhetos são compostos a partir de folhas de papel de jornal dobradas ao meio duas vezes. Assim, conseguiam-se brochuras de 8, 16, 24, 32 páginas: quantidades diferentes seria um desperdício de papel. (ABREU, 1999, p. 104)

A literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. O cordel é um gênero discursivo carregado de expressividade e historicidade popular, por isso tem poder transformador. Tendo sua origem na oralidade, o cordel se torna uma arte que não só exige o recurso da oralidade, como também proporciona o desenvolvimento dessa habilidade no indivíduo. No entanto, é importante frisar que não se trata aqui de ensinar o aluno a falar. Na verdade, essa habilidade ele adquire bem antes de chegar à escola ou, em alguns casos, com auxílio de um especialista de outra área do conhecimento. Trata-se, portanto, de proporcionar ao aluno diversas situações comunicativas que exigem dele o uso da língua e, conseqüentemente, o desenvolvimento da oralidade. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* já promoviam essa reflexão ao dizer que:

Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo. (BRASIL, 1998, p. 67-68)

Com base nesta afirmação, o cordel ganha força enquanto recurso linguístico-pedagógico na (trans)formação do leitor proficiente. Portanto, a presença dessa temática para a leitura literária em sala de aula permite ao professor criar condições para que o aluno desenvolva sua competência discursiva por meio do acesso à literatura de cordel.

O uso dessa literatura na sala de aula permite ao aluno enxergar o mundo além dele mesmo, permite despertar seu senso crítico, bem como sua capacidade de observar e de se expressar diante da sua realidade social, histórica, política e econômica.

É próprio da literatura de cordel nos dizer quem somos e nos mostrar o mundo por uma ótica “que denuncia a condição social e econômica [...] por meio de expressões que revelam essa condição” (ROIPHE 2016, p. 32)

De acordo com Hélder Pinheiro (2012, p. 126) “trabalhar com literatura de cordel pressupõe envolvimento afetivo com a cultura popular. Implica favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo”. Marcushi (2008, p. 154) corrobora, “Os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual”.

[...] inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BRASIL, 2017, p. 155)

Funções que o cordel exerce com maestria, desse modo, cada gênero tem suas particularidades para cumprir as suas funções comunicativas. As do cordel, portanto, é conversar com diversas realidades, mas levar em conta as particularidades e limitações de cada um. Como bem aborda os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998, p. 71), “Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura [...] é necessária a junção de vários recursos e, principalmente como será conduzido o trabalho com o gênero textual em sala de aula”. E é dentro desta mesma perspectiva, que o *Referencial Curricular do Estado de Sergipe* (SERGIPE, 2011), também salienta a importância de “ler textos de diferentes gêneros, incluindo os literários, tais como o conto, a crônica, a fábula e o poema, como habilidades a serem adquiridas pelos alunos ao curso dos anos finais do Ensino Fundamental”. Dessa forma, considerando que a prática de literatura consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, é preciso refletir como a leitura literária se efetiva na escola.

A partir dessa tese, levar o cordel para sala de aula é proporcionar aos alunos reflexões acerca das peculiaridades deste gênero literário. Marcado, primordialmente, pela oralidade, característica que não pode ser preterida quando o cordel for o objeto de estudo.

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como Literatura - e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. (LIMA apud PINHEIRO, 2007, p. 39)

Portanto, ao conduzir a prática das aulas de leitura literária é imprescindível que se explore elementos essenciais como ritmo, sonoridade, musicalidade do texto. É uma escrita que procede o canto, por isso mesmo não se limitar a uma leitura silenciosa. Mesmo quando a ação da leitura não for realizada com a emissão de som, o aluno leitor deve ser orientado a produzir para si mesmo uma leitura auditiva, ou seja, leitura na qual a escuta sonora seja indissociável ao ato de ler.

Ao explorarmos as marcas da oralidade, que são extremamente presentes na literatura de cordel, abrimos espaço para diversos diálogos tanto com a cultura popular quanto com a

cultura erudita, formal. Nesse sentido, a leitura do cordel é ampla, reflexiva, cultural, social. Literatura de uma e de muitas vozes; é um porta-voz dos sujeitos marginalizados e das questões sociais, pois permite enriquecer as discussões e ampliar conhecimento a respeito das origens históricas das contradições e das desigualdades sociais. A oralidade da literatura popular é berço das cantigas poemizadas, das músicas e canções. Santos, Galas e Tavares (2005, p. 131-132) já evidenciavam isso ao dizer que “A música do poema negro se encantou com a possibilidade de se reconhecer, contar e cantar para todos nós a história e a memória de um povo e seus diferentes modos de ver e viver a vida.”

1.5 – As interfaces da mulher negra no gênero cordel

O poema escolhido foi “A mulher negra no contexto da educação, cultura e arte”, de Izabel Nascimento. Um cordel sobre as minorias que traz um discurso inquietante e enfático ao apresentar os conflitos enfrentados pela mulher negra. Uma obra que nos leva a mergulhar nas questões sociais e refletir a dicotomia “mais x menos” de ser mulher negra no Brasil, ou seja, as mulheres são maioria populacional, segundo dados do IBGE, no entanto, são quem menos ocupam os espaços sociais; são as mais suscetíveis à violência, desemprego e abandono, mas são as que menos têm seus direitos garantidos e, na literatura não seria diferente.

Por muito tempo foi negado à mulher o direito à educação formal e, mesmo superando essa barreira, os resquícios dessa privação ainda respingam em forma de julgamento no que diz respeito à sua produção literária. Especificando a realidade da mulher negra, esse leque de obstáculos, preconceitos e estereótipos fica bem mais amplo, pois são agregados à todas essas questões, a cor da pele e a origem da sua história no Brasil.

A produção literária afro-brasileira, assim como a própria história do negro no Brasil, enfrenta a barreira da discriminação que se esforça, a todo custo, para diminuir sua grandeza. Nas escolas não se ensina a respeito da escrita afro-brasileira, ao contrário, enfatizam o negro como o malandro, o empregado, o escravo ou qualquer outro personagem marginalizado. E, se tratando da mulher negra, os adjetivos são ainda piores pois além de todos atribuídos ao homem negro, a elas recai também o estigma de mulheres fáceis, oportunistas sexuais.

Partindo da premissa de que o combate à retaliação, ao racismo e à discriminação da mulher negra perpassa pelo reconhecimento das suas conquistas, participação e contribuições, de forma geral, para a humanidade, é que se faz necessário trabalhar nossos alunos para que

eles tenham acesso a outras referências de autoria literária feminina, que eles tenham acesso a produção de outras mulheres negras e que deem um basta nos privilégios de divulgação e projeção pela prerrogativa do gênero e etnia.

Essas discriminações também estão presentes na literatura de cordel, arte de predominância masculina sempre impôs limitações às mulheres que se atiravam ao desafio de enfrentar o machismo enrustido no cordel. Muitas mulheres precisaram negar a autoria da sua escrita por causa desse machismo, a exemplo de Maria das Neves que somente sob o pseudônimo do marido, Altino alagoano, teve seus folhetos publicados. Felizmente, acompanhando as conquistas das lutas feministas, as mulheres cordelistas não precisam mais de pseudos para escreverem ou publicarem seus textos, mas ainda precisam enfrentar a resistência machista que ainda tentam limitar a imagem da mulher aos serviços domésticos e à submissão ao homem, fato que vem sendo combatido todos os dias por cada mulher escreve, publica, ler ou divulga as obras produzidas por mulheres negras e não negras.

Quando uma mulher cordelista com trinta anos de história denuncia traços do machismo no cordel e é atacada nas redes sociais, o recado está dado: o espaço ainda está restrito aos homens. Não sou a primeira mulher a sofrer com atitudes machista por parte de um cordelista, as minhas dores são as dores de todas as mulheres que estão se levantando num movimento que está dizendo basta! (NASCIMENTO, 2020)

1.5.1 – Sobre a autora

Izabel Nascimento é sergipana de Aracaju, nascida aos 22 de agosto de 1979, filha dos pernambucanos e poetas cordelistas Pedro Amaro e Ana Santana, que moram em Aracaju há quase 50 anos. O fato de seus pais serem poetas cordelistas, permitiu que ela vivenciasse, desde muito cedo, o universo da literatura de cordel. Aos 7 anos, Izabel ensaiou seus primeiros versos para homenagear seus pais. Esses primeiros escritos foram fundamentais, pois aperfeiçoaram a escrita e lhe deram segurança para escrever seu primeiro folheto aos treze anos de idade, “*Um falso amor*”, embora sua publicação só tenha acontecido dez anos depois.

Graduada em Pedagogia, atua na rede pública de ensino de Maruim-SE, onde desenvolveu o projeto “Literatura de Cordel em Sala de Aula” (2007). Com habilidades também para os desenhos e pinturas, realizou trabalho de pinturas muralistas, inspiradas nas xilogravuras dos folhetos de cordel (2012). Sempre ligada à cultura popular, a poetisa coordenou a Sala de Cultura Popular da Biblioteca Pública Epifânio Dória, em Aracaju (2015). Dirige as ações da Casa do Cordel, Espaço Cultural fundado em 2013, que leva o nome

do seu pai, Pedro Amaro do Nascimento. Participou do Festival Internacional do Brasil na Áustria (2014).

Izabel Nascimento é presidente fundadora da Academia Sergipana de Cordel – ASC, fundada em 19 de julho de 2017, cujo patrono é João Firmino Cabral e na qual ocupa a cadeira de nº 10 e homenageou como seu patrono Luiz Câmara Cascudo. Ocupando um espaço, suposta e ainda predominantemente masculino, a escritora se tornou uma referência da literatura de cordel feminino em Sergipe, como podemos observar na dissertação “Cordel de saia”: autoria feminina no cordel contemporâneo”, de Miriam Carla B. A. Melo:

Quando questionada, em entrevista, sobre a receptividade do público e dos poetas à participação feminina no universo do cordel, Nascimento afirmou que da mesma forma que ainda existe preconceito contra a mulher na sociedade também há preconceito contra a participação da mulher no âmbito literário, “especialmente porque a mulher que escreve é aquela que pensa e quem pensa transforma e, muitas vezes, incomoda”. Entretanto, ela destacou que, na contemporaneidade, a diferença está no fato desse preconceito ser velado, estando muitas vezes imbuído numa crítica, numa descrição, numa referência ou falta de referência à mulher que escreve, a qual, a despeito de qualquer preconceito, mais do que nunca permanece resistindo, fazendo seu trabalho com brilhantismo e sendo capaz de transformar sua própria realidade não mais silenciada (NASCIMENTO, 2015 apud MELO, 2016, p. 74)

Num acervo com, aproximadamente, 100 títulos publicados, a Izabel quebra o silêncio que esconde os preconceitos e dá notoriedade à autoria feminina. Embora tenha alguns folhetos de ficção, a escritora, sempre atenta aos acontecimentos cotidianos, procura, incitar reflexões sobre questões atuais da sociedade, por meio dos seus cordéis. Dentre essas questões sociais, estão as várias nuances de ser mulher em uma sociedade patriarcal.

Comprometida em dar visibilidade ao protagonismo feminino, não só enquanto personagem dos cordéis, mas como escritora dessa literatura, Izabel Nascimento organizou, junto a Daniela Bento, uma coletânea de poemas de autoria feminina da qual resultou a publicação da primeira obra da ASC – Academia Sergipana de Cordel, o livro “Das Neves às Nuvens - I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano” (2018). “Há muitas mulheres no cordel sergipano! Precisamos atuar no sentido de motivar outras mulheres, dar visibilidade ao Cordel feminino, romper com as barreiras do preconceito e diminuir uma dívida histórica que o cordel tem com as mulheres.”(NASCIMENTO, 2018). Após extensa publicação em folhetos, Izabel Nascimento publica seu primeiro livro, “Sementes de Girassóis” (2018), no qual reúne publicações, inicialmente virtuais, mas que ganharam forma, tamanho e expansão no livro impresso.

Dos muitos cordéis de Izabel Nascimento, que evidenciam o papel da mulher na sociedade, escolhemos para esse projeto o folheto “*A Mulher Negra no Contexto da Educação Cultura e Arte*” (2015), por reportar não só os preconceitos enfrentados pela mulher, mas principalmente, por tratar das especificidades da discriminação à mulher negra. O folheto foi escrito para um evento de comemoração ao dia da Consciência Negra e dentro dessa perspectiva, a autora resalta a condição da negra e da mulher numa mesma vertente. Izabel Nascimento, que se autodeclara negra, conhece de perto o que é viver essas duas realidades em uma sociedade viciada em pensamentos e atitudes discriminadores. Foi na literatura de cordel que ela encontrou não só um alento para externar toda sua sensibilidade poética, mas também a força que precisava para enfrentar o preconceito com altivez e resistência. O cordel se tornou seu porta-voz em defesa das causas sociais. “Falar sobre a mulher negra sempre vai identificar um pouco do meu lugar de fala, mas a obra tem mais a ver com o meu pensamento sobre causa”. (NASCIMENTO, 2020)

1.5.2 – A capa do folheto - uma leitura verbo-visual



Figura 1- Capa do folheto

A capa do folheto de Izabel traz, num desenho monocromático, a imagem de uma mulher negra. Deduções feitas a partir de características próprias do biotipo negro, como tom de pele, cabelos e nariz, por exemplo. Na imagem, a sequência de pontos que se aglomeram e se espalham na figura dão forma a tais características a fim de construir o visual do que está verbalizado no título.

No alto da capa aparece o título do folheto em uma única fonte, mas com tamanhos diferentes destacando a parte inicial, “A Mulher Negra”, fato que faz uma relação direta com a imagem logo abaixo. Percebe-se com isso, que a verbo visualidade está intrinsecamente relacionada neste folheto de cordel, pois a imagem ilustrativa da capa, pode ser relacionada com o tema central do folheto e pode ser percebido em vários versos ao longo da narrativa. Acima do título, a identificação Literatura de Cordel, em fonte de tamanho igual ao do nome da autora, que vem logo abaixo da imagem, como uma assinatura do “texto” que capa apresenta.

Observando-se ainda a composição material dos folhetos, nota-se que, ao longo de pouco mais de cem anos de história, a estrutura composicional desse gênero se manteve a mesma, tanto na linguagem verbal da narrativa quanto na linguagem visual de suas capas. No que se refere à linguagem verbal, podem-se observar, basicamente, dois aspectos: o título do folheto e sua própria estrutura textual em versos.

No que se refere à linguagem visual, notam-se as formas prioritárias presentes nas capas dos folhetos: o desenho, a xilogravura e a fotografia, guardando, em cada uma dessas linguagens, suas particularidades e evidenciando, à sua maneira, a temática de cada composição. Considerando-se que as imagens impressas em um folheto de cordel não são meras ilustrações do texto verbal, é possível afirmar que uma tal produção é constituída por ambas as linguagens, a verbal e a visual, simultaneamente, caracterizando-se, por isso, como um gênero verbo-visual. (ROIPHE, 2018, p.153)

A imagem centralizada na capa do folheto nos remete à importância que é dada à mulher negra ao longo do texto. Destaque ressaltado pelo contraste entre a imagem e o fundo liso. Ainda à direita da figura, aparece o nome Luiza Mahin – figura histórica que lutou contra a escravidão e vive na memória popular como símbolo de combate à sociedade escravista – faz referência à luta e a resistência do povo negro representadas na imagem de uma mulher. Sobre Luiza Mahin:

Africana guerreira, teve importante papel na Revolta dos Malês, na Bahia. Além de sua herança de luta, deixou-nos seu filho, Luiz Gama, poeta e abolicionista. Pertencia à etnia jeje, sendo transportada para o Brasil, como escrava. Outros se referem a ela como sendo natural da Bahia e tendo nascido livre por volta de 1812. [...] Luiza Mahin foi uma mulher inteligente e rebelde. Sua casa tornou-se quartel general das principais revoltas negras que ocorreram em Salvador em meados do século XIX. Participou da Grande Insurreição, a Revolta dos Malês, última grande revolta de escravos ocorrida na Capital baiana em 1835. Luiza conseguiu escapar da violenta repressão desencadeada pelo Governo da Província e partiu para o Rio de Janeiro, onde também parece ter participado de outras rebeliões negras, sendo por isso presa e, possivelmente, deportada para a África. (GELEDÉS, 2009)

1.5.3 - Estrutura do folheto

O cordel “A mulher negra no contexto da educação, cultura e arte”, de Izabel Nascimento, apresenta uma temática atual e relevante – preconceito étnico racial feminino – permitindo discussão acerca das discriminações sofridas pela mulher negra, bem como estereótipos criados em torno da figura negra feminina no meio social.

O cordel escrito, predominantemente, no presente do indicativo demonstra que denúncias feitas ao longo do texto apresentam situações que se arrastam até os nossos dias. Das entrelinhas ecoam vozes de resistência e intolerância ao mesmo tempo, uma crítica ao sistema que oprime e um grito aos que silenciam. O poema critica de forma bem clara os paradigmas

referentes ao papel da mulher negra na sociedade ao mesmo tempo que chama mulheres negras e não brancas para adotarem a postura de empoderamento.

O folheto é composto por vinte e cinco estrofes em sextilha, ou seja, formado por seis versos em cada uma. A composição dos versos é de sete sílabas poéticas, o que caracteriza como heptassílabos ou redondilha maior. Essas estrofes estão distribuídas nas oito páginas do folheto. “Assim conseguiam-se brochuras de 8, 16, 24, 32 páginas: quantidades diferentes seriam um desperdício de papel”. (ABREU, 1999, p. 104)

A História é um retrato
Que o tempo providencia
Quando a luz do flash acende
Uma marca evidencia
Um registro inapagável
Que a humanidade cria.

Nas primeiras estrofes, Nascimento não cita a palavra mulher, mas apresenta os elementos linguísticos que levam o leitor a associar as informações contidas nas sextilhas ao foco temático que é a mulher negra. As palavras “retrato”, “flash”, “tempo”, “marca”, “registro”, na primeira estrofe, remetem a lembranças de acontecimentos históricos marcados pelo tempo. Mas, ao passo que se faz um apanhado do passado, deixa evidente que os fatos ainda perduram quando faz uso dos verbos no presente do indicativo: “providencia”, “evidencia” e “cria”.

Porém, na segunda estrofe, essa relação de forma mais clara é representada pelas expressões “Direitos subtraídos”, “opressores”, “oprimidos”. São palavras que fazem referência à discriminação sofrida pela mulher negra, como se pode observar abaixo.

Mas nas Relações Humanas
Há males constituídos
Conceitos consolidados
Direitos subtraídos
Contracenando opressores
No palco dos oprimidos.

Utilizando-se de rimas ricas, a exemplo de: (existe + triste / verbo + adjetivo) e rimas pobres (braços + laços/ substantivo +substantivo) em estrofes alternadas, a autora traz à tona registros históricos de luta e opressão vividas pelo povo negro e, em especial, pela mulher negra. Assim, ao mesmo tempo em que esta obra prestigia as mulheres negras pelas suas conquistas e

qualidades, ela também ressalta uma árdua realidade enfrentada diariamente por essas mulheres.

Neste cenário inventado
Onde o preconceito existe
Procura-se uma Mulher
Negra, submissa e triste
Pra provar a humanidade
Que a escravidão persiste.

A Negra Mulher, porém
Que nunca cruzou os braços
Desafia a sociedade
Desatando os tristes laços
Conhecendo a sua história
Respeitando os próprios traços.

Joice Berth (2019, p. 26-27) fala que “conhecer o contexto sócio histórico é fundamental para pensar a resolução de problemas referentes à população negra. Ou seja, partir da realidade concreta desses grupos e criar ferramentas emancipatórias para o acesso a uma vida mais digna.” Nas estrofes acima, ‘os tristes laços’ indicam que ainda existem amarras com situações de injustiças que se fazem presentes ainda.

A mídia por sua vez
Objetifica, macula
A Mulher negra trazendo
Dano que não se calcula
Numa ação vil, sorrateira
Segrega, agride, rotula.

Em *Escritos de uma vida*, Sueli Carneiro enfatiza os estereótipos trazidos na historiografia envolvendo a mulher negra. “O primeiro nome que aparece em nossa História Oficial foi o da escrava Chica da Silva, a amante do português contratador das minas de ouro, ‘que o encantou através do afeto e do sexo’”. Ou seja, a mulher negra traz o estigma social da exótica, sensual, provocativa, e que está para atender às necessidades sexuais do branco.

O corpo da Mulher Negra
É posto nos ideais
De Mulata à Globeleza
Para fins sexuais
São Negras que a mídia cria
Mulheres quase irreais.

A mulher negra carrega um estigma desde a época da escravidão. A sexualização do seu corpo entranhado à ideia de promiscuidade, já que mesmo essas mulheres sofrendo abusos, havia e há uma cultura de culpabilização da vítima. Ângela Davis nos alerta, “é importante lembrar que as punições infligidas às mulheres excediam em intensidade as punições sofridas pelos seus homens, porque as mulheres não eram apenas chicoteadas e mutiladas, elas eram também violadas”.

Os dados são alarmantes
Mas ninguém parece vê-los
Os traços do preconceito
Verdadeiros pesadelos
Desde os comportamentos
Até a cor dos cabelos.

Mais uma vez registro de opressão contra as mulheres. Nessas estrofes a autora faz referência ao racismo estrutural, que acontece de forma escancarada, mas que as pessoas já internalizaram como natural. No entanto, segue massacrando mulheres e homens negros nos mais diversos ambientes. “Na verdade, esse silêncio ruidoso sobre as contradições raciais se fundamenta, modernamente, num dos mais eficazes mitos de dominação ideológica: o mito da democracia racial.” (ALMEIDA, 2019, p. 42)

Na Educação, doutoras
E casa, violentadas
No trabalho, ganham menos
Mas com jornadas dobradas
Nos hospitais, esquecidas
Nas ruas, são estupradas.

Quando se relaciona as estrofes do cordel à situação contemporânea, nota-se que no “último trimestre de 2016, 68,10% das trabalhadoras domésticas não possuíam carteira assinada. O mesmo raciocínio se aplica ao trabalho terceirizado para atividades meio. Existe um grande contingente de mulheres negras nessa relação de trabalho, sobretudo em funções de limpeza. As medidas contidas nessa proposta vão dificultar ainda mais a vida dessas mulheres, que já viviam uma realidade precária”. (RIBEIRO, 2019, p. 65-66)

Mulher Negra no Brasil
Parece que existem duas
A que a TV inventa
E a que anda nas ruas
As reais, de amor, vestidas
As imaginárias, nuas.

A Mulher Negra inventada
 Tem o corpo definido
 Anda com tanta leveza
 Como quem quer ver mantido
 Os retratos da História
 Num álbum já esquecido.

Também relacionado ao mundo contemporâneo, observa-se nesta estrofe, o poema denuncia a ditadura da beleza que segue padrões inventados e impostos à mulher negra. Nos interroga, mesmo indiretamente, se ela vai deixar dominar pelas pressões dessa ditadura ou se vai submeter-se aos olhos tortos das pessoas. Uma tentativa escrachada de transformar a mulher negra em mero objeto sexual do desejo masculino e tenta mantê-la alienada de si mesma e dos outros, indiferente e sujeita à opressão.

Empodera-se de vida
 Como quem diz: “Acredito!”
 São belos seus negros traços
 O teu cabelo é bonito
 E o poder da Mulher
 Plena em si é infinito.

Escreve correspondência
 Aos ilustres ancestrais
 Dizendo não foi em vão
 As dores, tormentos, ais
 Pois quando uma Negra avança
 Ninguém retrocede mais.

Como uma estratégia de superação, a escritora faz uso de palavras que se remetem ao mesmo campo semântico. Demonstra um certo rigor linguístico ao escolher palavras como “empodera-se”, “acredito” “ancestrais” “avança”, são fortes os indícios de sororidade no poema. Como diz bel hooks, o empoderamento diz respeito a mudanças sociais numa perspectiva antirracista, antielitista e antissexista, por meio das mudanças das instituições sociais e das consciências individuais.

Negra na Educação
 Nas Artes e na Cultura
 E não passarão aqueles
 Que as querem na sepultura
 Negra Mulher passarinho
 Do mundo, quer releitura.

O poema apresenta, nesta estrofe, marca de intertextualidade ao parafrasear os versos de Mário Quintana, em “Poeminha do Contra”, numa demonstração de esperança e otimismo evidencia-se a resistência e resiliência da mulher negra. Trata-se de empoderar a si e aos outros

e colocar as mulheres como sujeitos ativos da mudança. Esse trecho se relaciona com o que afirma Adichie (2017, p. 36-37), quando diz: “O problema da questão de gênero é que ela prescreve como *devemos* ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero”.

1.6- Objetivo

Numa perspectiva de se cumprir a determinação da lei 10.639/03 pretende-se promover letramento literário dos alunos da Escola D. Pedro I, da rede municipal de ensino de Carmópolis-SE, a partir da leitura e reflexões acerca do folheto – A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte – de Izabel Nascimento, tendo em vista contribuir para a formação dos alunos enquanto leitores críticos e capazes de expressar suas opiniões e posicionamentos sobre seus contextos sociais.

1.6.1 - Objetivos específicos

Pretende-se, no âmbito desse objetivo maior, alcançar os seguintes objetivos específicos: praticar a leitura de folhetos de cordel como estratégia para o letramento literário; reconhecer a importante função social da Literatura; despertar para as práticas de preconceito racial por meio da leitura do folheto de cordel; reconhecer a importância do protagonismo feminino na escrita da literatura de cordel; identificar a literatura de cordel como forma de expressão e reflexão social; discutir e refletir acerca da discriminação da mulher negra em situações cotidianas; refletir e se posicionar diante das questões sociais apresentadas no folheto; escrever um cordel autoral abordando temáticas sociais; expor e compartilhar os folhetos confeccionados em sala de aula.

1.7 – Preconceito racial em uma nova roupagem

Quando se realiza a leitura do folheto de cordel de Izabel Nascimento, observa-se que vivemos em tempos de guerra, não aquela em que soldados são recrutados para o campo de batalha, mas numa guerra em que as pessoas já nascem recrutadas, a depender do seu sexo e da cor da sua pele. Uma guerra silenciosa, injusta e muito cruel, pois suas armas camufladas estão

sempre munidas de arrogância e egoísmo esperando oportunidade para atacar. A desigualdade social, racial e de gênero precisa ser combatida por todos, independente da sua etnia, pois:

[...] tudo isso afeta a vida de negros e negras que vivem processos de desigualdade social, racial e de gênero. A tarefa de superação do racismo para a efetivação da emancipação social se torna ainda mais árdua para a população negra brasileira. Aos poucos, avançamos na compreensão de que a superação do racismo é um dever ético e político de todos nós, independentemente do nosso pertencimento étnico-racial e de classe social. Mas quanto mais a sociedade avança nessa compreensão, mais os grupos conservadores e racistas se reorganizam para reforçar o imaginário social do discurso de que não há racismo e nem desigualdade racial, mas, sim, uma convivência pacífica entre os brasileiros e as brasileiras alicerçada na miscigenação racial. (GOMES, 2016, p. 116)

São versões atualizadas dos troncos, chicotes e senzalas, que impediram e impedem a liberdade, tolhem o acesso a direitos, limita o crescimento profissional e determina a condição social na qual o outro viverá. Como se não bastasse todo massacre social a que são submetidos, mulheres e homens negros têm que enfrentar também a hipocrisia dos grupos de conservadores preconceituosos disseminando a ideia de que todos vivem uma democracia racial e usufrui de iguais direitos. Em entrevista à revista *Linguagem em Foco*, Gomes explana:

A democracia racial é uma narrativa presente na nossa cultura, na política, nas relações de poder, no imaginário e nas micropáticas sociais brasileiras que afirma a não existência do racismo e da desigualdade racial entre negros e brancos. Afirma que a situação de colonização pelos portugueses foi “mais branda e amistosa” do que em outros contextos de dominação colonial, devido a uma maneira “amigável” de relação entre senhores(as) e escravos(as), há uma propensão dos portugueses de se misturarem com os povos que eles oprimiam. Trata-se de um discurso mítico (e, na minha opinião, violento) que chega ao cúmulo de afirmar que tudo isso resultou numa maior “tolerância e aceitação” do Brasil e dos brasileiros em relação a negros e negras. Sugere, portanto, uma harmonia entre as raças. Há uma perversidade nesse discurso, pois ele encobre a violência colonial e o racismo na vida e na trajetória das pessoas negras no Brasil, desde a invasão do continente africano e o chamado tráfico negreiro. Ao advogar uma suposta harmonia racial, o mito da democracia racial acaba culpabilizando os próprios negros e negras pela sua situação de exploração e racismo. (GOMES, 2016, p. 117)

Discurso perverso que mutila, oprime e segrega as pessoas negras. Mutila ao colocar negros e mulheres em condição de inferioridade, ao desprezar sua capacidade intelectual e ao submetê-los à condição de submissão; oprime as classes ao negar o direito de viver dignamente independente de cor ou gênero; e segrega ao escamotear suas lutas e ao tentar apagar sua história. As motivações estão agarradas ao binômio casa grande e senzala, onde oprimido reluta contra as investidas do opressor. E este por sua vez, se por beneficia da condição de privilegiado ao lhe ser garantidos benefícios que usurpam direitos básicos do outro. (ADICHIE, 2015, p. 65)

nos alerta ao dizer que “O privilégio social resulta no privilégio epistêmico que deve ser confrontado para que a história não seja contada apenas pelo ponto de vista do poder. É danoso que, numa sociedade, as pessoas não conheçam a história dos povos que as construíram”.

São séculos de discriminação e patriarcado profundamente arraigados no eurocentrismo que criaram uma desigualdade de poder entre os gêneros e as etnias em nosso sistema social, e consequentemente, nos sistemas de políticas de desenvolvimento. Tudo isso porque a igualdade de gênero e raça é fundamentalmente uma questão de poder, no entanto, ao contrário do que pensam, a insistência em manter os negros e as mulheres numa eterna função de bastidores tem retardado o desenvolvimento social, cultural e econômico do nosso país.

Segundo Cuti (2010, p. 93), “A população negra no Brasil é pouco representada fora dos quadros da pobreza, pois seu processo de ascensão social é invisibilizado pela ideologia racista. [...] O passado histórico da escravidão tem sido a tônica para se retratar a personagem negra.” Portanto, o combate ao preconceito é de responsabilidade de todos e deve acontecer em todas as esferas da sociedade, sobretudo, nas escolas, como já sugeriram os PCNs.

Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo. Em primeiro lugar, porque é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e nível socioeconômico diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada uma conhece, com visões de mundo diversas daquela que compartilha em família. Em segundo, porque é um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença. Em terceiro lugar, porque a escola apresenta à criança conhecimentos sistematizados sobre o País e o mundo, e aí a realidade plural de um país como o Brasil fornece subsídios para debates e discussões em torno de questões sociais. A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela. (BRASIL, 2001, p. 21)

Por mais que, ao longo dos anos, campanhas e medidas legais tenham sido adotadas para coibir a discriminação, o preconceito existe e persiste entre nós, mesmo quando não o percebemos nas formas mais veladas e sutis; ainda que não exista o preconceito institucionalizado contra mulheres e negros, existe o pensamento preconceituoso incrustado na mente do brasileiro. Nem sempre nos damos conta porque está tão naturalizado, que a gente vê sempre como uma piada ou só como uma tentativa de diferenciar o seu lugar em relação ao outro. Preconceito que se revela nas “brincadeiras” cotidianas e nas expressões estereotipadas e pejorativas sempre que alguém precisa se referir a algo negativo, errado, feio ou incapaz.

Expressões como “só pode ser coisa de preto”, “preto quando não caga na entrada, caga na saída”, “preto de alma branca”, “lugar de mulher é na cozinha”, “mulher só presta pra pilotar fogão”, “errou o endereço da senzala?”, “você é uma negra mais bonita do que muitas brancas” e tantas outras situações poderiam ser citadas aqui. Esses são alguns exemplos de como convivemos com a discriminação de gênero e com o preconceito racial. Um preconceito silencioso, mas extremamente letal para uma sociedade dita democrática. Constatamos, então, que há uma ideia de superioridade quando, por meio de práticas racistas, se tenta diminuir o outro.

[...] o racismo é uma ilusão de superioridade. O racista se acha superior àquele a quem se compara: ele nasceu pra mandar e o outro, visto como inferior a ele, para obedecer. O racismo, então, é antes de tudo é uma expressão de desprezo por uma pessoa. Às vezes não por causa de suas características, mas por aquela pessoa pertencer a outro grupo. (LOPES, 2007, p. 19 - 20)

Djamila Ribeiro (2019, p.12), concorda com essa explanação ao dizer que “O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade do indivíduo”. Logo, aqueles que não se enquadram aos padrões estipulados pela classe dominante estão fadados a viver em estado de subserviência, opressão e de invisibilidade. Ainda sobre o preconceito,

O preconceito racial e de gênero são fatores preponderantes para avaliação prévia de alguém. Quando não dispomos de dados reais, advindos de fontes fidedignas, acerca de outra pessoa, ou quando esses dados são muito escassos, apelamos para nosso arquivo de memória, onde estão guardados também nossos preconceitos. (CUTI, 2010, p. 24-25)

Para constatar essas injustiças não é necessário pesquisar muito, a todo momento, seja pelo sistema de comunicação, seja pelas redes sociais ou até mesmo por relatos vindos de conhecidos, tomamos ciência de casos de violências contra mulheres e negros, exclusivamente por fazerem parte desses grupos. Diversos estudos revelam que a população negra é maioria no país e que pela falta de política pública que vise equidade social para essas pessoas, é a camada que mais sofre com as desigualdades.

É entre eles que estão concentrados os maiores números de pessoas desempregados ou em empregos informais; de pessoas assassinadas sem julgamento ou punição do criminoso, e, é nessa camada também que está o maior número de mulheres agredidas e violentadas. São várias as possibilidades de se observar violências raciais.

É entre eles que estão concentrados os maiores números de pessoas desempregados ou em empregos informais; de pessoas assassinadas sem julgamento ou punição do criminoso, e, é nessa camada também que está o maior número de mulheres agredidas e violentadas. Violências raciais são comuns e quase “justificadas” pela cor da pele. Contra jovens negros, por exemplo, a brutalidade policial é fortemente pautada nos estereótipos de que o negro é criminoso em potencial; os que estão em torno das mulheres negras, que oscilam entre o confinamento nos serviços domésticos e a objetificação do seu corpo acerca da figura da “mulata”. Denúncias feitas pelos Movimentos de Mulheres Negras no Brasil e nos países amefricanos sobre a visão deturpada da sociedade em relação a mulher negra,

Denunciando sua situação de discriminadas entre os discriminados, elas afirmam: “nos moldaram uma imagem perfeita em tudo que se refere a atividades domésticas, artísticas, servis, nos consideraram “expertas no sexo”. É dessa forma que se alimentou o preconceito de que a mulher negra só serve para esses menestréis. [...]Um dito popular brasileiro sintetiza essa situação ao afirmar: “branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar”. Que se atenda aos papéis atribuídos as amefricanas (preta e mulata); abolida sua humanidade, elas são vistas como corpos animalizados: por um lado são os “burros de carga” (do qual as mulatas brasileiras são um modelo). Desse modo, se constata como a socioeconômica se faz aliada a super-exploração sexual das mulheres amefricanas. (GONZALES, 2011, p.19, grifos do autor)

O combate ao racismo e ao sexismo devem ser algumas das frentes na mudança social e comportamental que esperamos. Desde 2003 com a modificação da lei A Lei nº 10.639/2003 que acrescentou à *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B, contamos com o subsídio que regulamenta o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil, e concede ao professor liberdade para abordar e discutir sobre a importância de se conhecer e respeitar a história e luta da população negra no Brasil.

Art.26-A – Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre história e Cultura Afro Brasileira.
Parágrafo Primeiro - O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, acultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.
Parágrafo segundo - Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro Brasileira serão ministrados no âmbito de todo currículo escolar em especial, nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.
Art.79-B – O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” (BRASIL, 2006, p. 59)

Para os PCNs (1998, p. 23), o grande desafio não é a questão legislativa, mas sim a criação de uma escola que mude a mentalidade das pessoas, já que nela convivem alunos de origens, crenças, culturas e níveis econômicos diferentes. O combate ao racismo e ao sexismo deve ser frentes na mudança social e comportamental que esperamos e cabe ao professor abraçar essas causas e quebrar o trauma causado por muitos séculos de preconceito.

Aqui se coloca a sensibilidade em relação ao outro. Compreender que aquele que é alvo de discriminação sofre de fato, e de maneira profunda, é condição para que o professor, em sala de aula, possa escutar até o que não foi dito. Como a história do preconceito é muito antiga, muitos dos grupos vítimas de discriminação desenvolveram um medo profundo e uma cautela permanente como reação. O professor precisa saber que a dor do grito silenciado é mais forte que a dor pronunciada. (BRASIL, 1998, p. 55)

Muitas pesquisas relevantes já foram feitas sobre o racismo étnico-racial e sobre os danos por ele desencadeados numa sociedade. Podemos perceber que este é um mal arraigado e que carece de olhar minucioso e constante para atitudes e pensamentos em que a discriminação é colocada em prática. É preciso pensar estratégias para (re)construção da identidade do negro e atuar da forma mais adequada no combate à discriminação racial. Esse cuidado precisa estar presente em todas as esferas e segmentos da sociedade e, como afirma em sua dissertação intitulada *Diálogos Literários: Debatendo o preconceito étnico racial nas falas das personagens*, Ulisses Silva (2018):

A escola pode e precisa desempenhar um papel decisivo na construção deste caminho dialógico para a formação da identidade afrodescendente. E para que isto ocorra na prática, mais que nunca, precisamos ensinar aos alunos, negros ou não, sobre a importância do diálogo, inclusive para desconstruir preconceitos e tomar posse de uma herança cultural comum a todos os brasileiros. (SILVA, 2018, p. 19)

Dentro do que propõe a citação, o fato de a pessoa ser ou não negra, não implica em definir se ela é ou não racista. Tendo em vista que o racismo não é determinado pela cor da pele, muitas pessoas negras se mostram preconceituosas e reacionárias à luta dos próprios negros, por julgarem a história de um povo inteiro, de forma generalizada a partir de suas vivências. Situação que Ribeiro (2017, p. 67) explica ao dizer que, “O fato de uma pessoa ser negra não significa que ela saberá refletir crítica e filosoficamente sobre as consequências do racismo...Inclusive, ela poderá dizer que nunca sentiu racismo, que sua vivência ou que ela nunca passou por isso”.

Tudo que se diga do preconceito contra os negros aplica-se à mulher negra enquanto raça e tudo que se diga da discriminação contra a mulher, também se aplica à mulher negra enquanto gênero, só que em proporções muito maiores e com danos muito mais profundos, tendo em vista que a mulher negra, em toda e em qualquer situação de descriminação, precisa enfrentar duplo preconceito e, conseqüentemente, romper dupla barreira: a ser negra e a de ser mulher.

[...] ser essa antítese de branquitude e masculinidade dificulta que ela seja vista como sujeito. O olhar tanto de homens brancos e negros, quanto de mulheres brancas confinaria a mulher negra a um local de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassado. (KILOMBA apud RIBEIRO, 2017, p. 43)

Mesmo após séculos da assinatura da *Lei Áurea*, no Brasil, a ruptura do paradigma escravagista ainda se dá de forma lenta, dolorosa e pautada em muitas humilhações.

Para o Movimento Negro, o momento é muito mais de reflexão do que de celebração. Reflexão porque o texto da lei de 13 de maio de 1988 (conhecida como Lei Áurea), simplesmente declarou como abolida a escravização, revogando todas as disposições contrárias e... nada mais. Para nós, mulheres negras e homens negros, nossa luta pela liberdade começou muito antes desse ato de formalidade jurídica e se estende até hoje. (GONZALEZ, 2011. p.12)

A mulher negra trava lutas diárias, muitas vezes, com a própria identidade numa tentativa de sobrevivência. É notável que ao longo desses séculos as mulheres conquistaram, com muita luta, alguns direitos, mas que ainda há um longo caminho a ser percorrido, para que haja, de fato, a tão sonhada e esperada igualdade de gênero. Se numa sociedade com opiniões euro centradas, mulheres brancas são preteridas, para as mulheres negras a situação é ainda muito pior. Sobre o lugar de marginalidade à que as mulheres negras são imbuídas, observamos que:

[...] as mulheres negras, ao mesmo tempo que fazem parte de algumas instituições, não são consideradas como iguais, dando o exemplo das trabalhadoras domésticas que trabalham em casas de família. Há a tentativa das pessoas brancas em dizer o quanto elas são importantes e “quase da família”, ao mesmo tempo que elas ainda seguem ocultando um lugar de marginalidade, (COLLINS apud DJAMILA, 2019, p.45)

A expressão “quase da família” usada por pessoas brancas ao se referir às suas empregadas domésticas, geralmente mulheres negras, não é nenhum sinônimo de prestígio. É uma artimanha sutil investida contra essas mulheres, a fim de camuflar o verdadeiro sentimento

que circunda essa expressão. O que se revela, de fato, é quanto do seu tempo diário essas mulheres ficam à disposição de seus patrões e são obrigadas a “conviver” com eles, mas o seu lugar é bem definido nessa relação “familiar”, ou seja, são os resquícios de práticas escravagistas disfarçados de prestígios. E sobre o fato de experienciar papel x lugar, Ribeiro (2017) explica em seu livro *Lugar de Fala*:

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringem oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experienciar do mesmo lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. (RIBEIRO, 2017, p. 85)

Muitos escritos já foram feitos sobre a opressão sofrida pelo povo negro, mesmo depois de lhe ser dada a liberdade institucional. Largados à própria sorte e sem nenhuma estrutura sócio econômica após o período da escravidão, foi a mais desumana forma encontrada de mantê-los submissos e dependentes dos seus antigos senhores, agora seus patrões. As poucas opções de emprego, alguns não remunerados ou atrelados a acordos desonestos firmados no ato da “contratação”, era o que lhes restava. Situação era pior quando se tratava das mulheres; dura realidade existente não só no Brasil, mas também nos países que conviveram com a escravidão do povo negro. A exemplo do que diz a escritora Ângela Davis, em – *Mulheres, Raça e Classe* – ao tratar sobre a situação das mulheres negras nos Estados Unidos, no final do século XIX e início do século XX, poucas conseguiram se desvencilhar do trabalho doméstico e assédio dos patrões.

As mulheres brancas – incluindo as feministas – demonstraram uma relutância histórica em reconhecer a luta das trabalhadoras domésticas. Elas raramente se envolveram no trabalho de Sísifo que consistia em melhorar as condições do serviço doméstico. Nos programas das feministas “de classe média” do passado e do presente, a conveniente omissão dos problemas dessas trabalhadoras em geral se mostrava uma justificativa velada – ao menos por parte das mulheres mais abastadas – para a exploração de suas próprias empregadas. (DAVIS, 2016, p. 104)

Todos estavam cientes da liberdade do povo negro, mas não estavam (nem estão) dispostos a viver isso. As senzalas continuam latentes e deixam bem claro o que significa ser “quase da família”.

A mulher negra sobrevive num estado de vulnerabilidade constante, mantida refém de um sistema que segrega seus direitos, que explora seu povo, e que humilha sua história. E esse

passado se repete para muitas mulheres negras, mesmo depois de tanto tempo e de tantas lutas, nos deparamos com situações que nos põe em dúvida sobre em que época estamos vivendo.

Combater esse quadro é um desafio árduo, pois ainda vivemos em uma cultura que se recusa a falar sobre o racismo e a misoginia, muitas vezes rejeitando o exercício do debate e recorrendo a clichês e equívocos, como aqueles que tentam vender a ideia de uma democracia racial inexistente no Brasil. No campo da educação, nas escolas e universidades, essas mentiras também continuam a ser contadas como verdades e, assim, nossa cultura vai se construindo cada vez mais sobre a desvalorização e inferiorização da população negra. (ARRAES, 2015, p. 20)

E, é justamente com o intuito de desmascarar essas falsas verdades e adotar medidas emancipatórias para nossos alunos, que nós professores precisamos evidenciar a história da mulher negra no Brasil, bem como de toda raça, e mostrar o quão foram e são massacradas ainda hoje. É preciso trabalhar a identidade de cada aluno e a valorização das suas raízes. Seria essa uma forma de acabar com a hegemonia normatizada e dar voz a quem precisa.

Seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a resignificação das identidades, sejam elas de raça, de gênero, ou de classe, para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica. (RIBEIRO, 2017, p. 25)

Na busca por essa visibilidade, a escola assume papel essencial pois a ela compete viabilizar condições para que seus alunos resignifiquem suas identidades e rompam com o pensamento de hegemonia que afeta de forma sutil, mas extremamente drástica, a sociedade da qual eles fazem parte. A máxima de que é preciso conhecer para combater, se torna muito mais relevante na luta contra as desigualdades sociais, para não correr o risco de cairmos na vala comum e acharmos que desigualdades sempre existiram e sempre vão existir.

Diante das argumentações e atendendo ao que propõe a BNCC, ressaltamos a importância de se trabalhar os gêneros literários no ensino fundamental. Reconhecer que por meio do cordel é possível informar e conscientizar e tornar o aluno um leitor crítico e proficiente capaz de absorver do texto percepções que lhes ajudarão em circunstâncias reais. Sendo assim:

Para que a experiência da literatura- e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los.

Um sujeito que desenvolve critérios de escolhas e preferências e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores. (BNCC, 2018)

Helder Pinheiro e Ana Cristina (2012, p. 88) afirmam que: “A poesia popular, portanto, retrata e põe em questão diferentes aspectos da sociedade e pode funcionar, como qualquer outra literatura, como instrumento de deleite e reflexão”. Com isso, nos convencem de que a literatura de cordel ao passo que nos permite uma leitura de fruição, nos permite também enredar pelo viés denunciativo que exerce importante papel social entre leitores e ouvintes de todas as idades. O cordel é, nessa perspectiva teórica, um gênero discursivo escrito e, como tal, além de constituir-se pelos aspectos citados, também interage com todos os outros gêneros discursivos. Características que Jarid Arraes chama de cordel engajado.

Esse tipo de cordel com proposta social é chamado de Cordel Engajado e pode trazer política, defesa de causas e críticas sociais para a literatura de uma maneira profundamente envolvente. Afinal, a literatura de cordel é excelente para entreter e divertir, mas é melhor ainda quando consegue contribuir para a transformação da sociedade em uma realidade onde exista mais equidade e respeito pela diversidade. (ARRAES, 2015, p. 20)

O cordel é, pois, um forte aliado do professor no tratar das questões de abordagem social como preconceito racial e de gênero, discriminação socioeconômica ou religiosa. Dessa forma, partir das dificuldades de ser uma mulher negra numa sociedade preconceituosa denunciadas nos cordéis nos parece um excelente recurso para promover reflexão e reconhecimento de identidade em nossos alunos. Recursos, até então, não utilizados o suficiente para esse fim. A discriminação da mulher negra e o preconceito contra sua luta são temas que necessitam e exigem de nós, professores, medidas imediatas pois, os danos causados por essas práticas precisam ser contornados e combatidos desde cedo, ainda na formação do aluno enquanto ser pensante crítico. Numa perspectiva da literatura de cordel, ao passo que trabalharemos a percepção e sensibilidade literária dentro do texto, abordaremos também, questões como a discriminação, a luta da mulher negra ao longo da história e chamá-los a refletir sobre como esses fatores estão presentes no nosso cotidiano.

O trato preconceituoso dispensado às meninas negras é muito comum e bem problemático entre os alunos da Escola D. Pedro I. São comportamentos que acontecem em sala, mas que transpõem os muros escolares e comprometem, a longo prazo, toda comunidade ligada a esses alunos. Nilma Gomes já havia observado que:

A escola é uma das instituições onde essa situação pode ser observada com muita força e frequência. Tanto entre discentes quanto docentes, a linguagem na escola tende a discriminar os negros e as negras. E isso acontece tanto numa dimensão simbólica quanto prática. (GOMES, 2016, p. 121)

Se o preconceito e a discriminação ultrapassam os limites escolares, a conscientização e o respeito às diferenças também ultrapassarão. Então, é mais um motivo para promovermos em nossos alunos as transformações que a literatura – sobretudo a de cordel – nos possibilita.

Com a literatura de cordel como aliada, o clichê de “mudar o mundo” não soa tão inalcançável. Os folhetos de cordel são baratos, acessíveis e extremamente fáceis de transportar e de compartilhar com outras pessoas. Melhor ainda: são ideais para utilização em sala de aula. Entre rimas, estrofes e melodias, muitos assuntos pertinentes podem ser tratados e debatidos. (ARRAES, 2015, p. 20)

A importância disso não é só para alunos e professores, mas para toda comunidade na qual a escola está inserida, pois ela sentirá primeiro os reflexos dessa ação. Sabemos que os frutos que se colhem da educação demoraram um pouco para brotar, mas desde o plantio as sementes são modificadas. Tão importante quanto conhecer a história das lutas do negro e da mulher negra em busca de uma sociedade mais justa e igualitária, é reconhecer essas histórias como suas próprias raízes e fazer parte efetiva dessa luta, independentemente da cor da sua pele. Essa intervenção é um chamado para o enfrentamento ao preconceito que adoecem a comunidade escolar e consequentemente a sociedade. A obra literária escolhida para essa intervenção foi “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”, de Izabel Nascimento. Neste cordel, pretendemos analisar como é ser mulher negra, na perspectiva da autora, e em que suas proposições convergem com as concepções dos alunos em relação ao tema.

A relevância desse trabalho está na contribuição que dará aos professores de Língua Portuguesa e ao Proletras. Embora, muitas pesquisas acerca da literatura de cordel, do preconceito étnico racial, e do feminismo negro tenham sido desenvolvidas, e, por mais que haja uma farta bibliografia que discorre sobre as temáticas apresentadas, a exemplo de Cuti, Djamilla Ribeiro, Angela Davis, Shimamanda N. Adiche e tantos outros citados no corpus dessa pesquisa, ainda assim, essa intervenção se faz necessária, pois propõe a partir da leitura do cordel – “A mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte” – apresentação das várias nuances do preconceito contra a mulher negra no Brasil e de como essas nuances nos afetam diretamente, além de tratar a abordagem poética e social da literatura de cordel no desenvolvimento e exercício do senso crítico do aluno.

O preconceito contra a mulher negra e contra sua luta na busca por direitos são questões que precisam ser trabalhadas com a turma escolhida, uma vez que o trato preconceituoso, tanto pelo gênero quanto pela etnia, entre alunos da Escola D. Pedro I é muito comum e excludente. Comportamentos que transpõem os muros escolares e comprometem, a longo prazo, toda comunidade ligada a esses alunos. Do mesmo modo que o preconceito e a discriminação ultrapassam os limites escolares, a conscientização e o respeito às diferenças também ultrapassarão, então, é mais um motivo para promovermos, na escola, a mudança que queremos fora dela também. A importância disso não é só para alunos e professores, mas para toda comunidade na qual a escola está inserida, pois ela sentirá primeiro os reflexos dessa ação. Sabemos que os frutos que se colhem da educação demoraram um pouco para brotar, mas desde o plantio as sementes são modificadas.

Com base nas razões teóricas apresentadas para realização dessa pesquisa e intervenção na Escola D. Pedro I, no povoado Aguada – Carmópolis, é que pautamos os seguintes objetivos: Promover letramento literário; destacar a importância da literatura de cordel na constatação e enfrentamento de problemas sociais; debater o preconceito racial e sexista por meio da literatura de cordel.

2. TRILHAS METODOLÓGICAS

O desempenho na leitura tem sido um aspecto desafiador em sala de aula para nós professores. De modo geral, observando o desempenho dos alunos do Ensino Fundamental em avaliações de longa escala, principalmente, no que diz respeito à leitura, sentimos que ainda há muito por fazer. Comparando os resultados dos nossos alunos nos exames de avaliação da leitura às metas pré-determinadas pelo sistema de avaliação nacional, nos deparamos com as incômodas ocupações dos últimos lugares nas classificações. Fato inquietante e que nos convida a uma reflexão sobre nossa prática enquanto mediador da aprendizagem. Nos detendo à realidade dos alunos do 7º ano da Escola Municipal D. Pedro I, além das questões do baixo desempenho na leitura foi agregada também a questão do enfrentamento ao preconceito de raça e gênero, como relatada anteriormente.

Em virtude desse cenário desafiador, e por entender que somos nós, professores, os principais agentes de transformação individual e coletivo é que fui instigada a desenvolver esse trabalho de pesquisa com uso da leitura literária. No âmbito da pesquisa ativista, essa situação se configura “como um problema metodológico das ciências sociais, a lembrar a necessidade de envolver os sujeitos na própria pesquisa por forma a gerar uma melhor correlação entre pesquisa e a realidade.” (SANTOS e MENESES, 2010, p. 162)

A fim de alcançar os objetivos aqui propostos, recorreremos ao método da pesquisa ativista que denota uma relação baseada em valores partilhados convergindo para os objetivos comuns em diferentes ambientes institucionais. Na escola, na comunidade ou no núcleo familiar, o indivíduo compartilha ideias e comportamentos que interverem no seu fazer cotidiano e, por isso, essas ideias precisam estar concatenadas aos valores morais, sociais e humanos pautados teoricamente a favor da prática. A ideia principal da pesquisa-ativista, segundo Santos e Meneses (2010, p. 157), “reside numa conceptualização dicotômica da teoria e da prática que a pesquisa busca presumivelmente superar no mundo acadêmico”.

Em acordo com este pensamento, o presente projeto buscou desenvolver-se alinhando as atividades práticas em sala de aula aos suportes teóricos que embasaram tanto as questões étnico-raciais e gênero como os suportes literários no uso do cordel para promoção do letramento literário percorridos nesse relatório e posto em prática no caderno pedagógico.

Seja de uma forma implícita ou explícita, toda teoria implica uma prática, seja ela de que tipo for, inversamente, toda prática é enformada por alguma teoria, seja explícita

ou implícita. O desafio que se coloca tanto aos ativistas como aos pesquisadores é tornar explícito aquilo que há de implícito em suas teorias e práticas. (SANTOS e MENEZES, 2010, p. 157)

Com intuito de promover o letramento literário e provocar reflexões acerca das questões raciais bem como das situações de discriminação da mulher negra em situações cotidianas e no afã de diminuir as barreiras que dificultam a formação de leitores proficientes, desenvolvemos um Caderno Pedagógico no qual propomos colocar em prática atividades elaboradas visando alcançar os objetivos já apresentados. A pretensão é correlacionar a parte prática ao que é orientado pela teoria da pesquisa ativista, pois:

O primeiro passo para iniciar qualquer movimento de transformação é o reconhecimento dos sentimentos em relação àquilo que estamos fazendo. Ninguém conseguirá processar a mudança de um preconceito de sexo, cor, ou outro qualquer, sem que antes reconheça, de coração aberto, que possui esse preconceito. Reconhecimento implica não só uma ação intelectual, mas um reconhecimento pleno, em que o coração e a mente estão fundidos numa totalidade de conhecimento. Caso contrário, mantém-se como um veneno fechado numa cápsula. (LUCKESI, 2011, p. 180)

Ainda em consonância com Santos e Meneses (2010, p. 166), “é a partir do conhecimento prévio da teoria que o indivíduo se entrega a práticas sociais, incluindo ações apontadas à mudança da sociedade”. Por isso, propomos um trabalho voltado para questões que favorecem o letramento literário, bem como a promoção de debates e reflexões em torno do preconceito étnico-racial, mas com maior foco na discriminação da mulher negra. Essas ações se darão por meio da leitura do folheto de cordel “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”, de Izabel Nascimento.

De acordo com isso, o presente trabalho sugere que se faça uma intervenção pedagógica com práticas interativas a partir da literatura de cordel, que permitem aos alunos uma visão crítica sobre problemas de natureza gênero raciais e sobre como as consequências desses problemas interferem direta e indiretamente em suas vidas. que tem com a principal característica a realização de uma intervenção social em meio a sua aplicação. Segundo Santos e Meneses (2010, p. 159): “A tônica, aqui, deve ser posta não apenas naquilo que conhecemos, mas no modo como conhecemos aquilo que conhecemos”. Ou seja, o que importa é compreender de que maneira os problemas identificados na pesquisa afetam (e se afetam) as relações sociais e interpessoais desses alunos e descobrir que olhar eles direcionam para as questões levantadas. O engajamento esperado está diretamente ligado ao ponto de vista de cada uma das partes.

Os pesquisadores e os participantes envolvem-se no trabalho de forma cooperativa. É considerada também uma forma de engajamento sociopolítico a serviço da causa das classes populares, quando voltada para uma orientação de ação emancipatória e de grupos sociais que pertencem às classes populares e dominadas (PRODANOV E FREITAS, 2013, p. 66)

Trabalhamos com o folheto de cordel por entender que a literatura pode desencadear com eficiência um novo pacto entre o aluno e o texto, bem como aluno e professor. Por atender aos requisitos para essa intervenção e por, naturalmente, possuir caráter denunciativo, características essenciais num texto que se pretende usar como meio de promoção de debates e reflexão. Mostraremos que o cordel vai além de um jogo de palavras rimadas, a despeito disso, é um jogo de esclarecimento, discussão e aprendizado.

A produção cordeliana cumpre os pressupostos. É literatura. E mais: pela sua importância superior na construção identitária de um povo, não pode mais ficar de fora dos estudos sobre formação da literatura brasileira, nem ser um mero artigo parente do artesanato (LUCIANO, 2012, p.54)

“A leitura é necessariamente um a descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual cumpre deixar que este processo se viabilize na sua plenitude”. Essa assertiva de Zilberman (2009, p.36) reforça a pretensão desta sequência didática que prever uso do cordel numa metodologia mais ativa, na qual o aluno adote um perfil muito mais participativo, protagonista e responsável pelo seu próprio aprendizado. Prevê ainda, geração de conflitos a fim de aguçar seu nível de criticidade e desenvolver uma boa relação de interdisciplinaridade e por conseguinte, amadurecimento socioemocional.

Se é a literatura de ficção, na sua globalidade, que deflagra a experiência mais ampla da leitura, sua presença no âmbito do ensino provoca transformações radicais que, por isso mesmo, são imprescindíveis. Além disso, ela é a condição de o ensino tornar-se mais satisfatório para seus principais interessados, a saber, os sujeitos que transitam pela sala de aula, sejam professores sejam alunos. (ZILBERMAN, 2009, p. 36)

Todas essas proposições defendem da ideia de que é possível ensinar gêneros textuais e trabalhar questões sociais de maneira ordenada e conjunta, por isso a sugestão do gênero cordel para essa intervenção. Coadunamos a sugestão dessa experiência ao que aparece também na BNCC ao dizer:

Uma estratégia eficaz para motivar o processo de aprendizagem é trabalhar com gêneros orais da mesma forma que sobrepõe o trabalho com leitura e produção escrita,

compartilhando desde o início os objetivos pretendidos com os estudantes, de acordo com a prática social e de linguagem a ser explorada. (BRASIL, 2018, p. 23)

2.1. Sobre a escola e os alunos

A Escola Municipal D. Pedro I, localizada em zona rural, no povoado Aguada é pertence a rede municipal de ensino de Carmópolis-SE. Em sua infraestrutura a escola conta com oito salas de aula, sala de leitura, pátio, sala de professores, biblioteca e laboratório de informática, embora, não disponha de internet suficiente para a demanda. Possui diversos equipamentos, no entanto, muitos deles estejam precisando de reparos ou substituição. A escola atende a 500 alunos dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos. E, como a maioria das escolas públicas, encontra-se com média em estado de alerta. Apresentou média 2,9, de acordo com avaliação do IDEB em 2017. O que revela a urgência de medidas didático pedagógicas visem a melhoria e, gradativamente, o reparo dessa deficiência na evolução dos alunos.

Quanto à turma para qual foi pensada esse projeto é a do 7º ano B, turno vespertino que contabiliza 27 alunos matriculados, mas com frequência média de 22 alunos/dia. São meninos que apresentam relevante distorção idade/série, pois suas idades variam entre 14 e 18 anos, quando a idade prevista para esta série é de 12 anos, entre os integrantes da turma, apenas 08 são mulheres. São alunos que apresentam comportamentos e ideias preconceituosas, ainda que “sem perceberem”, ou seja, não acham que estão discriminando ou julgando ninguém. Percebi num processo de observação, a importância de desenvolver com esta turma, o meu trabalho de pesquisa. De modo que todas as ações elaboradas tiveram o perfil desta turma como foco.

2.2. Nas entrelinhas dos procedimentos

O presente trabalho de intervenção apresenta uma sequência didática que propõe a leitura e estudo do gênero Cordel como suporte para melhorar habilidade leitora dos alunos e promover reflexões sobre a discriminação da mulher negra na sociedade, numa perspectiva da obra – “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte” – folheto de Izabel Nascimento. Além de oportunizar a intimidade com o texto literário, sugere também a viabilização de debates entre alunos, a fim de promover ações de combate ao racismo, preconceito e discriminação da imagem da mulher negra.

Para execução dessa sequência didática, foi proposto que suas etapas sejam desenvolvidas em 11 aulas, que seriam previamente agendadas com os alunos. O foco principal dessa sequência didática está no incentivo às ações afirmativas de reconhecimento, reparação e valorização da mulher negra. Para tanto, proporciona reflexões que desenvolvem a visão crítica dos alunos diante destas ações e situações. A escolha do Caderno Pedagógico como produto final deste trabalho justifica-se pela necessidade de um material didático pedagógico que nos permita potencializar o trabalho com o texto literário em sala de aula e que nos possibilite também alcançar os objetivos propostos a partir da leitura de um folheto de cordel.

O trabalho propõe, em sua estrutura, um teste diagnóstico que pode ser feito por meio de um questionário, de um texto autoral dos alunos ou, simplesmente, por meio do olhar atento do professor para o comportamento e desempenho dos estudantes em sala de aula e/ou diante de uma situação criada com esse objetivo. Embora essa tarefa seja uma atividade proposta nessa sequência didática, não foi possível desenvolvê-la em sala de aula em virtude da pandemia do Covid-19. O isolamento social e a suspensão das aulas presenciais impossibilitaram a aplicação do teste diagnóstico de forma sistematizada, no entanto, numa atividade oral realizada um pouco antes da suspensão das aulas presenciais, foi possível colher informações que serviram de elementos indicativos que foram de suma importância para dar continuidade a este trabalho de pesquisa.

A atividade realizada se assemelha à técnica que chamamos “tempestade de ideias”. O objetivo seria investigar o pensamento dos alunos sobre determinados temas. O professor sugere uma palavra e os alunos dizem outra que tenha a ver com a que apresentada pelo professor. Na ocasião, disse para eles que se tratava de uma dinâmica para integração da turma e que faríamos um debate a partir das respostas apresentadas. Mas, o que realmente queria com essa atividade, era traçar um perfil dos alunos em relação às questões étnico-raciais e sua relação com a escola e a literatura de cordel. A atividade apresentou os seguintes passos: Primeiro foi sugerido que os alunos fizessem um semicírculo para proporcionar uma melhor visualização entre todos da sala; Em seguida foi dito que a professora apresentaria algumas palavras e que para cada uma apresentada eles deveriam responder com uma outra, a primeira que viesse às suas mentes. As palavras apresentadas pela professora foram: *África, mulher, dinheiro, negro, escola, sonhos, cordel e preconceito*.

A princípio os alunos se mostraram resistentes e apenas um pequeno grupo respondia, em seguida os demais foram se envolvendo e a atividade se mostrou bem dinâmica. A turma

do 7º ano B era composta por 27 alunos, sendo 08 meninas e 19 meninos entre 14 e 18 anos, um dado relevante para o traçar de perfil da turma.

Quanto à atividade, foi possível notar alguns pontos em comum entre eles, todos apresentaram a mesma concepção em relação às palavras *África*, *dinheiro* e *preconceito*. Apesar de usarem verbetes diferentes, a ideia preconcebida para eles é a de que a *África* sinônimo do “povo negro” e da “pobreza”; sobre o *dinheiro* todos remeteram a status social, poder e algo distante deles; sobre o preconceito todos os alunos repudiaram com palavras como “doença”, “crime”, “desprezo”.

Em relação aos temas, as concepções variaram bastante. Uma informação relevante e que chamou atenção foi o fato de a *mulher* estar (continuar) associada a objeto sexual pela grande maioria dos alunos. Em resposta, eles citaram palavras como “gostosa”, “bonita”, “bicho bom”, “só pra macho”, “delícia”, entre outras. Nota-se que o estigma da sexualização e objetificação da mulher ainda continua sendo passada entre gerações sem muita preocupação; sobre o *negro*, as respostas alternavam entre “força” “pegador” e pessoa “normal”; e por fim, sobre o *cordel*, a maioria já teve contato antes com a literatura popular. As opiniões se dividiram entre gostar e não gostar desse tipo de leitura, entre conhecer ou não quais os elementos que fazem parte de um texto em cordel e até mesmo em identificar o papel social dessa literatura denunciativa.

Ainda que esta atividade não tenha sido pensada como uma estratégia para o teste diagnóstico, as informações colhidas ao final dela direcionaram algumas decisões na elaboração desta Sequência Didática. A partir dela, ficou evidente a necessidade de se trabalhar em sala de aula com a literatura de cordel a fim de se explorar os muitos elementos que compõem esta arte, tanto por sua parte estrutural como por sua parte subjetiva. Somado aos resultados das avaliações nacionais como SAEB e PROVA BRASIL, por exemplo, a promoção do letramento se tornou ainda mais necessária.

Por apresentar características híbridas, a literatura de cordel possibilita o desenvolvimento de práticas pedagógicas focadas no letramento literário, na proficiência leitora do aluno, trabalhar a oralidade, a expressão corporal e ainda promover discussões e desenvolver o senso crítico do aluno a partir das denúncias sociais e da diversidade cultural do povo brasileiro, comuns nessa literatura.

2.3- Sequência Didática

Para o desenvolvimento do produto deste trabalho, foi elaborada uma intervenção pedagógica no formato de uma sequência didática básica, modelo que Cosson (2009) sugere para esse nível de ensino, embora não condene a aplicação da sequência expandida pelo professor do Ensino Fundamental.

Naturalmente, há entre as duas sequências muitas possibilidades de combinação que se multiplicam de acordo com os interesses, textos e contexto da comunidade de leitores. Além disso, nem a sequência básica nem a expandida devem ser tomadas como limites do baixo e do alto, aos quais não se pode ultrapassar. (COSSON, 2009, p. 48)

Alinhada a esse pensamento, esta sequência didática básica foi desenvolvida seguindo essas quatro etapas:

1. Motivação
2. Introdução
3. Leitura
4. Interpretação

Compreendendo as etapas

1. Motivação é o processo que favorece um mergulho na leitura. Segundo Cosson (2009, p.54), é “a antecipação à leitura, preparando o aluno para o texto, estabelecendo laços com a leitura que virá”. É o momento em que o aluno se sente atraído em conhecer mais a respeito da futura leitura e cria, a partir dessa fase, expectativas para o próximo texto. Essa prática requer do professor habilidades para conduzir o processo da leitura como um todo, ou seja, cada uma das partes é essencial e integra a leitura do texto principal. Ainda de acordo com Cosson (2009, p. 55), “Ela deve ser pautada em “uma situação que proporcione aos alunos se posicionarem, possibilitando a integração da leitura, da escrita e da oralidade”

Ao denominar *motivação* a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que o seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação [...] as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. (COSSON, 2009, p. 54-54)

2. Introdução é a apresentação do autor e da obra. É nesse momento que o aluno entrará em contato com a obra a ser explorada, embora se exija a apresentação da bibliografia do autor,

exige-se também do professor cautela nessa apresentação, não precisa ser uma apresentação extensa, pois a intenção dessa etapa não reconstituir a intenção do autor ao escrever a obra, mas fornecer informações básicas sobre o autor, se possível, ligadas àquelas do texto. Cosson (2009), em *Letramento Literário, teoria e prática*, ressalta que “independentemente das estratégias usadas para introduzir a obra, o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos alunos.” E diz ainda:

Por fim, é preciso que o professor tenha sempre em mente que a introdução não pode se estender muito, uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva. Desse modo, a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra, são as características de uma boa introdução. (COSSON, 2009, p. 61)

3. Leitura é o processo de captação das informações que o texto oferece, no entanto, para que o processo de leitura efetivamente aconteça é necessário que haja um acompanhamento dessa etapa, sobretudo, se os textos usados forem longos. E, nesse caso, é indicado que a leitura seja feita fora da sala de aula, podendo ser realizada na casa do aluno, na biblioteca ou em qualquer outro ambiente adequado, por um determinado tempo.

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura. (COSSON, 2009, p. 62)

Cabe ao professor, nesse período, auxiliar o aluno em suas dificuldades e promover intervalos de leitura, ou seja, sugerir aos alunos que comentem e apresentem resultados do que já foi lido, por meio de uma simples conversa ou de atividades específicas. Contudo, a leitura carece de acompanhamento e compartilhamento para que seus objetivos não se percam. Cosson nos orienta ao dizer:

A leitura em voz alta é uma necessidade porque o leitor não está impedido de fazê-lo silenciosamente por si mesmo, mas também uma forma de sociabilidade. Ler para o outro nunca é apenas oralizar um texto. Ledor e ouvinte dividem mais que a reprodução sonora do escrito, eles compartilham um interesse pelo mesmo texto, uma interpretação construída e conduzida pela voz, além de outras influências recíprocas que, mesmo não percorrendo os caminhos sugeridos pela ficção, são relações importantes de interação social. COSSON (2020, p. 104)

Restringir o folheto à leitura silenciosa é limitar seu poder de comunicação e enfraquecer sua recepção e aceitação. A prática da leitura em voz alta é um instrumento importante para uma aproximação ao texto poético, uma das normas de leitura apontada por Adler e Doren:

Leia o poema novamente – mas leia-o em voz alta (...) você verificará, quando ler o poema em voz alta, que o próprio ato de pronunciar as palavras obriga-os a entendê-las melhor. Não poderá passar por cima de uma frase ou de um verso mal compreendido com tanta facilidade se estiver lendo em voz alta. (...) (ADLER e DOREN, 1974, p. 220 apud PINHEIRO, 2018, p. 32)

4. Interpretação é a inferência que se faz do texto lido. Sem ignorar a complexidade da interpretação e sem transformá-la em obstáculo a ser ultrapassado. Cosson propõe pensá-la em dois momentos: um interior e outro exterior.

O primeiro é o momento íntimo do leitor com o texto, é o que compõe o núcleo da experiência literária e ele não deve ser substituído por nenhum mecanismo pedagógico. É aquele que “acompanha a decifração palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura.” (COSSON, 2009, p. 65)

Não significa dizer com isso, que esse momento não sofre influências ou que se trate de um momento mágico entre leitura e leitor, mas um processo que é afetado pelo que se faz antes e durante a leitura, ou seja, a interpretação é resultado do que foi feito na motivação, introdução e leitura, logo, são os elementos de interferência da escola no letramento literário. A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura, portanto, por mais íntima que ela seja, por mais individual e pessoal que seja esse momento, a interpretação continua sendo um ato social.

O segundo é o momento externo que se dá com a concretização da interpretação. Quando ao final da leitura de um livro nos sentimos tocados pelas verdades do mundo que o livro nos revela, quando sentimos a necessidade de compartilhar a experiência com algum amigo e dizer como isso nos afetou. Contudo, na escola, a interpretação deve ser compartilhada, dessa forma, ampliando os sentidos construídos individualmente, o que possibilita a ampliação dos horizontes da leitura. “É a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independentemente dela”. (COSSON, 2009, p. 65)

O pesquisador enfatiza ainda que esse trabalho requer uma condução organizada, mas sem imposições. Não se pode supor que exista apenas uma interpretação correta, assim como não deve considerar que todas as possibilidades de interpretação valem a pena.

As atividades da interpretação, como a entendemos aqui, devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro. Esse registro vai variar de acordo com o tipo de texto, a idade do aluno e a série escolar, entre outros aspectos. [...] O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar. (COSSON, 2009, p. 67-68)

Todas elas são essenciais e devem ser aplicada com igual comprometimento, pois cada etapa é pré-requisito para o sucesso da outra nesse processo de letramento literário e proficiência leitora.

2.3.1- Objetivos

- Promover a leitura do folheto de cordel “A mulher negra no contexto da educação, cultura e arte”, de Izabel Nascimento, a fim de possibilitar aos alunos a intimidade com a literatura de cordel bem como conhecer os elementos estruturais e subjetivos do texto;
- Proporcionar reflexões e discussões acerca das situações de discriminação da mulher negra apresentadas no folheto escolhido promovendo assim, ações afirmativas de reconhecimento, valorização da mulher negra a fim de possibilitar ações de combate ao racismo, preconceito e discriminação;
- Desenvolver as atividades propostas nesta sequência didática buscando alinhar a prática à teoria que embasa este trabalho bem como promover a intertextualidade entre o cordel e outros gêneros textuais.

2.3.2- Conteúdos contemplados

- Leitura reflexiva e investigativa do folheto de cordel A mulher negra no contexto da educação, cultura e arte, de Izabel Nascimento;
- Elementos e estrutura da literatura de cordel;
- Intertextualidade;
- Linguagem verbal e visual.

Tempo estimado de execução

- 11 aulas (50 minutos cada)

2.3.3 - Estratégias de ação

Esta sequência didática foi elaborada para ser desenvolvida junto aos alunos do 7º ano da Escola Municipal D. Pedro I, localizada no povoado Aguada, no município de Carmópolis-SE. Ela está dividida em quatro etapas com a execução distribuída em 10 horas/aulas. De acordo com o letramento literário, proposto por Cosson (2009), trabalharemos as etapas da sequência básica a qual será pautada na lei 10.639/03, norteadas pelo cordel de Izabel Nascimento que descreve e denuncia várias situações de discriminação e opressão da mulher negra ao longo da história desde o período formal de escravidão.

A avaliação da aprendizagem nesta sequência didática se dá de forma qualitativa e deve acontecer gradativamente ao longo do desenvolvimento dessa Sequência Didática, no entanto, para culminância desta atividade se propõe a produção escrita de um cordel autoral com temas relacionados ao preconceito e discriminação da mulher negra, bem como a confecção e apresentação de um folheto com o texto produzido. Pois sabemos que “A avaliação é um ato de investigar a qualidade dos resultados intermediários ou finais de uma ação, subsidiando sempre sua melhora” (LUCKESI, 2011, p. 184)

É importante que antes de iniciarmos qualquer uma das etapas, informemos aos alunos sobre as atividades a serem realizadas, a quantidade de aulas destinadas para isso, o cronograma das tarefas e, caso atribuamos alguma nota para essa atividade, informemos também o valor da pontuação. Vale ressaltar que o envolvimento de todos é imprescindível para o sucesso da atividade como um todo. Nas palavras de Luckesi:

Assim, planejamento e avaliação são atos que estão a serviço da construção de resultados satisfatórios. Enquanto o planejamento traça previamente os caminhos, a avaliação subsidia os redirecionamentos que venham a se fazer necessários no percurso da ação”. (LUCKESI, 2011, p.184).

2.3.4 - Etapa 1 - Motivação (02 aulas)

- Neste momento inicial, em uma conversa com os alunos, a professora sugere que os eles se organizem em 06 grupos e, em seguida, os informa sobre esse trabalho de intervenção

e passa as primeiras orientações sobre seu desenvolvimento. Após a apresentação do projeto, ela exhibe um leque de envelopes coloridos para que cada grupo escolha um deles. Nestes envelopes contém textos com a mesma abordagem temática, mas com gêneros textuais diferentes, a saber, propagandas, poema, música, estrofes de cordel e recortes de jornal (anexo). O intuito é despertar a curiosidade dos alunos para a temática abordada e instigar a leitura desses e de outros textos que sejam relacionados ao tema.

Os alunos abrem seus envelopes e fazem a leitura dos seus respectivos textos. Nessa ocasião, a professora deve orientá-los a compartilhar a leitura com os demais grupos e instigar uma discussão sobre a temática dos textos, além de observar as reações dos alunos ao discutirem o assunto com os colegas. Esse é um momento importante, pois permite uma avaliação da receptividade dos alunos em relação a proposta apresentada. Após esgotadas as discussões em torno dos textos, a professora, se ainda julgar necessário, complementa com mais alguns pontos que não tenham sido abordados nessa fase. Depois da exploração do tema, o próximo passo dessa etapa é a resolução de um exercício de sondagem que serve também como teste de entrada ao qual os alunos respondem com base nas discussões anteriores. A professora entrega as atividades impressas aos alunos e estes respondem de acordo com suas concepções. Para esse exercício foram elaboradas as seguintes questões:

- 1) Com base na atividade anterior, o que você acha que motivou a escolha dos textos verbais e não verbais dentro da temática apresentada aqui? Levante hipótese.
- 2) As imagens seguintes são de propagandas que circularam em épocas diferentes da História. O que elas têm em comum e o que mais lhe chama a atenção?

a)



Figura 2 - Imagem retirada da internet

b)



Figura 3- Imagem retirada da internet

3) As imagens fazem referência a produtos de higiene e limpeza. Como você interpreta o uso da figura de uma mulher negra e de uma mulher branca para representar a mensagem da propaganda?



Figura 4 - Imagem retirada da internet

4) Observe a estrofe do cordel “Coisa de Preto”, de Daniela Bento.

O que é coisa de preto?
 É ficar limpando o chão?
 Não ser líder de partido?
 Nem chefe de redação?
 Se você só pensa assim
 Reveja a opinião.

a) Em sua opinião, por que esses versos estão em formato de perguntas?

b) Como você responderia a esses questionamentos?

5) Você conhece algum outro cordel? Como foi seu contato com esse tipo de texto?

6) Qual a última notícia sobre preconceito racial ou sobre discriminação de gênero que você asistiu na tv? Esses acontecimentos lhe causam estranheza? Justifique.

Espera-se nessa fase que os alunos estejam bem envolvidos com a atividade e com a temática, “para que isso aconteça, torna-se necessária a entrega ao desejo. É a ação com paixão. Sem entrega à atividade, todos os conhecimentos utilizados não terão vida, não serão fertilizados pela emoção” (LUCKESI, 2011, p. 183). Para alimentar a paixão pelo projeto e para expandir conhecimentos, a professora solicita aos alunos que pesquisem mais informações a respeito das desigualdades étnico-raciais, confeccionem cartazes ou selecionem textos e apresentem na aula seguinte.

2.3.5- Etapa 2. Introdução (02 aulas)

No primeiro momento, para manter desperto o interesse dos alunos pela temática, a professora retoma as atividades da aula anterior orientando sobre a apresentação das pesquisas. Os alunos exibem seus cartazes ao mesmo passo que fazem comentários sobre o que encontraram em suas pesquisas e fazem uma ponte com as atividades desenvolvidas na primeira etapa dessa sequência didática. Agora que os alunos já estão envolvidos, a professora apresenta a obra e a autora que subsidiam as atividades deste trabalho.

A apresentação do folheto e da escritora se dá por meio de imagens e textos impressos em um cartaz que, posteriormente, é afixado no mural da sala, uma estratégia para manter os alunos em contato com os elementos de estudo em outros momentos e não só durante as aulas de Português. Em salas que possuem *datashow*, a apresentação pode ser exibida em slides e discutidas mediante as apresentações. Feita a devida apresentação, a professora faz um breve resumo sobre o folheto de cordel e sobre sua autora, como um convite para apreciação da obra, mas precisa ter cautela com as palavras e fazer isso com sutileza para não estragar o momento do aluno antecipando a leitura. A professora justifica a escolha da obra e do gênero e permite que os alunos vejam, peguem, sintam o folheto do cordel. Enquanto os alunos circulam o folheto entre eles, a professora orienta seus olhares para uma primeira leitura - a verbo-visual - chamando a atenção para a capa, contracapa e para outros elementos paratextuais que envolvem uma obra.

No segundo momento, após a exposição do livreto físico e do cartaz, a professora faz indagações sobre a obra e a autora, a fim de que os alunos percebam se há ou não alguma relação entre as duas partes, além de observarem também as características e informações preliminares do cordel escolhido. As informações contidas no cartaz são as que seguem abaixo.



Figura 5 - Izabel Nascimento.

Sobre ser mulher no cordel

“Ser mulher no cordel é resistência.

É ser resistência dentro da resistência poética. É honrar essa ancestralidade.”

“Algumas pessoas acham que quem escreve Cordel não precisa pesquisar, mas este é um grande engano. Quem quer escrever de forma responsável e tentar falar ao coração das pessoas, além de ter o compromisso com a pesquisa, precisa ter noção da responsabilidade de ser poeta.”

Sobre a poetisa

Izabel Cristina Santana do Nascimento é sergipana de Aracaju, a pedagoga, poetisa, cordelista e fundadora da Academia Sergipana de Cordel. Filha do casal de poetas populares pernambucanos, Pedro Amaro do Nascimento e Ana Santana do Nascimento, radicados em Aracaju. Izabel Nascimento nasceu no dia 22 de agosto de 1979 e provou que herdou a veia poética dos pais, com apenas 7 anos começou a escrever seus primeiros versos e com 13 anos o primeiro folheto, “Um falso amor” (1993), que foi publicado em 2004.

Fala da autora sobre a literatura de cordel na escola:

“A escola tem um papel fundamental no que diz respeito à promoção da cultura. É preciso destacar a importância de ter a literatura de cordel na prática pedagógica e na formação de pessoas no ambiente escolar. Com isso, os professores passam para os alunos a valorização da nossa poesia, dos nossos poetas e da literatura de cordel como patrimônio da literatura brasileira. O cordel é uma rede abrangente onde estão contidas não somente as pessoas que escrevem e publicam, mas também por quem escreve, quem lê, edita, revisa, vende, pesquisa. Ampliar este olhar é necessário para aprofundar as discussões e erradicar a mentalidade rasa com as quais ainda nos deparamos.”

Sobre a Academia Sergipana de Cordel

Academia Sergipana de Cordel fundada em 17 de julho de 2017 tem como patrono João Firmino Cabral, uma das grandes referências do cordel em Sergipe e no Brasil. “Um dos compromissos da Academia é eternizar a memória de João Firmino e dos cordelistas que ajudam a escrever a nossa cultura.” (Nascimento, 2019)

A ASC é uma entidade responsável por preservar esse movimento literário em Sergipe, organizar seus escritores e projetar nossa cultura para outros estados e regiões do país. Sua

idealizadora e fundadora, Izabel Nascimento, esteve à frente da presidência da Academia Sergipana de Cordel desde a sua fundação até 30 de janeiro de 2021. A Academia Sergipana de Cordel conta com 37 cadeiras, das quais 11 são ocupadas por mulheres. Embora seja a Academia ligada à Literatura de Cordel com o maior número de mulheres em sua composição, este é um número ainda pequeno para a quantidade de mulheres cordelista que temos em nosso Estado, prova de que há um caminho longo a ser trilhado na busca da igualdade de gênero também no universo cordelístico.

Sobre o folheto



A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte - de Izabel Nascimento (2015)

Cordel escrito para homenagear as Mulheres Negras num evento alusivo ao Dia da Consciência Negra.

Na literatura de cordel existe uma relação muito significativa entre a capa do folheto e o próprio enredo. Todos os detalhes do livreto são elementos linguísticos que fazem parte da leitura e, portanto, fazem parte do todo e são essenciais na compreensão da história.

1. Observe as imagens e responda: o que as duas fotos têm em comum? E o que as diferenças entre elas representa?
2. Uma das imagens apresentadas é de uma foto do livro que vamos ler, você conhece a pessoa que aparece na capa? Levante hipóteses sobre a identidade desta pessoa.
3. E sobre a escritora, o que mais você sabe a respeito dela?
4. Você percebeu alguma ligação com as atividades da aula anterior? Explique.

Com as indagações, a professora recobra as discussões iniciais na intenção de estabelecer uma relação intertextual para os alunos, e de possibilitar que eles agucem sua habilidade de

leitura, compreensão e inferência do texto independente do gênero. Com o objetivo de mantê-los participativos na realização dessa atividade, a professora entrega cópias do texto aos alunos solicita que eles façam a leitura em casa, pensem em alguma situação do seu cotidiano que tenha alguma relação com determinada estrofe contida no folheto e façam as anotações que julgarem relevantes para serem discutidas na aula seguinte.

Etapa 3. Leitura (04 aulas)

➤ Na segunda aula, a professora solicita aos alunos que façam um semicírculo para dar início às atividades combinadas. A essa altura, os alunos já conhecem o conteúdo do texto, mas uma leitura efetiva é realizada junto à professora e aos alunos. Cada um lê uma estrofe em voz alta, inclusive a professora, dessa forma, com o próprio exemplo, ela orienta como deve ser feita a leitura. A intenção é ajustar algumas questões próprias da literatura de cordel, tais como a pronúncia, ritmo e a entonação das palavras. É preciso dar voz ao folheto de Cordel em sala de aula pois, “Ele pede voz. A sala de aula nos parece bastante adequada para a vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral” (LIMA apud PINHEIRO, 2007, p. 39).

Após a leitura integral do texto, a professora pede aos alunos que escolham uma estrofe e teçam comentários sobre ela. Este comentário pode ser complementado por ideias de outros colegas da turma. Sob condução da professora, eles vão associando a mensagem das estrofes escolhidas a outros textos trabalhados em sala de aula, a pretensão é que os alunos percebam a relação intertextual, as diferenças e as semelhanças entre os diversos gêneros utilizados nesta sequência didática

Para enriquecer as reflexões, a professora entrega cópias da letra da música “Minha Rapunzel tem Dread”, de Mc Soffia (anexo) e pede aos alunos que acompanhem a letra enquanto escutam a música, se eles quiserem, podem acompanhar cantando também. Após essa parte, abre-se uma roda de discussões sobre os padrões de beleza e sobre os modelos que nos espelhamos. Nessa seara de reflexões, a sugestão é que a professora direcione os alunos a relacionarem a letra da música ao texto do folheto trabalhado. Segue abaixo o link da música e algumas perguntas para instigar as discussões: < https://youtu.be/b1Uf6_SV5_8>

1. As situações apresentadas no texto sobre a mulher negra se aplicam às mulheres negras que você conhece? Justifique.

2. E sobre o gênero do texto, você acha que é importante tratar de questões como essas em um cordel? Explique.
3. Por que estamos discutindo sobre esse assunto? É mesmo necessário? Comente.
4. Comente a seguinte estrofe do Cordel de Izabel Nascimento:

“Os dados são alarmantes
Mas ninguém parece vê-los
Os traços do preconceito
Verdadeiros pesadelos
Desde os comportamentos
Até a cor dos cabelos.”
5. Você já conhecia essa música? E a cantora?
6. A música de Mc Soffia apresenta intertextualidade desde o início, ainda no título. Com que outro texto o Rap estabelece essa relação?
7. Que relação existe entre o Rap de Mc Soffia e o Cordel de Izabel Nascimento?
8. Por que o dread foi usado para caracterizar a Rapunzel na música de Mc Soffia?
9. Qual a importância do seguinte verso: “Crie uma princesa que pareça com você”. Como seria a sua princesa?
10. Na música, as marcas de empoderamento feminino são bem visíveis. Apresente alguns exemplos.

Após responderem oralmente a essas perguntas os alunos registram em seus cadernos um parágrafo sobre as informações apreendidas nesta atividade. E como atividade para casa, a professora propõe aos alunos que pensem numa situação de discriminação ou preconceito, pode ser uma situação vivida, presenciada, noticiada nas redes de comunicação ou criada por eles. Pensem também em como encená-la dentro do tema: “Vista minha cor”. Essa dramatização será apresentada nas últimas aulas, o objetivo dessa atividade é trabalhar a expressividade, oralidade, empatia e criticidade.

➤ Na terceira aula, a sugestão é trabalhar a oralidade dos alunos, para isso a professora aplica uma dinâmica chamada “Resgatando Valores¹¹”. A princípio ela propõe aos alunos que pensem numa palavra do texto que seja significativa para eles e diretamente ligada à temática trabalhada. Cada um anuncia qual palavra escolheu para evitar repetição. À medida que os alunos vão falando, a professora vai anotando as palavras sugeridas em cartõezinhos de papel duplex; após anotar as sugestões, todos os cartões são colocados numa caixinha ou sacola. De forma aleatória cada aluno resgata um dos cartões de dentro da caixinha e ao descobrir qual foi a palavra resgatada ele deve discorrer oralmente sobre seu significado e apresentar sugestões de atitudes que promovam uma ação afirmativa para o resgate da autoestima, da autoafirmação e da valorização do negro e da mulher negra. Após todos os alunos explanarem sobre a palavra “resgatada”, a professora faz algumas considerações a partir da fala deles, além de reforçar questões de auto aceitação, usando como exemplo a música trabalhada na aula anterior.

➤ Na quarta aula, ainda no processo da leitura, a professora agora chama atenção para as especificidades do cordel. Num processo de releitura do cordel ela vai explorando junto com os alunos os elementos como a estrutura das estrofes, quantidades de versos, tipo de rimas, a versificação e o importante processo na escolha das palavras na escrita do texto. Nesse momento a professora pede para os alunos observarem que a leitura do cordel começa desde a capa, é nesta parte do folheto que o cordel começa a ser escrito. Para exploração dessas informações a professora faz os seguintes questionamentos como: Quais elementos aparecem na capa? O que levou a escritora escolher essa imagem? Quem foi Luiza Mahin? Já tinham ouvido falar sobre ela? Existe alguma relação entre a figura escolhida e o cordel lido? Em que circunstância histórica esse cordel foi escrito? Sobre a capa do folheto, que técnica foi usada, xilogravura, desenho ou fotografia?

Espera-se que esses questionamentos estimulem os alunos a pensar em literatura de cordel como instrumento de leitura, de reflexão, de origem popular e por isso, representação das múltiplas culturas do povo. A professora deve ainda chamar a atenção dos alunos para o fato da autora se inspirar num problema social do nosso cotidiano para pautar esse cordel. Fazer os alunos perceberem que, embora o cordel seja disposto em versos e estrofes, ele apresenta uma sequência narrativa e traz, em suas estrofes, os elementos que orientam o leitor sobre o objeto temático do cordel. Para orientar os alunos quanto a identificação desses elementos, a

¹¹ Dinâmica de grupo que consiste em exercitar a identificação de valores pessoais e a prática de atitudes que elevam a autoestima das meninas e meninos negros, bem como combater as ações contrárias a isso.

professora faz as seguintes perguntas para eles: quem? O quê? Onde? Quando? Por quê? À medida que eles forem respondendo, os elementos narrativos vão aparecendo.

A professora deve conduzir os alunos a extraírem o máximo de informações dessa leitura, como nos assegura Roiphe “[...] o papel do professor pode ser o de garantir em suas aulas espaço para a análise e a interpretação, como elementos fundamentais para o enriquecimento da leitura e para o conhecimento e reconhecimento das obras literárias inseridas em um determinado contexto social, histórico, religioso, político, filosófico..., integrando teoria e prática”. (ROIPHE apud SILVA)

➤ Na quinta aula, após esmiuçar sobre as características do cordel, explorando seus elementos estruturais e subjetivos e, após várias discussões, debates e leituras acerca da temática abordada, a professora exibirá dois vídeos. O primeiro vídeo é um trecho de uma peça teatral “Cabaré da raça”, do Bando de Teatro Olodum. A peça faz uma abordagem crítica sobre o preconceito racial e o segundo vídeo é uma matéria veiculada no Globo Rural. A reportagem é sobre literatura de cordel e o intuito é ampliar o conceito a respeito dessa arte literária.

Nesta aula, a professora orienta os alunos a assistirem os vídeos com atenção que terá uma atividade após a exibição deles. Os alunos têm liberdade para se acomodar onde julgar confortável durante a apresentação dos vídeos. A professora deve observar as reações deles enquanto assistem e avaliar o quanto estão ou não envolvidos. Afinal, toda atividade pode assumir também caráter avaliativo, tanto da aprendizagem dos alunos quanto da eficiência da estratégia utilizada pelo professor. Os alunos de um grupo ficam posicionados de frente para o outro grupo criando um corredor entre as equipes. Agora a professora orienta os alunos sobre o desenvolvimento da atividade. Cada grupo apresenta para o outro as situações, questões e fatos expostos nos vídeos e, de forma argumentativa, acrescenta as informações que julgarem pertinentes ao enriquecimento das suas explanações. Cada equipe tem 10 minutos para desenvolver sua apresentação. Espera-se que eles usem informações que foram recebidas ao longo do desenvolvimento desse trabalho, além de trazerem exemplos externos para corroborar a compreensão deles. Seguem os links dos vídeos utilizados nesta atividade e sugestão de questionamentos para ajudar na compreensão do tema abordado nos referidos vídeos.

https://www.youtube.com/watch?v=Bovwy_421lM - “Cabaré da Raça”

A peça Cabaré da Raça já está em cartaz há mais de 20 anos levando de forma bem-humorada, mas extremamente crítica, situações do cotidiano negro. Exemplo de luta e

resistência do povo negro contra a discriminação e o preconceito racial por meio da arte teatral. Ao descrever situações do cotidiano social, os atores levam o público (sobretudo os negros) a se questionarem sobre a sua situação e a pacificação diante do preconceito. Antes de resolver a questão do preconceito é preciso que se resolva a questão da identidade negra. Num mix de autoafirmação, negação da raça, afro conveniência, racismo estrutural, sexualização, entre outros aspectos, são abordados na peça e nos chama para uma reflexão que vai além da cor da pele somente.

1. A peça tem sua abertura com uma pergunta simples, mas bastante profunda: “O que é ser negro?” Para você o que é ser negro? Você se sente negro? Explique.

2. Qual a responsabilidade da mídia quanto a propagação do racismo e/ou da representatividade negra, seus padrões de beleza e cultura?

3. Observe os seguintes trechos extraídos da peça “Cabaré da Raça”.

“Eu tenho duas vizinhas, Thothô e Yayá. E as bichas são pretas, mas pretas e querem ser chamadas de cabo verde. Não! Aí eu digo: que cabo verde, minha senhora, vocês são é cabo preto”.

“Mas eu estou o tempo todo questionando, por que morena?

— Ah, mas é uma questão de costume.

Bem, já que é uma questão de costume então se acostume a me chamar de negra, porque essa é minha raça.”

“Essa questão de etnia, se é preto, branco ou amarelo para mim não tem a menor importância. Na minha casa todo mundo é branco, eu sou morena e tenho a certeza que eu tenho algum antepassado negro, porque eu gosto dos negros, eu tenho swing dos negros e eu consultei uma vidente que confirmou isso: que eu tenho negro na minha família, longe, mas tem.”

a) Por que razão o negro se auto intitula moreno e tem dificuldade de se declarar como negro de fato?

b) Como você interpreta o comportamento das personagens de acordo com os excertos apresentados?

4. Por diversas vezes é possível observar pessoas brancas que se autodeclaram negras por conta dos seus antecedentes familiares e por respeitar e/ou simpatizar com a raça negra, em muitos casos, apenas para usufruir de algum benefício social, a exemplo das cotas.

a) Essa postura pode ser considerada uma forma de afro conveniência (declarar-se negro somente quando isso pode lhe trazer alguma vantagem social)? Comente.

b) Essa postura pode ser considerada uma atitude racista? Explique.

<https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ> - Literatura de Cordel

Sobre Literatura de Cordel:

1. Como você identifica um cordel?
2. Qual a importância do cordel para o povo nordestino?
3. Que fato novo você descobriu nesse vídeo?
4. Quais assuntos podem ser temas de um cordel?
5. Existe diferença entre um cordel e um folheto?
6. De acordo com o que foi mostrado na reportagem, existe alguma diferença entre o cordelista e repentista?
7. O que é xilogravura? O que achou dessa técnica?
8. Você conhece algum cordelista?

Etapa 4. Interpretação (3 aulas)

➤ A sugestão para as três últimas aulas é trabalhar a interpretação textual e proporcionar ao aluno a capacidade de compreensão e inferência do texto escolhido como material de pesquisa nesta sequência didática. Na sétima aula, a professora conversa com os alunos e explica que esse é o momento de fazer um apanhado de tudo que foi visto no desenvolvimento desse trabalho e em seguida apresenta-lhes os objetivos da atividade sobre o texto “A mulher Negra no Contexto da Educação Cultura Arte”. O primeiro momento dessa etapa é destinado à questão mais intimista, reflexiva e pessoal do aluno com o texto trabalhado.

Para cumprimento dessa fase, a professora entrega uma atividade aos alunos e propõe que eles a respondam da maneira mais honesta possível. As questões postas para considerações dos alunos são as seguintes:

1. O cordel apresenta várias situações de discriminação sofrida pela mulher negra. Identifique e comente sobre uma delas.
2. Você consegue se “enxergar” em alguma das situações apresentadas no cordel? Comente.
3. Segundo o folheto, existem dois tipos de Mulher Negra no Brasil. Explique.
4. O cordel fala sobre as modernas formas de opressão. Que formas são essa? Você se sente ou já se sentiu oprimido?
5. Como as mulheres negras que você conhece são tratadas?
6. Observe a seguinte estrofe e discorra sobre ela.

Depois de mais de cem anos
De abolida a escravatura
A condição da Mulher
No Brasil se configura
Quando a marca do racismo
Visivelmente perdura.

(Izabel Nascimento)

7. O que o machismo e o racismo têm em comum?
8. Retire do texto palavras que estejam relacionadas às apresentadas no quadro abaixo.

Mulher Negra	Racismo	Sociedade	Raízes

9. Como esse cordel está composto? Quantas estrofes?
10. Transcreva a estrofe que você mais gostou e comente sua preferência.

Espera-se que ao final dessa atividade os alunos tenham absorvido as informações acerca das circunstâncias por quais as mulheres negras sofrem discriminação. Inferir sobre

como cada um de nós é responsável pelo que acontece na sociedade e como não contribuir para que comportamentos preconceituosos sejam propagados.

➤ Na oitava aula, a tarefa será a escrita de um folheto de cordel criado coletivamente pelos alunos abordando questões de cunho social ligadas ao preconceito racial e à discriminação da mulher negra. A professora orienta os alunos que retomem seus grupos, em seguida ela passa as instruções para criação do folheto e faz um repasse sobre a estrutura física e subjetiva do cordel.

Em grupo, os alunos discutem sobre como abordar a temática e como escrever em versos e rimas as ideias coletadas. Decidem também sobre a estrutura do folheto, tipo e quantidade de estrofes, capa e seus elementos. Sob o acompanhamento da professora para possíveis ajustes das rimas, versificação ou ortografia, por exemplo, os alunos transformam suas ideias em textos e seus textos em cordéis. A professora agenda com os alunos a confecção do folheto, propriamente dito, para a aula seguinte. Como tarefa para casa e como uma estratégia para agilizar confecção da capa do folheto, recomenda aos alunos que assistam um vídeo instrutivo sobre a isogravura (uma adaptação simplificada da xilogravura) no link <https://www.youtube.com/watch?v=MyedINjXvw4> e apresenta ainda a relação de materiais necessários para execução desta atividade, quais sejam:

- Papel A4 branco (parte que receberá a escrita do cordel);
- Papel A4 colorido (capa que receberá a impressão);
- Tesoura sem ponta;
- Grampeador;
- Isopor ou emborrachado;
- Pincel ou rolo para pintura(pequeno);
- Tinta guache preta ou tinta para carimbo.

➤ Para a nona aula, a tarefa é a confecção do folheto de cordel. Para isso a professora acompanha o passo a passo.

Confecção dos folhetos: A professora orienta os alunos a fazerem dobraduras no papel sulfite branco até chegar ao formato padrão dos folhetos de cordel. Cada um adequa a quantidade de páginas à quantidade de estrofes produzidas por cada grupo. Apesar da escrita

do cordel ser coletiva, a confecção do folheto será individual. Assim, cada aluno pode expor seu próprio folheto.

Confecção da capa: Para confecção da capa será utilizado o sulfite colorido, cada aluno escolhe a cor que preferir. A professora chama atenção dos alunos para as informações obrigatórias na capa do cordel e orienta que a imagem escolhida deve estar relacionada ao texto produzido. Feito isso, os alunos grampeiam a capa confecciona às folhas dobradas.

Próximo passo é a transcrição do texto do cordel para o folheto confeccionado. Esse momento requer atenção para não comprometer a estrutura visual do cordel.

Impressão da capa: A impressão da capa será uma xilogravura (isogravura). Para essa técnica, cada aluno recorta um pedaço de papel e um pedaço de isopor no mesmo tamanho do folheto. Em seguida, vai fazer na folha recortada um desenho que tenha a ver com o cordel escrito. Esse desenho será decalcado no isopor e com um lápis fará o contorno desse desenho, de modo que fique bem marcado.

Feita marcação do desenho no isopor, o aluno pintará toda plaquinha, mas com cuidado para a tinta não escorrer nos sulcos. Depois, com cuidado, carimba a capa do folheto e espera secar.

➤ Essas duas últimas aulas estão destinadas às apresentações tanto dos cordéis como das dramatizações. No primeiro momento se realiza as dramatizações, para tanto, a professora orienta os alunos sobre a ordem das apresentações, sobre a organização do cenário e sobre colaboração entre a turma. Devidamente preparados, iniciam-se as apresentações das encenações. A sugestão dessa tarefa é que os alunos desenvolvam e/ou aperfeiçoem a capacidade de criação textual a partir de uma determinada situação, bem como sejam capazes de adequar o texto ao gênero que se propõe. Espera-se que façam uso da expressividade oral e corporal ao desenvolver essa tarefa e ainda, percebam situações de discriminação racial e preconceito contra a mulher negra e, sejam capazes de interferir, repudiar e combater essas situações com suas próprias ações.

➤ Nesse último momento, culminando a sequência de ações sugeridas, os alunos se apresentam em um sarau de cordéis autorais. Para esse momento, a sala estará arrumada para criando um ambiente apropriado à recitação e exposição dos cordéis. Professora e alunos montam um painel com esteira ou tecido estampado, este painel servirá como fundo de palco. Em seguida prende alguns cordões na horizontal e ao longo do varal serão pendurados os

folhetos produzidos pelos alunos e o folheto utilizado como material norteador dessas atividades. Nas paredes, além dos cartazes que fazem parte do desenvolvimento das atividades dessa sequência didática, outros com mensagens de repúdio ao racismo e à discriminação étnico racial bem como alguns com mensagens de esperança, empatia e sororidade. As carteiras ficam posicionadas em semicírculo e de frente para o painel, assim todos conseguem prestigiar a todos. Os alunos fazem suas dramatizações e em seguida, a declamação dos seus cordéis prezando pela entonação e ritmo dos seus versos. A proposta é que os alunos envolvidos num ambiente literário e denunciativo, vivenciem a importância do texto literário no aperfeiçoamento da sua capacidade de leitura, compreensão e posicionamento crítico frente ao preconceito racial.

Apesar de esta Sequência Didática apresentar uma quantidade de aula para o desenvolvimento de cada etapa, é importante ressaltar que o professor tem total liberdade para executá-las no tempo que julgar necessário e/ou adequado à realidade da turma assistida.

3. ENTENDENDO OS FATOS

Em atendimento à Resolução nº 003/2020, do Conselho Gestor do Programa Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), de 02 de junho de 2020 (anexo), que em virtude da pandemia da COVID-19, garante a este trabalho de pesquisa o caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial, informo que a aplicação deste trabalho foi adiada para um momento em as relações presenciais não coloquem nossas vidas em risco. Embora este trabalho não tenha sido posto prática, não se absteve da elaboração de seu produto final – Um Caderno Pedagógico. Este produto está apresentado em formato de uma sequência didática, seguindo o modelo proposto por Cosson (2009).

As ações pensadas e as atividades elaboradas para esta sequência didática visam a promoção do letramento literário relacionando práticas de leitura a reflexões sociais a partir da perspectiva do folheto de cordel “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte, de Izabel Nascimento. Para estabelecer relação entre leitura e reflexões sociais e para promover discussões acerca da discriminação da mulher negra e do preconceito racial, esta sequência

apresenta um conjunto de atividades articuladas e interligadas entre si com o intuito de tornar o processo de letramento literário, dentro dessa perspectiva, o mais completo possível.

Na busca dessa completude utilizamos além do folheto de cordel que norteiam as discussões deste trabalho, textos de gêneros diversos e exercícios que demandam também diversas habilidades do aluno. Não apresentamos aqui análises da participação nem dos resultados dos alunos, infelizmente fomos assaltados dessa vivência. No entanto, as expectativas das supostas reações e resultados dos alunos estão registradas na segunda parte deste relatório. Nos relatos metodológicos é possível acompanhar o passo a passo de cada etapa do desenvolvimento desta sequência didática, preparação da turma, orientações sobre as atividades e os resultados presumidos. Resultados absolutamente alcançáveis, pois, tanto as atividades descritas na segunda parte como os aportes teóricos apresentados na primeira parte convergem para o mesmo objetivo.

Durante a elaboração das atividades propostas para confecção do Caderno Pedagógico, percebi que quando nossa prática pedagógica é desenvolvida sob norte teórico, as chances de se obter resultados positivos são bem maiores. Confiante nessa assertiva, acredito que a utilização desta sequência didática é extremamente relevante na busca e promoção do letramento literário e da capacidade de raciocínio crítico-social para alunos não só do Ensino Fundamental, mas de qualquer fase da Educação Básica, desde que adaptada às exigências de cada nível.

O cordel de Izabel Nascimento é uma peça curinga para o processo letramento literário e social. Não à toa, ele está em consonância com todas as referências teóricas que embasam as ações didático pedagógicas selecionadas para este produto, seja no âmbito da leitura, da literatura, das relações étnico raciais e/ou do feminismo negro. Portanto, o folheto escolhido é uma fonte de questionamentos sociais, culturais e literários, logo, sua utilização é estratégica e imprescindível na formação da proficiência leitora e consciência crítica dos alunos.

Fomos surpreendidos pela pandemia da COVID-19 que fez de 2020 um ano totalmente atípico para todo mundo. Muitos projetos, sonhos e metas foram suspensos e deram lugar a sentimentos de medo, insegurança, impotência e, para milhares de pessoas, o sentimento da perda dos seus queridos. Diante desse cenário só nos restou buscar mecanismo para diminuir o impacto desse distanciamento para a área da Educação Pública, sobretudo.

A rede municipal de ensino de Carmópolis não conseguiu viabilizar o ensino remoto junto aos seus alunos e professores. Os poucos encontros/aulas virtuais que aconteceram não contaram com 15% de participação de cada turma, o que caracteriza essa frequência como insuficiente para aplicação deste produto. Mesmo com realização da busca ativa por alunos ou com a inclusão dos pais aos grupos da série dos filhos, se tornou inviável para a escola e injustos para os alunos que contam com as mais variadas limitações. Sendo assim, a sequência didática apresentada de maneira sistematizada e detalhada na segunda parte deste relatório se apresenta numa perspectiva sugestão.

Sabemos que, em condições reais e normais, a utilização de um produto didático pelo professor, nem sempre conta com participação de todos os alunos em sala, e se tratando do 7º ano B da Escola Municipal D. Pedro I e pelos registros diários de frequência desta turma, a possibilidade do projeto não contar com 100% da turma já era aventada. No entanto, a sugestão é para apresentar de maneira sistematizada um recurso didático que amenize o problema citado. O que lamentavelmente, não foi possível, mas sua aplicação não está descartada. Num momento oportuno este produto será colocado em prática e a expectativa que transborda nesse produto será, com certeza superada.

Considerações finais

Todas as proposições apresentadas neste projeto e na sequência didática no âmbito do ensino de literatura coadunam para o uso de folheto de cordel como importante agente na formação do leitor crítico e proficiente, capaz de discernir, questionar e argumentar a respeito de questões sociais, como o racismo e sexismo, por exemplo, ainda tão presentes em nossa sociedade. Esta sugestão de intervenção pedagógica mostra-se promissora e, embora a pandemia do COVID-19 tenha impossibilitado sua aplicação prática em sala de aula, os resultados para os quais foram pensadas e planejadas toda metodologia e estratégia justificam o uso desta sequência didática por outros colegas que comunguem da mesma expectativa em sala de aula. Seu modelo é flexível e permitir ser trabalhada em qualquer série e modalidade da educação básica, desde que se faça as adaptações necessárias.

Ao levarmos a Literatura de Cordel para a sala de aula, abrimos um leque ainda maior de possibilidades para nossos alunos. As práticas de leituras, nas quais a voz, mente e corpo de cada aluno convergem para um mesmo movimento enquanto realizam essas atividades

merecem atenção especial. Percebe-se nessas reações que o processo de formação do leitor realmente está em andamento, ou seja, a leitura efetiva da literatura de cordel nos proporciona tanto a leitura de fruição como a leitura crítica e, a partir dessas vivências reflexivas, chegamos à conclusão de que o local do cordel é em sala de aula oportunizando experiências pessoais e subjetivas a partir do respeito à tradição da oralidade e à sua estética peculiar.

No que diz respeito ao conhecimento dos elementos subjetivos e estruturais do folheto de cordel e ao enfrentamento de problemas oriundos das relações e das questões sociais denunciadas no cordel de Izabel Nascimento, como a discriminação da mulher negra, os alunos são estrategicamente chamados à situações que exigem deles uma tomada de decisão consciente, ou seja, eles precisam se conhecer e conhecer a história do outro a fim de compreender e respeitar as particularidades de cada um. Este é o principal objetivo desta pesquisa que se espelha no modelo ativista. “Toda ação se baseia nalguma forma de compreensão existente acerca do mundo, e a pesquisa debruça-se sobre o conhecimento preexistente [...] a verdade é que as pessoas agem para se verem livres de opressão em que vivem.” (SANTOS e MENESES, 2010, p.168). O conhecimento é libertador, mas demanda responsabilidade para quem o recebe. Ao tornar-se conhecedor dos fatos, automaticamente o sujeito se torna responsável pelo conhecimento que adquiriu, ou seja, cabe a ele a decisão do que fazer com essa compreensão. Adaptando essa premissa às ações pedagógicas que visam aguçar o senso crítico dos alunos e o desenvolvimento da capacidade de transformar do seu meio com suas atitudes, é que todas as práticas aqui propostas estão voltadas para construção do aluno cidadão e leitor crítico; pensadas para causar inquietação e promover reflexão quanto seu papel no grupo social do qual faz parte, além de levá-los a pensar e agir positivamente em busca de uma sociedade mais igualitária. No tocante às igualdades, o cordel de Izabel Nascimento, utilizado nesta Sequência Didática como fio condutor para as reflexões acerca da discriminação da mulher negra nos abre também uma janela para questões que antecedem a discriminação do gênero, a discriminação da raça. O cordel conversa com fatos que acontecem hoje, agora e por isso pertinente levá-los para ser debatidos em sala de aula.

Há séculos se discute sobre preconceito e discriminação racial e da mulher negra, especificamente, mas em nenhuma outra época essas discussões estiveram em tanta evidência como agora. Não que os negros antes não sofressem retaliações, mas que recentemente as discussões ganharam projeções bem maiores, quase mundiais. O poder da tecnologia e a velocidade da comunicação midiática contribuem bastante para isso. Vivemos sob a lente de

várias câmeras o tempo inteiro e, por isso os registros de atitudes preconceituosas são constantes também. Tivemos muitos exemplos filmados, fotografados, gravados. Registros que causaram indignação e embalaram muitos protestos e manifestações contra o racismo em vários países, cada um com seus casos específicos.

Talvez, os negros não suportem mais sofrer tantas injustiças por causa da sua raça; talvez, seja um indicativo de uma formação coletiva de consciência antirracista nas pessoas; talvez, os seres humanos estejam se tornando realmente humanos. É só um talvez, mas acreditemos que é possível e que ela está acontecendo. É também o que propõe essa sequência didática, que acreditemos em nossas práticas como elementos de transformação e que levemos também nossos alunos a acreditar no quanto eles podem melhorar o mundo com suas atitudes, basta fazer.

Essa sequência não sugere uma avaliação tradicional, quantitativa. Como mensurar comportamento e maturidade humana? O que sugere é que o processo avaliativo se dê ao longo de toda execução das tarefas desde a formação de grupos até o recital de um cordel autoral. Muitas habilidades para serem observadas e valorizadas. Dimensionar o aprendizado dos alunos a partir de reflexões sobre problemas sociais e sobre a necessidade de mudança de postura diante desses problemas não é algo tão palpável nem tão simples, mas por meio de estratégias alinhadas ao método de uma avaliação qualitativa é possível criar novas expectativas para os alunos e proporcionar pra eles um novo olhar e uma nova perspectiva enquanto leitor proficiente e crítico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi, **Sejamos todos feministas**, tradução Christina Baun – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARRAES, Jarid. **Por uma educação que reconheça as lideranças negras**. Instituto Paulo Freire. Disponível em: <<https://www.paulofreire.org/noticias/280-por-uma-educa%C3%A7%C3%A3o-que-reconhe%C3%A7a-as-lideran%C3%A7as-negras>>. Acessado em: 30 de maio de 2020.

BERTH, Joice. **Empoderamento** - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental: língua portuguesa. Brasília/Secretaria de Educação Fundamental: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília – DF, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomu.mec.gov.br>.> Acessado em 30 de maio de 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANAL. #Art. **Xilogravura com isopor (isogravura)**, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MyedINjXvw4>>. Acessado em 25 de junho de 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____ **vários escritos**. 4. ed. São Paulo | Rio de Janeiro: Duas cidades | Ouro sobre Azul, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2020

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2ª edição – São Paulo: Global, 2006

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário – teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1ª edição, 4ª reimpressão. - Contexto, 2020.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira** – São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Portal Literafro. Disponível em < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira> > Acessado em 05 de fevereiro de 2021.

EDUCASENSO. **Censo Escolar 2017**. Disponível em <<https://qedu.org.br/cidade/5497-carmopolis/aprendizado>> Acessado em 05 de junho de 2020.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51º ed. rev. – São Paulo: Global, 2006.

GELEDÉS, portal. **Luiza Mahin**. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/luiza-mahin/>> Acessado em 25 de junho de 2020

GOMES, Nilma Lino. **Linguagem e Raça: diálogos possíveis**. Linguagem em foco, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1912/1701>>. Acessado em 12 de junho de 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Caderno de formação político Palmarino nº 1** – Por um feminismo afro latino americano, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **História & fotos**, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/carmopolis/historico>>. Acessado em: 25 de junho de 2020.

INEP - **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/cidade/5497-carmopolis/ideb?dependence=3&grade=1&edition=2017>>. Acessado em junho de 2020.

LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. Campinas: Unicamp/IEL, 1998.

LOPES, N. **O Racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir. 2007.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**, São Paulo: Luzeiro, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22ª edição - São Paulo. Cortez, 2011.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez. 2012.

MELO, Miriam Carla B. de Aragão. **Cordel de saia: autoria feminina no cordel contemporâneo**. Dissertação de Mestrado (Proletras) UFS, São Cristóvão, 2016

NASCIMENTO, Izabel. **A mulher negra no contexto da educação, cultura e arte**. Aracaju. Espaço Cultural Casa do Cordel, 2015

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**, 1ª edição – São Paulo: Parábola, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** - 2ª edição - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.

_____. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

_____. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROIPHE, Alberto. **O forrobodó na linguagem do sertão: leitura verbovisual de folhetos de cordel**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.

_____. **Fuxico** – o disse me disse na literatura de cordel. Aracaju: Criação, 2016.

ROIPHE, Alberto; MATTAR, Sumaya (org.) **Arte e educação: ressonâncias e repercussões [recurso eletrônico]** - São Paulo: ECA-USP, 2018.

REDE GLOGO DE TELEVISÃO. **Literatura de cordel globo rural**. Globo Repórter, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>>. Acessado em: 20 de junho de 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**.– São Paulo: Cortez, 2010.

SERGIPE. **Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Sergipe**. Aracaju, 2013.

SILVA, Ulisses Alves. **Diálogos literários**: debatendo o preconceito étnico-racial a partir das falas dos personagens. Dissertação de Mestrado (Profletras) UFS. São Cristóvão. 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: ed. Global, 2009.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS



CADERNO PEDAGÓGICO

“A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”: práticas de leitura e reflexões sociais a partir de um cordel de Izabel Nascimento

Mestra: Rosineide Andrade Santos

Orientador: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2021

Caderno Pedagógico



A MULHER NEGRA NO CONTEXTO
DA EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE:
PRÁTICAS DE LEITURA E REFLEXÕES SOCIAIS A
PARTIR DE UM CORDEL DE IZABEL NASCIMENTO

ROSINEIDE ANDRADE SANTOS
MESTRE

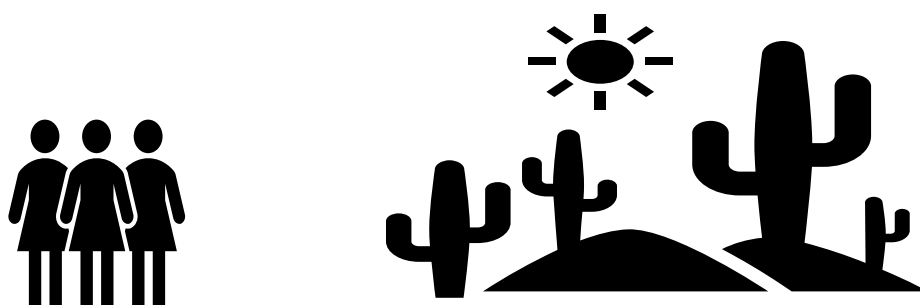
ALBERTO ROIPHE BRUNO
ORIENTADOR

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS**

**PRÁTICAS DE LEITURA E REFLEXÕES SOCIAIS:
UMA PELEJA PEDAGÓGICA A PARTIR DE UM CORDEL DE IZABEL
NASCIMENTO**

Produto do trabalho de pesquisa apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof.º Dr. Alberto Roiphe Bruno



APRESENTAÇÃO

Caro professor,

Você está sendo convidado a pensar a leitura de folhetos de cordel como instrumento de (trans)formação do leitor e seu ambiente de interação social. Por defender esse pensamento sobre o poder da leitura é que elaborei este caderno pedagógico com o objetivo de contribuir com a melhoria do ensino de leitura e da prática docente em sala de aula por meio da instrumentalização das ações pedagógicas. Aqui você encontrará atividades de leitura sistematizadas que priorizam o desenvolvimento da habilidade de ler, compreender e interpretar textos numa perspectiva crítica discursiva da literatura de cordel, além de aprimorar as potencialidades discursivas dos alunos por meio das atividades que exigem habilidades orais.

Este caderno pedagógico é resultado de um projeto de intervenção desenvolvido no âmbito do PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe, no campus de São Cristóvão, entre os anos de 2019 e 2021. Esse produto é parte integrante do relatório final do trabalho de pesquisa intitulado “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte: práticas de leitura e reflexões sociais a partir de um cordel de Izabel Nascimento”, a referida pesquisa teve como principal objetivo, desenvolver práticas de leitura do texto de cordel como instrumento de promoção de letramento literário e reflexões sociais em torno do preconceito e discriminação da mulher negra, objetivo visivelmente alcançável pela riqueza literária e pelo poder denunciativo presentes no folheto da poeta sergipana, Izabel Nascimento.

Para seu desenvolvimento, este produto tomou como base metodológica uma sequência didática seguindo modelo proposto por Cosson (2009) e todas as suas etapas foram executadas buscando concatenar o embasamento teórico à prática em sala de aula em prol dos objetivos traçados. As ações desenvolvidas foram conduzidas à luz de alguns pressupostos teóricos que fundamentam o trabalho com leitura a partir da literatura de cordel, Roiphe (2013), (2016); Zilberman (1987); Abreu (1999); Pinheiro (2018) entre outros, e as reflexões sociais a partir das questões étnico

raciais com Ribeiro (2017),(2019); Cuti (2010); Carneiro (2020), Gonzalez, (2011) e outros propostos aqui.

Quanto a sua estrutura, o caderno possui uma parte teórica, na qual são apresentadas fundamentações sobre o trabalho com leitura literária, literatura de cordel na sala de aula e questões étnico raciais de discriminação contra a mulher negra, uma parte prática, na qual são dispostas as atividades de leitura de cordel e oficina de escrita de folheto de cordel. Ao longo das atividades no corpus do caderno estão espalhados alguns lembretes e dicas destacados em retângulos coloridos a fim de enriquecer a prática pedagógica do professor. Em síntese, este caderno pretende contribuir no processo de ensino e aprendizagem com práticas de leitura que possibilitem o desenvolvimento de habilidades dos alunos em seu processo de compreensão, interpretação e construção de sentidos, tornando-os leitores mais competentes, bem como o aperfeiçoamento do senso de criticidade tornando-os conscientes de seus valores e do respeito às diferenças.

Ao passo que apresentamos este caderno como ferramenta didática pela possibilidade de ser replicado, destacamos que ele pode ser adaptado para diferentes modalidades e níveis de ensino, desde que se respeite as particularidades de cada realidade. Em suma, este caderno pretende contribuir no processo de ensino e aprendizagem com práticas de leitura que possibilitem o desenvolvimento progressivo de habilidades dos alunos em seu processo de compreensão e construção de sentidos, tornando-os leitores mais competentes.



Boa leitura!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	03
1. Introdução	06
1.1 Primeiras conversas - Referencial teórico.....	06
1.2 Cordel na sala de aula: uma peleja discursiva	08
1.3 Discriminação da mulher negra e preconceito racial, uma discussão necessária.....	10
2. Estrutura da sequência didática	13
2.1 Destrinchando as ações didáticas	15
2.1- Sequência Didática	15
❖ Motivação: uma conversa motivadora para convencer o leitor.....	15
❖ Introdução: para um bom começo de conversa	18
❖ Leitura: uma estratégia para prender o leitor	22
❖ Interpretação: é dar passagem para o cordel no palco e no papel	29
3. Conversas finais	34
REFERÊNCIAS	35

PRIMEIRAS CONVERSAS

A leitura é um dado cultural e por isso, um importante elemento na formação do indivíduo enquanto cidadão crítico e capaz de melhorar a si mesmo e o meio do qual faz parte. A leitura, por si só, aperfeiçoa a habilidade leitora do indivíduo, lapida seus conhecimentos e modifica seu entendimento diante do mundo. Seus efeitos são facilmente percebidos por aqueles que circundam esse universo, seja pela compreensão dos fatos que mudam de acordo com as variadas circunstâncias, seja por seu poder de posicionar-se criticamente perante os conflitos que lhes são apresentados (de cunho histórico, social, religioso ou moral). Portanto, “[...] ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade” (FREIRE, 1997, p.20)

Considerando essa concepção na vivência escolar, fica bem mais evidente a necessidade de se criar e estimular o hábito da leitura entre os alunos, bem como ensiná-los a extrair do texto o que é essencial. Segundo Zilbermam (1987, p.30) “[...] formar um leitor crítico é uma atribuição do professor, e, nessa tarefa, a literatura realiza uma função formadora que não se confunde com missão pedagógica”.

A intrínseca função de mediador nesse processo delega ao professor uma responsabilidade ainda maior, a escolha dos textos e obras a serem oferecidos como objeto de pesquisa nessa atividade; para tanto, é indispensável que o professor entenda o aluno como alguém extremamente vulnerável, mas não vazio. Alguém que traz experiências e conhecimentos que devem ser levados em conta no momento da escolha do material a ser trabalhado, pois, naturalmente, um será influência para o outro. “Trata-se, pois, mais uma vez de dar relevo à função formadora da leitura, pois seu desenvolvimento incrementa no leitor a capacidade de compreender o mundo e investigá-lo [...]” Zilbermam (1987, p. 30)

Daí a importância de se relacionar os aspectos apresentados no texto às necessidades do aluno. Não podemos perder de vista que leitura tem uma função social e precisa considerada

em nossa prática pedagógica enquanto formadores de leitores. Outro ponto relevante nesse processo de formação de leitores é a diversidade textual, quanto mais variados forem os gêneros textuais, melhor. Tese corroborada por Cosson ao falar que a diversidade textual e de gêneros colaboram para o desenvolvimento e amadurecimento do aluno enquanto leitor.

[...] a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes. (COSSON, 2006, p. 35)

Nessa perspectiva, a literatura se torna indissociável no exercício dessa habilidade, pois ela permite que a leitura vá além da decodificação de palavras. Permite também ao leitor a interpretação e a compreensão do real por meio da ficção e da fantasia e, conseqüentemente, lhe permite desenvolver o senso de percepção, de criticidade e autonomia. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Ela “[...] é antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, pois toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais crítico diante do mundo.” (HELD apud MAIA, 2007, p.51)

O texto literário é imprescindível e sua apreciação requer estímulo e prática; ela precisa acontecer de forma efetiva e frequente, sobretudo no ensino fundamental, porque é nessa fase que toda transformação acontece para o aluno. “A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade.” (COSSON, 2014, p.50) Por meio da literatura é possível conduzir o aluno a uma viagem interna, e dentro desse processo quase de catarse, poder compreender-se em sua realidade, ou seja, o aluno é levado ao encontro da sua identidade, do seu reconhecimento e do seu protagonismo diante do que acontece ao seu redor.

A literatura é, portanto, uma poderosa aliada do professor na medida em que possibilita ao aluno compreender sua realidade a partir da compreensão do literário. E assim, compreender-se para e com os outros. “E porque quebra clichês e estereótipos, porque é essa recriação que desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, é que é indispensável para a construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem.” (HELD apud MAIA, 2007, p.51)

Cordel na sala de aula: uma peleja discursiva

A literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. O cordel é um gênero discursivo carregado de expressividade e historicidade popular, por isso tem poder transformador. Tendo sua origem na oralidade, o cordel se torna uma arte que não só exige o recurso da oralidade, como também proporciona o desenvolvimento dessa habilidade no indivíduo. No entanto, é importante frisar que não se trata aqui de ensinar o aluno a falar. Na verdade, essa habilidade ele adquire bem antes de chegar à escola ou, em alguns casos, com auxílio de um especialista de outra área do conhecimento. Trata-se, portanto, de proporcionar ao aluno diversas situações comunicativas que exigem dele o uso da língua e, conseqüentemente, o desenvolvimento da oralidade. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* já promoviam essa reflexão ao dizer que:

Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo. (BRASIL, 1998, p. 67-68)

Com base nesta afirmação, o cordel ganha força enquanto recurso linguístico-pedagógico na (trans)formação do leitor proficiente. Portanto, a presença dessa temática para a leitura literária em sala de aula permite ao professor criar condições para que o aluno desenvolva sua competência discursiva por meio do acesso à literatura de cordel.

O uso dessa literatura na sala de aula permite ao aluno enxergar o mundo além dele mesmo, permite despertar seu senso crítico, bem como sua capacidade de observar e de se expressar diante da sua realidade social, histórica, política e econômica.

É próprio da literatura de cordel nos dizer quem somos e nos mostrar o mundo por uma ótica “que denuncia a condição social e econômica [...] por meio de expressões que revelam essa condição” (ROIPHE 2016, p. 32)

De acordo com Hélder Pinheiro (2012, p. 126) “trabalhar com literatura de cordel pressupõe envolvimento afetivo com a cultura popular. Implica favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo”. Marcushi (2008, p. 154) corrobora, “Os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa

relação sócio histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual”.

[...] inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BRASIL, 2017, p. 155)

Funções que o cordel exerce com maestria, desse modo, cada gênero tem suas particularidades para cumprir as suas funções comunicativas. As do cordel, portanto, é conversar com diversas realidades, mas levar em conta as particularidades e limitações de cada um. Como bem aborda os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998, p. 71), “Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura [...] é necessária a junção de vários recursos e, principalmente como será conduzido o trabalho com o gênero textual em sala de aula”. E é dentro desta mesma perspectiva, que o *Referencial Curricular do Estado de Sergipe* (SERGIPE, 2011), também salienta a importância de “ler textos de diferentes gêneros, incluindo os literários, tais como o conto, a crônica, a fábula e o poema, como habilidades a serem adquiridas pelos alunos ao curso dos anos finais do Ensino Fundamental”. Dessa forma, considerando que a prática de literatura consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, é preciso refletir como a leitura literária se efetiva na escola.

A partir dessa tese, levar o cordel para sala de aula é proporcionar aos alunos reflexões acerca das peculiaridades deste gênero literário. Marcado, primordialmente, pela oralidade, característica que não pode ser preterida quando o cordel for o objeto de estudo.

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como Literatura - e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. (LIMA apud PINHEIRO, 2007, p. 39)

Portanto, ao conduzir a prática das aulas de leitura literária é imprescindível que se explore elementos essenciais como ritmo, sonoridade, musicalidade do texto. É uma escrita que procede o canto, por isso mesmo não se limitar a uma leitura silenciosa. Mesmo quando a ação da leitura não for realizada com a emissão de som, o aluno leitor deve ser orientado a produzir

para si mesmo uma leitura auditiva, ou seja, leitura na qual a escuta sonora seja indissociável ao ato de ler.

Ao explorarmos as marcas da oralidade, que são extremamente presentes na literatura de cordel, abrimos espaço para diversos diálogos tanto com a cultura popular quanto com a cultura erudita, formal. Nesse sentido, a leitura do cordel é ampla, reflexiva, cultural, social. Literatura de uma e de muitas vozes; é um porta-voz dos sujeitos marginalizados e das questões sociais, pois permite enriquecer as discussões e ampliar conhecimento a respeito das origens históricas das contradições e das desigualdades sociais. A oralidade da literatura popular é berço das cantigas poemizadas, das músicas e canções. Santos, Galas e Tavares (2005, p. 131-132) já evidenciavam isso ao dizer que “A música do poema negro se encantou com a possibilidade de se reconhecer, contar e cantar para todos nós a história e a memória de um povo e seus diferentes modos de ver e viver a vida.”

Discriminação contra a mulher negra e preconceito racial, uma discussão necessária

Sabemos que todos, independente de gênero ou etnia, são seres humanos iguais em direitos e têm o potencial de contribuir construtivamente para o desenvolvimento e o bem-estar de suas sociedades. Pensando por essa premissa, somos levados a refletir sobre questões que nos inquietam e nos convidam a pensar nossas práticas diante disso. Considerando a igualdade de direitos do indivíduo enquanto raça humana, o que leva às pessoas, no momento de interação social, ignorarem a condição inicial do ser humano e sobreponem a isso valores e sentimentos de superioridade que se pautam na cor da pele e no gênero sexual?

Sabemos que a escola é um espaço de transformação social em que os alunos, supostamente, adquirem conhecimentos, habilidades e valores que os ajudarão a se tornar pessoas melhores e capazes de conviverem justa e democraticamente em sociedade. Como explicar, então, comportamentos excessivamente preconceituosos e excludentes, mesmo em grupos que tiveram e têm acesso ao que chamamos ensino de qualidade ou educação privilegiada? Será que estamos cedendo aos efeitos da opressão velada, que se abstrai da culpabilidade e se camufla responsabilizando a condição da mulher e do negro à meritocracia? Ou será que esta é uma batalha incessante e coletiva da sociedade das quais os resultados se arrastarão lentamente até que se mostrem de fato efetivos? Visto que o fim da escravidão se deu, oficialmente, há mais de trezentos anos e que as mulheres seguem em tempo igual ou maior, em busca de reconhecimento e respeito enquanto cidadã, apostemos na segunda opção.

Vale ressaltar que o tempo para as mudanças no comportamento de uma sociedade está diretamente ligado à quantidade de medidas adotadas e a frequência com essas medidas são desenvolvidas junto aos membros dessa mesma sociedade.

Como a escola é um seguimento social que alcança todas as faixas etárias, ela se torna um dos meios mais efetivos para promover as mudanças que precisamos e queremos. “Compreender a história e se ver dentro dela leva o indivíduo a estabelecer vínculos afetivos capazes de gerar um comprometimento no plano das ideias” (CUTI, 2010, p.91). Em outras palavras, ensinar os valores sociais, culturais e históricos deve começar desde cedo e partir de todas as áreas do conhecimento, e o quanto antes crianças e adolescentes tiverem acesso a esses ensinamentos, mais rápido e efetivo será o combate e, quiçá, o fim do racismo e do sexismo.

O efeito do racismo e do sexismo são tão brutais que acabam por impulsionar reações capazes de cobrir todas as perdas já postas na relação de dominação. O efervescente protagonismo das mulheres negras, orientado num primeiro momento pelo desejo de liberdade, pelo resgate da humanidade negada pela escravidão e, num segundo momento, pontuado pelas emergências das organizações de mulheres negras e articulações nacionais de mulheres negras, vem desenhando novos cenários e perspectivas para as mulheres negras e recobrando as perdas históricas. (CARNEIRO, 2019, p. 216-217)

O racismo é uma doença social crônica que afeta mais da metade da população brasileira e, embora muitas campanhas, Ongs, associações sejam organizadas e colaborem na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, ainda estamos longe da equidade social que queremos. “O racismo tem estruturas fortes que vêm se perpetuando há séculos e geram consequências gravíssimas na nossa sociedade. A desvalorização da memória e das realizações afro-brasileiras são apenas a raiz de um problema que se ramifica.” (ARRAES, 2015, p. 20) A todo instante alguém vive uma situação de preconceito e discriminação racial como se fosse algo natural. O número de campanhas contra o racismo tem crescido, consideravelmente, mas os resultados dessas campanhas ainda estão aquém do esperado em nossa sociedade.

Reconhecer que o problema existe é o primeiro passo para resolvê-lo. Disseminar a ideia de que o racismo é invenção e sustentar essa tese no processo de miscigenação é só uma saída confortável para quem está no outro lado da história. Para esses, o que existe são contradições de classes sociais determinadas pela questão econômica e não pela etnia. No entanto, “[...] a afirmação de que somos todos iguais perante a lei assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades”, de acordo com Lélia Gonzalez.

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros. (GONZALES, 2011, p. 15)

O que se caracteriza como um apagamento de uma identidade racial que vai sendo implantado de maneira sutilmente pensada com o objetivo de “clarear” uma raça. Segundo Gonzales (GONZALES, 2011, p. 15) “...historiadores e sociólogos silenciam sua situação desde a abolição da escravização até os dias de hoje, estabelecendo uma prática que faz invisível a este segmento social.”

À medida que a sociedade brasileira vai realizando ao longo das décadas o seu projeto de branqueamento da população, seja pela apologia da miscigenação, seja pela política de incentivo à imigração europeia, vai-se consolidando os estigmas e o destino social de negras e brancas dentro da lógica racista e sexista. (CARNEIRO, 2020, p.158)

Apostar na educação como arma principal no combate às desigualdades sociais é a estratégia mais arrazoada na luta contra injustiças de qualquer natureza. Pois entendemos que somente a educação possibilita ao homem a capacidade crítica para analisar, questionar e intervir em sua condição enquanto membro de uma sociedade e ser protagonista no combate à discriminação e a desigualdade social.

Leitura do Folheto de Cordel de Izabel Nascimento: uma estratégia para promoção do letramento literário e fomentação de reflexões sobre questões sociais.

A seguir apresenta-se um quadro resumo da Sequência Didática aplicada na elaboração deste Caderno Pedagógico.

ESTRUTURA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA		
ETAPAS	PROCEDIMENTOS	TEMPO
Motivação	• Apresentação do projeto de pesquisa e seu cronograma; Contextualização do tema escolhido por meio de textos de variados gêneros; • Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, a partir textos verbais e não verbais: músicas, manchete de jornais e propagandas;	01 aula
	• Promoção de leituras e reflexões sobre preconceito racial e discriminação contra a mulher negra por meio da intertextualidade; • Observação de comportamentos e atitudes que promovem a discriminação racial na escola relacionando-os às situações apresentadas nos textos escolhidos; • Fomentação da curiosidade e do estímulo à pesquisa sobre preconceito racial e discriminação da mulher negra.	01 aula
Introdução	• Apresentação da autora e da obra escolhidos por meio de cartaz, banner ou <i>data show</i>; • Exposição do folheto de cordel selecionado para apreciação dos alunos; • Exploração do significado da capa para o folheto de cordel;	01 aula
	• Identificação da técnica utilizada na ilustração da capa do cordel; • Levantamento de hipóteses e situações para futuras discussões e análises; • Explanação das informações a respeito da escritora e sua relação com o cordel.	01 aula

Leitura	• Oportunização da leitura coletiva e individual do folheto de cordel; • Orientação sobre a leitura em voz alta fazendo referência à entonação, ritmo, musicalidade e expressividade; • Identificação das informações explícitas do cordel (estrofes, versos, rimas, contexto social e cultural);	01 aula
	• Exibição de vídeo para ampliação do conhecimento sobre a Literatura de Cordel; • Exploração dos elementos estruturais semânticos e sonoros do texto de cordel; • Escuta da música “Minha Rapunzel tem dread” e acompanhamento da letra escrita; • Inferência intertextual ente o cordel de Izabel Nascimento e o Rap da Mc Soffia;	01 aula
	• Discussão e socialização das primeiras impressões; • Exploração da oralidade dos alunos por meio da dinâmica <i>Resgatando Valores</i>, para levar o aluno à formulação e apresentação de opinião; • Ampliação do conhecimento sobre discriminação racial por meio da intertextualidade;	01 aula
	• Produção de debate, em grupo, a partir das situações de discriminação da mulher negra levantadas no folheto de cordel escolhido; • Exibição do vídeo “<i>Cabaré da Raça</i>”² a fim de ampliar a compreensão sobre o racismo bem como seu repertório argumentativo sobre discriminação da mulher negra.	01 aula
Interpretação	• Resolução de exercícios e questionários sobre questões raciais e sobre a discriminação sofrida pela mulher negra;	01 aula
	• Produção individual na escrita de um folheto de cordel; • Confecção da capa do folheto usando a técnica da isogravura;	01 aula
	• Dramatização de situações/vivências de discriminação contra a mulher negra e preconceito racial para promoção de reflexões e mudanças de atitude; • Apresentação de um sarau literário de cordéis autorais.	01 aula

²A peça *Cabaré da Raça*, do Bando de Teatro do Olodum já está em cartaz há mais de 20 anos levando de forma bem-humorada, mas extremamente crítica ao descrever situações de discriminação e preconceito do cotidiano social do negro.

DESTRINCHANDO AS AÇÕES DIDÁTICAS

Esta sessão apresenta de forma detalhada as ações didáticas selecionadas e planejadas para a elaboração deste Caderno Pedagógico. As ações didáticas desenvolvidas nesta Sequência Didática têm como objetivo principal aguçar a habilidade linguística e discursivas de seus alunos, sua capacidade de compreensão e de fazer inferência crítico e cognitivo do texto, além disso, visam colaborar com o fazer pedagógico do professor em sala de aula, pois são atividades que estimulam a prática da leitura, refinam o senso de criticidade dos alunos.

Primeira etapa: Motivação - Uma conversa motivadora para convencer o leitor.

Duração: 02 horas/aulas

Objetivos:

- Sensibilizar os alunos para a necessidade da realização de discussões sociais por meio da leitura do folheto de Cordel de Izabel Nascimento;
- Levar os alunos a expandir seus conhecimentos sobre o preconceito racial analisando outros textos de gêneros variados.

Recursos necessários: Envelopes coloridos, materiais impressos, aparelho de som.



Professor, este momento inicial é muito importante para o desenvolvimento das atividades futuras. Ele precisa acontecer de jeito leve e agradável. Converse com seu aluno e convide-o a trilhar por cada estrofe do cordel, a destrinchar seus elementos e se encantar com essa arte. Convide-o também para conhecer e refletir sobre os muitos problemas sociais que o Cordel denuncia e sobre como é possível combatê-lo.

Orientações metodológicas:

- Conversar com os alunos sobre o trabalho de intervenção a ser desenvolvido em sala de aula a partir da leitura do folheto de cordel “A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte”, de Izabel Nascimento e passar as primeiras orientações sobre seu desenvolvimento;
- Orientar os alunos a se organizarem em seis grupos e apresentar-lhes um leque de envelopes coloridos, cada grupo escolhe um deles. Nestes envelopes contém textos pertencentes a gêneros discursivos diferentes (propagandas, poema, música, anedotas, recortes de jornal e o texto da Lei 10.639/03), mas com a mesma abordagem temática. O intuito é despertar a curiosidade dos alunos para a temática abordada e instigar a leitura desses e de outros textos que sejam relacionados ao tema;
- Orientar para que os alunos compartilhem a leitura e suas impressões iniciais com os demais grupos e instigar uma discussão sobre a temática dos textos, além de observar as reações dos alunos ao discutirem o assunto com os colegas;

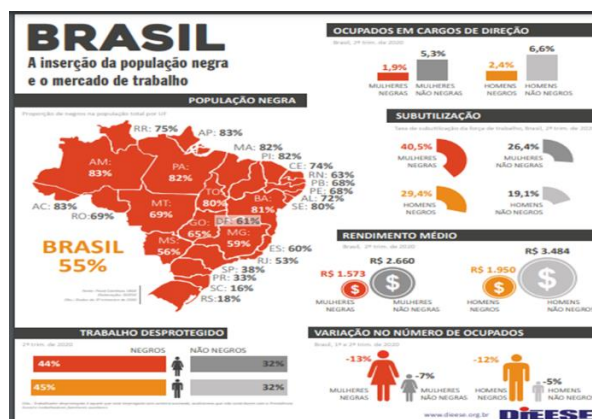
Exemplos de textos utilizados na construção dos sentidos na atividade inicial:



Coisa de Preto

*O que é coisa de preto?
É ficar limpando o chão?
Não ser líder de partido?
Nem chefe de redação?
Se você só pensa assim
Reveja sua opinião.*

Daniela Bento



5) Observe a estrofe do cordel “Coisa de Preto”, de Daniela Bento.

O que é coisa de preto?
É ficar limpando o chão?
Não ser líder de partido?
Nem chefe de redação?
Se você só pensa assim
Reveja a opinião.

- a) Em sua opinião, por que esses versos estão em formato de perguntas?
- b) Como você responderia a esses questionamentos?
- 6) Você conhece algum outro cordel? Como foi seu contato com esse tipo de texto?
- 7) Qual a última notícia sobre preconceito racial ou sobre discriminação de gênero que você assistiu na tv? Esses acontecimentos lhe causa estranheza? Justifique.

Segunda etapa: Introdução – Para bom começo de conversa.

Duração: 02 horas/aulas

Objetivos:

- Apresentar a obra e a autora e mostrar para os alunos a importância, tanto de uma como da outra, para a nossa proposta de trabalho;
- Apresentar a obra física para apreciação dos alunos e um breve resumo sobre a poetisa e seu folheto de cordel;
- Identificar a função social do gênero Cordel e apresentar sua importância enquanto elemento da cultura nordestina sua forma de materialização

Recursos necessários: Cartaz, banner ou multimídia para projeção das imagens e material selecionados.

Orientações metodológicas:

Para manter desperto o interesse dos alunos pela temática - Discriminação de mulher negra e preconceito racial – o professor deve apresentar a autora e a obra física que subsidiarão as atividades dessa sequência didática.

- Exibir para os alunos a imagem da poetisa e do seu folheto de cordel por meio de cartaz, banner ou projetor;

- Apresentar um resumo sobre a obra e a autora aos alunos, isso ajudará nessa fase de apresentação, mas precisa ter cautela para não estragar o momento do aluno antecipando a leitura;
- Justificar a escolha desta obra e deste gênero e mostrar sua relevância para a proposta do deste trabalho;
- Promover a apreciação da obra física e, nesse momento, chamar a atenção do aluno para a leitura da capa, orelha e outros elementos paratextuais que introduzem uma obra. O que se pretende, com isso, é fazer com que os alunos percebam se há ou não alguma relação entre as duas partes, além observarem as características e informações preliminares do cordel escolhido.

Um dedinho de prosa sobre a poetisa



Izabel Cristina Santana do Nascimento é sergipana de Aracaju, a pedagoga, poetisa, cordelista e fundadora da Academia Sergipana de Cordel. Filha do casal de poetas populares pernambucanos, Pedro Amaro do Nascimento e Ana Santana do Nascimento, radicados em Aracaju. Izabel Nascimento nasceu no dia 22 de agosto de 1979 e provou que herdou a veia poética dos pais, com apenas 7 anos começou a escrever seus primeiros versos e com 13 anos o

“Ser mulher no cordel é resistência. É ser resistência dentro da resistência poética. É honrar essa ancestralidade.”

Autora fala sobre a Literatura de Cordel na escola:

“A escola tem um papel fundamental no que diz respeito à promoção da cultura. É preciso destacar a importância de ter a literatura de cordel na prática pedagógica e na formação de pessoas no ambiente escolar. Com isso, os professores passam para os alunos a valorização da nossa poesia, dos nossos poetas e da literatura de cordel como patrimônio da literatura

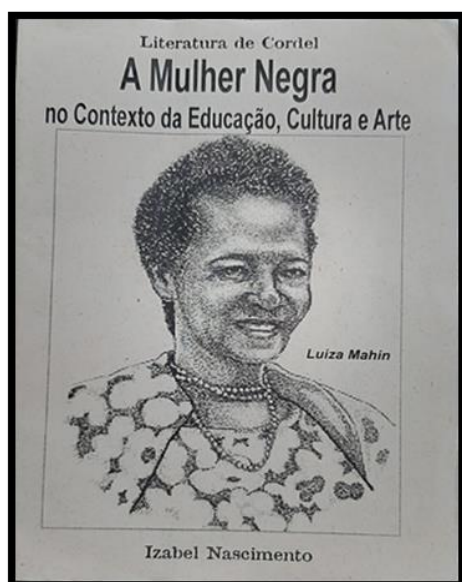
brasileira. O cordel é uma rede abrangente onde estão contidas não somente as pessoas que escrevem e publicam, mas também por quem escreve, quem lê, edita, revisa, vende, pesquisa. Ampliar este olhar é necessário para aprofundar as discussões e erradicar a mentalidade rasa com as quais ainda nos deparamos.”

Sobre a Academia Sergipana de Cordel

Academia Sergipana de Cordel fundada em 17 de julho de 2017 tem como patrono João Firmino Cabral, uma das grandes referências do cordel em Sergipe e no Brasil. “Um dos compromissos da Academia Sergipana de Cordel é eternizar a memória de João Firmino e dos cordelistas que ajudam a escrever a nossa cultura” (Nascimento, 2019)

A Academia Sergipana de Cordel é uma entidade responsável por preservar esse movimento literário em Sergipe, organizar seus escritores e projetar nossa cultura para outros estados e regiões do país. Sua idealizadora e fundadora, Izabel Nascimento, esteve à frente da presidência da Academia Sergipana de Cordel desde a sua fundação até 30 de janeiro de 2021. A Academia Sergipana de Cordel conta com 37 cadeiras, das quais 11 são ocupadas por mulheres. Embora seja a Academia ligada à Literatura de Cordel com o maior número de mulheres em sua composição, este é um número ainda pequeno para a quantidade de mulheres cordelista que temos em nosso Estado, prova de que há um caminho longo a ser trilhado na busca da igualdade de gênero também no universo cordelístico.

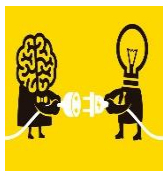
Sobre o folheto de cordel



A Mulher Negra no Contexto da Educação, Cultura e Arte - Izabel Nascimento (2015)

Cordel escrito para homenagear as Mulheres Negras num evento alusivo ao Dia da Consciência Negra.

Na literatura de cordel existe uma relação muito significativa entre a capa do folheto e o próprio enredo. Todos os detalhes do livreto são elementos linguísticos que fazem parte da leitura e, portanto, fazem parte do todo e essenciais na compreensão da história.



CONECTANDO AS IDEIAS

O cartaz ou banner utilizado para a apresentação do folheto de cordel e da escritora deve ser fixado ao mural da sala logo após sua exibição. Uma estratégia para manter os alunos em contato com elementos do trabalho em outros momentos e não só durante as aulas de Português.

Após a apreciação do cartaz e da exposição do livreto físico, algumas perguntas sobre a obra e a autora para ampliar os conhecimentos.

Ampliando Saberes

1. Observe as imagens e responda: o que as duas fotos têm em comum? E o que as diferenças entre elas representa?
2. Uma das imagens apresentadas é de uma foto do livro que vamos ler, você conhece a pessoa que aparece na capa? Levante hipóteses sobre a identidade desta pessoa.
3. Você conhece outras mulheres relacionadas à luta das Mulheres Negras?
4. E sobre a escritora, o que mais você sabe a respeito dela?
5. Você percebeu alguma ligação com as atividades da aula anterior? Explique.

Pretende-se com essas indagações recobrar as discussões iniciais com a intuito de promover aos alunos reconhecimento do gênero discursivo cordel como elemento de aquisição de conhecimento cultural e social, levantamento de algumas hipóteses e curiosidades sobre o tema e gênero, assim como estabelecer uma relação de intertextualidade e favorecer condições que agucem sua habilidade de compreensão e inferência textual independente do gênero a partir da leitura.



Professor, para manter os alunos participativos e envolvidos na execução das práticas de leitura, é interessante entregar para eles cópias do folheto de cordel para que façam a leitura em casa e se familiarizem com os elementos do texto, afinal, para que a leitura cumpra seu papel social é necessário que ela seja posta em prática.



NÃO ESQUECER

Para estimular a leitura, escrita e a expressividade dos alunos também fora da escola, recomende a eles que observem alguma situação do seu cotidiano que esteja relacionada à narrativa do cordel e, a partir dela, elaborem peças teatrais com tema “Vista minha cor” para apresentação na culminância do projeto.

Terceira etapa: Leitura, estratégia para prender o leitor

Tempo previsto: 04 horas/aulas

Objetivo:

- Fazer a leitura na íntegra do folheto de cordel de Izabel Nascimento;
- Explorar as dimensões físicas e subjetivas do texto de forma que os alunos se apropriem de novos conhecimentos e estabeleçam uma postura mais crítica e dialógica com cada texto que tiver a oportunidade de ler;
- Estabelecer relação entre o gênero alvo da leitura com textos de outras modalidades;
- Aprofundar a compreensão do aluno e alinhar reflexões quanto às questões de discriminação racial e contra a mulher negra.

Recursos necessários: Texto impresso, caixa de som, *datashow*, cartolina, envelopes e pincéis.

Orientações metodológicas:

A essa altura, os alunos já conhecem o conteúdo do texto, mas é necessário a realização de uma leitura efetiva e conjunta entre os alunos e o professor. A intenção é ajustar algumas questões próprias da literatura de cordel, tais como a pronúncia, ritmo e a entonação das palavras. É preciso dar voz ao folheto de Cordel em sala de aula pois, “Ele pede voz. A sala de aula nos parece bastante adequada para a vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral” (LIMA apud PINHEIRO, 2007, p. 39).

- Fazer a leitura coletiva do folheto de cordel “A Mulher negra no contexto da Educação, Cultura e Arte” e estabelecer a relação da literatura de cordel e a oralidade;
- Acompanhar a leitura do cordel em voz alta a fim de proporcionar o aprendizado da forma composicional do cordel, seja no estrutural ou fônico;
- Possibilitar ao aluno relacionar a vivência poética à realidade social e estimular discussões reflexões sobre as questões raciais denunciadas por meio do texto trabalhado;
- Fazer a leitura da letra da música “Minha Rapunzel tem dread” – Mc Soffia buscando interligação entre os dois textos;
- Enriquecer as reflexões e questionamentos sociais relacionando a mensagem contida no Cordel de Izabel Nascimento e no Rap da Mc Soffia;

Após a leitura integral do texto, os alunos escolhem uma estrofe e tece comentários sobre ela e associem essas informações às observadas em outros textos utilizados ao longo do desenvolvimento desta Sequência Didática. É interessante que os comentários apresentados sejam complementados por ideias de outro colega da turma. A pretensão é que os alunos percebam a relação intertextual, diferenças e semelhanças entre os gêneros discursivos selecionados para este trabalho pedagógico.



NÃO ESQUECER

É interessante que os alunos ouçam a música enquanto fazem a leitura do texto, isso torna a atividade mais agradável e possibilita a comparação em relação às rimas e musicalidade entre os textos. Abra uma roda de discussões os padrões de beleza impostos pela sociedade e o mito que se cria em torno disso. Discutir como esses padrões afetam mulheres e homens negros em todas as instâncias sociais. Você pode acompanhar a música no seguinte link < https://youtu.be/b1Uf6_SV5_8>

Atividade elaborada para estimular escrita e a construção da compreensão e do sentido do texto. Após responderem oralmente a essas perguntas os alunos registram em seus cadernos um parágrafo sobre as informações apreendidas nesta atividade.

Construindo os Sentidos

1. As situações apresentadas no texto sobre a mulher negra se aplicam às mulheres negras que você conhece? Justifique.
2. E sobre o gênero do texto, você acha que é interessante tratar de questões como essas em um cordel? Explique.
3. Por que estamos discutindo sobre esse assunto? É mesmo necessário? Comente.
4. Comente a seguinte estrofe do Cordel de Izabel Nascimento:

“Os dados são alarmantes
Mas ninguém parece vê-los
Os traços do preconceito
Verdadeiros pesadelos
Desde os comportamentos
Até a cor dos cabelos.”
5. Você já conhecia essa música? E a cantora?
6. A música de Mc Soffia apresenta intertextualidade desde o início, ainda no título. Com que outro texto o Rap estabelece essa relação?
7. Que relação existe entre o Rap de Mc Soffia e o Cordel de Izabel Nascimento?
8. Por que o dread foi usado para caracterizar a Rapunzel na música de Mc Soffia?
9. Qual a importância do seguinte verso: “Crie uma princesa que pareça com você”. Como seria a sua princesa?
10. Na música, as marcas de empoderamento feminino são bem visíveis. Apresente alguns exemplos.

É pertinente ao professor conduzir os alunos a extraírem o máximo de informações da leitura, como nos assegura Roiphe “[...] o papel do professor pode ser o de garantir em suas aulas espaço para a análise e a interpretação, como elementos fundamentais para o enriquecimento da leitura e para o conhecimento e reconhecimento das obras literárias inseridas em um determinado contexto social, histórico, religioso, político, filosófico..., integrando teoria e prática”. (ROIPHE apud SILVA) Alinhada a essa referência, damos continuidade às práticas de leitura explorando a oralidade dos alunos por meio de uma atividade lúdica – Resgatando

Valores – que visa tanto a prática da reflexão crítica social como a expressividade oral e corporal dos alunos.

RESGATANDO VALORES



O QUE É?

Uma dinâmica de grupo que tem como objetivo trabalhar aos valores humanos e sociais dos alunos estimulando o sentimento de solidariedade, empatia e respeito para com o outro.



COMO FUNCIONA?

O professor entregará um envelope com um cartãozinho a cada aluno e pedirá para cada um deles pensar numa palavra relacionada à temática do texto e grafar no cartão recebido sem que o colega perceba qual palavra foi escrita. Os cartões escritos voltam para os envelopes e são devolvidos ao professor que os colocará em uma caixa ou sacola. De forma aleatória, o professor redistribuirá os envelopes se certificando de que todos receberam um envelope diferente daquele que preencheu.



QUAIS AS REGRAS?

Todos envolvidos, sob comando do professor, deverão abrir seus envelopes, ler em voz alta palavra recebida e associá-la a alguma ação, atitude ou comportamento social e discorrer sobre os efeitos da sua aplicação nas relações sociais, além de apresentar sugestões de ações que promovam uma ação afirmativa para o resgate da autoestima, da autoafirmação e da valorização do negro e da mulher negra. É possível que haja palavras repetidas, mas estas também devem ser consideradas e durante as explanações. A ideia é que todos apresentem sua opinião e compreensão a respeito do que foi visto durante as leituras. Após explanação de todos os alunos, a turma fará uma avaliação coletiva da atividade desenvolvida e elegerão, dos valores apresentados na dinâmica, os mais importantes para uma convivência social saudável e confeccionarão cartazes que serão afixados nos corredores da escola.

Ainda no processo da leitura, a atenção se volta para as especificidades do cordel no desenvolver das seguintes ações:

- Explorar junto com os alunos os elementos estruturais do cordel, tais como as estrofes, quantidades de versos, tipo de rimas, a versificação e o importante processo na escolha das palavras na escrita do texto;
- Observar que a leitura do cordel começa desde a capa, e que é nesta parte do folheto que o cordel começa a ser escrito;
- Chamar a atenção dos alunos para o fato da autora se inspirar num problema social do nosso cotidiano para pautar esse cordel;
- Fazer os alunos perceberem que, embora o cordel seja disposto em versos e estrofes, ele apresenta uma sequência narrativa e traz, em suas estrofes, os elementos que orientam o leitor sobre o objeto temático do cordel;
- Levar os alunos a reconhecer o cordel como instrumento de posicionamento social e expressão de subjetividades;
- Realizar questionamentos orais e escritos para a exploração das informações contidas no folheto de cordel;

Questões para orientar na compreensão da leitura texto verbal e não verbal, além de estimular o entendimento de literatura de cordel como instrumento de leitura, de reflexão e mudanças sociais.

Exploração do Folheto de Cordel

1. Quais elementos aparecem na capa?
2. O que levou a escritora escolher essa imagem?
3. Quem foi Luiza Mahin?
4. Já tinham ouvido falar sobre ela?
5. Existe alguma relação entre a figura escolhida e o cordel lido?
6. Em que circunstância histórica esse cordel foi escrito?
7. Sobre a capa do folheto, que técnica foi usada, xilogravura, desenho ou fotografia? Sabe a diferença entre elas?

Luiza Mahin - vale a pena conhecer sua história

Africana guerreira, teve importante papel na Revolta dos Malês, na Bahia. Além de sua herança de luta, deixou-nos seu filho, Luiz Gama, poeta e abolicionista. Pertencia à etnia jeje, sendo transportada para o Brasil, como escrava. Outros se referem a ela como sendo natural da Bahia e tendo nascido livre por volta de 1812. [...] Luiza Mahin foi uma mulher inteligente e rebelde. Sua casa tornou-se quartel general das principais revoltas negras que ocorreram em Salvador em meados do século XIX. Participou da Grande Insurreição, a Revolta dos Malês, última grande revolta de escravos ocorrida na Capital baiana em 1835. Luiza conseguiu escapar da violenta repressão desencadeada pelo Governo da Província e partiu para o Rio de Janeiro, onde também parece ter participado de outras rebeliões negras, sendo por isso presa e, possivelmente, deportada para a África. (GELEDÉS, 2009)

Após esmiuçar sobre as características do cordel, explorando seus elementos estruturais e subjetivos e, após várias discussões, debates e leituras acerca da temática abordada, é hora da exibição de vídeos para arremate da exploração das informações sobre a arte literária e sobre as constantes situações de discriminação contra a mulher negra e o preconceito racial.

O primeiro vídeo é um trecho de uma peça teatral “Cabaré da raça”, do Bando de Teatro Olodum <https://www.youtube.com/watch?v=Bovwy_421lM>. A peça faz uma abordagem crítica sobre o preconceito racial e o segundo vídeo é uma matéria sobre a história da Literatura de Cordel veiculada no Globo Rural <<https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>>

A peça Cabaré da Raça já está em cartaz há mais de 20 anos levando de forma bem-humorada, mas extremamente crítica, situações do cotidiano negro. Exemplo de luta e resistência do povo negro contra a discriminação e o preconceito racial por meio da arte teatral. Ao descrever situações do cotidiano social, os atores levam o público (sobretudo os negros) a se questionarem sobre a sua situação e a pacificação diante do preconceito, pois antes de resolver a questão do preconceito é preciso que se resolva a questão da identidade negra. Num mix de autoafirmação, negação da raça, afro-conveniência, racismo estrutural, sexualização, entre outros aspectos, são abordados na peça e nos chama para uma reflexão que vai além da cor da pele somente

Reflexão sobre a mensagem do “Cabaré da Raça”

1. A peça tem sua abertura com uma pergunta simples, mas bastante profunda: “O que é ser negro?” Para você o que é ser negro? Você se sente negro? Explique.

2. Qual a responsabilidade da mídia quanto a propagação do racismo e/ou da representatividade negra, seus padrões de beleza e cultura?

3. Observe os seguintes trechos extraídos da peça “Cabaré da Raça”.

“Eu tenho duas vizinhas, Thothô e Yayá. E as bichas são pretas, mas pretas e querem ser chamadas de cabo verde. Não! Aí eu digo: que cabo verde, minha senhora, vocês são é cabo preto”.

“Mas eu estou o tempo todo questionando, por que morena?

— Ah, mas é uma questão de costume.

Bem, já que é uma questão de costume então se acostume a me chamar de negra, porque essa é minha raça.”

“Essa questão de etnia, se é preto, branco ou amarelo para mim não tem a menor importância. Na minha casa todo mundo é branco, eu sou morena e tenho a certeza que eu tenho algum antepassado negro, porque eu gosto dos negros, eu tenho swing dos negros e eu consultei uma vidente que confirmou isso: que eu tenho negro na minha família, longe, mas tem.”

a) Por que razão o negro se auto intitula moreno e tem dificuldade de se declarar como negro de fato?

b) Como você interpreta o comportamento das personagens de acordo com os excertos apresentados?

4. Por diversas vezes é possível observar pessoas brancas que se autodeclaram negras por conta dos seus antecedentes familiares e por respeitar e/ou simpatizar com a raça negra, em muitos casos, apenas para usufruir de algum benefício social, a exemplo das cotas.

a) Essa postura pode ser considerada uma forma de afro-conveniência (declarar-se negro somente quando isso pode lhe trazer alguma vantagem social)? Comente.

b) Essa postura pode ser considerada uma atitude racista? Explique.

Aprofundando saberes sobre a Literatura de Cordel

1. Como você identifica um cordel?
2. Qual a importância do cordel para o povo nordestino?
3. Que fato novo você descobriu nesse vídeo?
4. Quais assuntos podem ser temas de um cordel?
5. Existe diferença entre um cordel e um folheto?
6. De acordo com o que foi mostrado na reportagem, existe alguma diferença entre o cordelista e repentista?
7. O que é xilogravura? O que achou dessa técnica?
8. Você conhece algum cordelista?

Etapa 4 – Interpretação: é dar passagem para o cordel no palco e no papel

Tempo previsto: 03 horas/aulas

Objetivo:

- Proporcionar ao aluno capacidade de compreensão e inferência do texto escolhido como material de pesquisa nesta sequência didática;
- Refletir sobre as escolhas, os significados e o uso das palavras expressas no folheto de cordel;
- Refletir sobre o contexto histórico e contemporâneo da trajetória da mulher negra que motivou a construção da obra literária;
- Promover o processo de escrita do texto literário a partir das experiências vividas e observadas no cotidiano do aluno negro e não negro;
- Explorar a expressividade do aluno tanto físico como oralmente, por meio de dramatizações e recitais de textos literários.

Recursos necessários: Material impresso, cartolina, papel A4, pincéis.

Orientações metodológicas:

Esse é o momento de se fazer um apanhado de tudo que foi visto no desenvolvimento desse trabalho. O primeiro instante dessa etapa é destinado à questão mais intimista, reflexiva e pessoal do aluno com o cordel trabalhado e para isso, o professor realizará uma atividade para que os alunos possam registrar suas considerações sobre o cordel de Izabel Nascimento.

Questões para as considerações sobre a discriminação da mulher negra

1. O cordel apresenta várias situações de discriminação sofrida pela mulher negra. Identifique e comente sobre uma delas.
2. Você consegue se “enxergar” em alguma das situações apresentadas no cordel? Comente.
3. Segundo o folheto, existem dois tipos de Mulher Negra no Brasil. Explique.
4. O cordel fala sobre as modernas formas de opressão. Que formas são essa? Você se sente ou já se sentiu oprimido?
5. Como as mulheres negras que você conhece são tratadas?
6. Observe a seguinte estrofe e discorra sobre ela.

Depois de mais de cem anos
De abolida a escravatura
A condição da Mulher
No Brasil se configura
Quando a marca do racismo
Visivelmente perdura.

(Izabel Nascimento)
7. O que o machismo e o racismo têm em comum?
8. Retire do texto palavras que estejam relacionadas às apresentadas no quadro abaixo.

a) Mulher	c) Raízes
b) Racismo	d) Sociedade
9. Como esse cordel está composto? Quantas estrofes?
10. Transcreva a estrofe que você mais gostou e comente sua preferência.

Espera-se que ao final dessa atividade os alunos tenham absorvido as informações acerca das circunstâncias por quais as mulheres negras sofrem discriminação. Inferir sobre como cada um de nós é responsável pelo que acontece na sociedade e como não contribuir para que comportamentos preconceituosos sejam propagados.

A atividade seguinte faz parte do processo de escrita de um folheto de cordel criado coletivamente pelos alunos abordando questões de cunho social ligadas ao preconceito racial e à discriminação da mulher negra.

O professor deve orientar os alunos a retomarem seus grupos, em seguida passa as instruções para criação do folheto e, mais uma vez, faz uma revisão sobre a estrutura física e subjetiva do cordel.

Orientações metodológicas para o processo de escrita do cordel

- Discutir em grupos sobre a temática e sobre como escrever em versos e rimas as ideias coletadas;
- Conversar sobre o processo de escrita do cordel, os assuntos abordados, a variedade linguística e a estrutura;
- Planejar a escolha da estratégia de escrita, a estrutura do folheto, tipo e quantidade de estrofes, capa e seus elementos;
- Acompanhar o processo de escrita para possíveis ajustes das rimas, versificação ou ortografia;
- Levar os alunos a transformar suas ideias em textos e seus textos em cordéis;
- Revisar e orientar a reescrita dos textos os cordéis produzidos pelos alunos;



NÃO ESQUECER

Uma estratégia para agilizar confecção da capa do folheto e como tarefa para casa, o professor recomenda aos alunos que assistam um vídeo instrutivo sobre a isogravura – uma adaptação simplificada da xilogravura – e que será usada para a impressão da capa dos folhetos elaborados em sala de aula. <<https://www.youtube.com/watch?v=MyedINjXvw4>>

Material necessário para confecção do folheto:

- Papel A4 branco (parte que receberá a escrita do cordel);
- Papel A4 colorido (capa que receberá a impressão);
- Tesoura sem ponta;

- Grampeador;
- Isopor ou emborrachado;
- Pincel ou rolo para pintura(pequeno);
- Tinta guache preta ou tinta para carimbo.

Confecção dos folhetos: O professor orientará os alunos a fazerem dobraduras no papel sulfite branco até chegar ao formato padrão dos folhetos de cordel. Cada um adequa a quantidade de páginas à quantidade de estrofes produzidas por cada grupo. Apesar da escrita do cordel ser coletiva, a confecção do folheto será individual. Assim, cada aluno poderá expor seu próprio folheto. Próximo passo é a transcrição do texto do cordel para o folheto confeccionado. Esse momento requer atenção para não comprometer a estrutura visual do cordel.

Confecção da capa: Para confecção da capa será utilizado o sulfite colorido, cada aluno escolhe a cor que preferir. O professor deve chamar a atenção dos alunos para as informações obrigatórias na capa do cordel e orientar que a imagem escolhida deve estar relacionada ao texto produzido. Feito isso, os alunos grampeiam a capa confeccionam às folhas dobradas.

Impressão da capa: A impressão da capa o professor ensinará uma xilogravura (isogravura). Para essa técnica, cada aluno recorta um pedaço de papel e um pedaço de isopor no mesmo tamanho do folheto. Em seguida, vai fazer na folha recortada um desenho que tenha a ver com o cordel escrito. Esse desenho será decalcado no isopor e com um lápis fará o contorno desse desenho, de modo que fique bem marcado.

Feita marcação do desenho no isopor, o aluno pintará toda plaquinha, mas com cuidado para a tina não escorrer nos sulcos. Depois, com cuidado, carimba a capa do folheto e espera secar. Após esse processo de impressão e secagem, é só grampear a capa ao livreto que já deverá estar com a escrita concluída.

As atividades desenvolvidas apostam na capacidade de criação textual dos alunos a partir de determinada situação social e na adequação da escrita do texto ao gênero proposto; outro enfoque está na exploração da expressividade oral e corporal dos alunos durante a execução das citadas atividades bem como em outras circunstâncias que exijam deles essas habilidades. Aposto ainda e, principalmente, na capacidade de identificar situações de discriminação racial e/ou de preconceito contra a mulher negra e de combatê-las com seus comportamentos,

pensamentos e atitudes. Aposta na transformação do indivíduo em cidadão capaz de conviver, aceitar e respeitar as diferenças culturais, sociais e raciais. sejam capazes de interferir, repudiar e combater essas situações com suas próprias ações.



Para compor esse momento, professor e alunos decoram a sala de aula com ornamentos apropriados para criarem um ambiente propício à recitação e exposição dos cordéis. Montagem de palco, painel com esteira ou tecido estampado, varais de cordões na horizontal com folhetos de cordel pendurados, vasilhas de barro, rádios antigos são sugestões de elementos decorativos para esse tipo

Para manter acessas as reflexões em torno das questões raciais, além de expor os cartazes que fazem parte do desenvolvimento dessa sequência didática, outros com imagens de mulheres negras de luta para que sirvam de inspiração e exemplo de resistência, autoafirmação e beleza. Mensagens de repúdio ao racismo, de esperança, empatia e sororidade também podem ser espalhadas pelos ambientes escolares.

Para a culminância da execução dessa sequência didática estão reservadas as apresentações das dramatizações e do sarau de cordéis autorais. Os alunos apresentam suas dramatizações e, em seguida dão início ao sarau com as declamações dos seus cordéis prezando pela entonação e ritmo dos seus versos. A proposta é que os alunos envolvidos num ambiente literário e denunciativo, vivenciem a importância do texto literário no aperfeiçoamento da sua capacidade de leitura, compreensão e posicionamento crítico frente ao preconceito racial.



Conversas finais

Todas as proposições apresentadas neste projeto e na sequência didática no âmbito do ensino de literatura coadunam para o uso de folheto de cordel como importante agente na formação do leitor crítico e proficiente, capaz de discernir, questionar e argumentar a respeito de questões sociais, como o racismo e sexismo, por exemplo, ainda tão presentes em nossa sociedade. Esta sugestão de intervenção pedagógica mostra-se promissora e, embora a pandemia do COVID-19 tenha impossibilitado sua aplicação prática em sala de aula, os resultados para os quais foram pensadas e planejadas toda metodologia e estratégia justificam o uso desta sequência didática por outros professores de Língua Portuguesa. Seu modelo flexível permite ser trabalhada em qualquer série e modalidade da educação básica, desde que se faça as adaptações necessárias. Ao levarmos a Literatura de Cordel para a sala de aula, abrimos um leque ainda maior de possibilidades para nossos alunos. As práticas de leituras, nas quais a voz, mente e corpo de cada aluno convergem para um mesmo movimento enquanto realizam essas atividades merecem atenção especial. Percebe-se nessas reações que o processo de formação do leitor realmente está em andamento.

A leitura efetiva da literatura de cordel nos proporciona tanto a leitura de fruição como a leitura crítica e, a partir dessas vivências reflexivas, chegamos a conclusão de que o local do cordel é em sala de aula oportunizando experiências pessoais e subjetivas a partir do respeito à tradição da oralidade e à sua estética peculiar. Quanto aos elementos subjetivos e estruturais do folheto de cordel e ao enfrentamento de problemas oriundos das questões sociais denunciadas no folheto de cordel, como a discriminação da mulher negra, os alunos são estrategicamente chamados à situações que exigem deles uma tomada de decisão consciente pois, conhecer a sua história e a do outro os fazem compreender e respeitar as particularidades de cada um.

Essa sequência não sugere uma avaliação tradicional, quantitativa. Como mensurar comportamento e maturidade humana? O que sugere é que o processo avaliativo se dê ao longo de toda execução das tarefas desde a formação de grupos até o recital de um cordel autoral. Muitas habilidades para serem observadas e valorizadas. Dimensionar o aprendizado dos alunos a partir de reflexões sobre problemas sociais e sobre a necessidade de mudança de postura diante desses problemas não é algo tão palpável nem tão simples, mas por meio de estratégias alinhadas ao método de uma avaliação qualitativa é possível criar novas expectativas para os alunos e proporcionar-lhes um novo olhar e uma nova perspectiva enquanto leitor proficiente e crítico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ARRAES, Jarid. **Por uma educação que reconheça as lideranças negras**. Instituto Paulo Freire. Disponível em: <<https://www.paulofreire.org/noticias/280-por-uma-educa%C3%A7%C3%A3o-que-reconhe%C3%A7a-as-lideran%C3%A7as-negras>>. Acessado em: 30 de maio de 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental: língua portuguesa. Brasília/Secretaria de Educação Fundamental: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília – DF, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomu.mec.gov.br>>. Acessado em 30 de maio de 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANAL. #Art. **Xilogravura com isopor (isogravura)**, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MyedINjXvw4>>. Acessado em 25 de junho de 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____ **vários escritos**. 4. ed. São Paulo | Rio de Janeiro: Duas cidades | Ouro sobre Azul, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário – teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira** – São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Portal Literafro. Disponível em < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira> > Acessado em 05 de fevereiro de 2021

EDUCASENSO. **Censo Escolar 2017**. Disponível em <<https://qedu.org.br/cidade/5497-carmopolis/aprendizado>> Acessado em 05 de junho de 2020.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GELEDÉS, portal. **Luiza Mahin**. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/luiza-mahin/>> Acessado em 25 de junho de 2020

GONZALES, Leila. **Caderno de formação político Palmarino nº 1 – Por um feminismo afro latino americano**, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **História & fotos**, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/carmopolis/historico>>. Acessado em: 25 de junho de 2020.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/cidade/5497-carmopolis/ideb?dependence=3&grade=1&edition=2017>>. Acessado em junho de 2020.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**, São Paulo: Luzeiro, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22ª edição - São Paulo. Cortez, 2011.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortex. 2012.

NASCIMENTO, Izabel. **A mulher negra no contexto da educação, cultura e arte**. Aracaju. Espaço Cultural Casa do Cordel, 2015

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**, 1ª edição – São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.

_____. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

_____. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROIPHE, Alberto. **O forrobodó na linguagem do sertão: leitura verbovisual de folhetos de cordel**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.

_____. **Fuxico** – o disse me disse na literatura de cordel. Aracaju: Criação, 2016.

ROIPHE, Alberto; MATTAR, Sumaya (org.) **Arte e educação: ressonâncias e repercussões [recurso eletrônico]** - São Paulo: ECA-USP, 2018.

REDE GLOGO DE TELEVISÃO. **Literatura de cordel globo rural**. Globo Repórter, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>>. Acessado em: 20 de junho de 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul.**– São Paulo: Cortez, 2010.

SERGIPE. **Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Sergipe.** Aracaju, 2013

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: ed. Global, 2009

ANEXOS

ANEXO 1 – A Mulher Negra No Contexto Da Educação, Cultura E Arte - Cordel De Autoria De Izabel Nascimento

A História é um retrato
Que o tempo providencia
Quando a luz do flash acende
Uma marca evidencia:
Um registro inapagável
Que a humanidade cria.

Mas nas Relações Humanas
Há males constituídos
Conceitos consolidados
Direitos subtraídos
Contracenando opressores
No palco dos oprimidos.

Neste cenário inventado
Onde o preconceito existe
Procura-se uma Mulher
Negra, submissa e triste
Pra provar a humanidade
Que a escravidão persiste.

A Negra Mulher, porém
Que nunca cruzou os braços
Desafia a sociedade
Desatando os tristes laços
Conhecendo a sua história
Respeitando os próprios traços

E a Mulher Negra escreve
Uma importante parte
Na História de quem luta
Ela, há muito, é baluarte.
Sobretudo no contexto
Educação, Cultura e Arte.

Trazida para o Brasil
Tirada pela raiz
E depois da escravidão
Minha consciência diz
Nada é revolucionário
Mais que uma Negra Feliz.

Depois de mais de cem anos
De abolida a escravatura
A condição da Mulher
No Brasil se configura
Quando a marca do racismo
Visivelmente perdura

A mídia por sua vez
Objetifica, macula
A Mulher negra trazendo
Dano que não se calcula
Numa ação vil sorrateira
Segrega, agride, rotula.

O corpo da Mulher Negra
É posto nos ideais
De Mulata à Globeleza
Para fins sexuais
São Negras que a mídia cria
Mulheres quase irreais.

Os dados são alarmantes
Mas ninguém parece vê-los
Os traços do preconceito
Verdadeiros pesadelos
Desde os comportamentos
Até a cor dos cabelos.

Na Educação, doutoras
E casa, violentadas
No trabalho, ganham menos
Mas com jornadas dobradas
Nos hospitais, esquecidas
Nas ruas, são estupradas.

Na Cultura tem destaque
Grandes mentes do intelecto
Na arte se realizam
Transpondo nela o aspecto
Nos seus grandes desafios
Num sistema vil e infecto.

Mulher Negra no Brasil
Parece que existem duas
A que a TV inventa
E a que anda nas ruas
As reais, de amor, vestidas
As imaginárias, nuas.

A Mulher Negra inventada
Tem o corpo definido
Anda com tanta leveza
Como quem quer ver mantido
Os retratos da História
Num álbum já esquecido.

A Mulher Negra real
Tem História e tem raízes
É feita de destemor
Quando riem, são felizes
Seu corpo tem todo peso
De quem leva cicatrizes.

Mulher inventada serve
Aos senhores vis da moda
A Negra real batalha
A passarela é a roda
Por que é que a sua força
Tanto ao sistema incomoda?

Tem marca de resistência
De escravizada à juíza
Em toda Negra Mulher
Na ação que realiza
Sua força é chaga aberta
Que o tempo não cicatriza.

Escreve Negra Mulher
Deixa o nome registrado
Vai traçando teu futuro
Em cada passo que é dado
Pela luta do presente
Com as armas do passado.

Empodera-se de vida
Como quem diz: “Acredito!”
São belos seus negros traços
O teu cabelo é bonito
E o poder da Mulher
Plena em si é infinito.

Escreve correspondência
Aos ilustres ancestrais
Dizendo não foi em vão
As dores, tormentos, ais
Pois quando uma Negra avança
Ninguém retrocede mais.

Anula todas as formas
Das modernas opressões
Atenta pois refizeram
Conceitos de escravidões
Pra crermos em sorrisos
No mundo das ilusões.

És força que irradia
Grandeza, porto seguro
São teus, os teus pensamentos
Teu corpo, e eu te asseguro
Na luta pelo presente
Vem o troféu do futuro.

Gritemos numa só voz:
Já basta de violência!
Que o lugar de Mulher Negra
É no altar da decência
Onde estará garantido
Respeito a própria existência.

Negra na Educação
Nas Artes e na Cultura
E não passarão aqueles
Que as querem na sepultura
Negra Mulher passarinho
Do mundo, quer releitura.

Mulher Negra é atitude
É verso, rima e contexto
Com canetas de batalha
Ela escreve o próprio texto
Quer respeito e consciência
Chega de tanto pretexto!

ANEXO 2 - Cordelistas Integrantes Da Academia Sergipana De Cordel

Relação dos cordelistas membros da ASC, suas respectivas cadeiras e patronos

CADEIRA 01

PATRONO – JAIRTON PINHEIRO DE ANDRADE

ACADÊMICO – José Marciano dos Santos (Zezé de Boquim)

CADEIRA 02

PATRONO – JOSÉ DE CARVALHO DÉDA

ACADÊMICO – Gilmar Ferreira

CADEIRA 03

PATRONO – LUIZ ANTÔNIO BARRETO

ACADÊMICO – Pedro Amaro do Nascimento

CADEIRA 04

PATRONO – CLODOMIR DE SOUZA E SILVA

ACADÊMICO – Alda Santos Cruz

CADEIRA 05

PATRONO – JOÃO RODRIGUES

ACADÊMICO – Ronaldo Dória Dantas

CADEIRA 06

PATRONO – ROQUE SALVADOR

ACADÊMICO – José Aparecido Santos Souza

CADEIRA 07

PATRONO – ALUÍSIO DANTAS DE OLIVA

ACADÊMICO – Maria Salete da Costa Nascimento

CADEIRA 08

PATRONO – ABDIAS BATISTA E SILVA

ACADÊMICO – Everardo de Sena e Silva

CADEIRA 09

PATRONESSE – JOSEFA MARIA DOS ANJOS

ACADÊMICA – **Ana Santana do Nascimento**

CADEIRA 10

PATRONO – LUIZ DA CÂMARA CASCUDO

ACADÊMICA – **Izabel Cristina Santana do Nascimento**

CADEIRA 11

PATRONESSE – BENTA CORDEIRO DE ALMEIDA

ACADÊMICO – **Manoel Elielson Cordeiro De Jesus**

CADEIRA 12

PATRONO – ZÉ ARACAJU

ACADÊMICA – **Alaíde Souza Costa**

CADEIRA 13

PATRONESSE – SÁ MARTINHA DO SABÃO

ACADÊMICA – **Daniela Bento Alexandre**

CADEIRA 14

PATRONO – MANOEL BELMIRO

ACADÊMICO – **Anderson Dussantos**

CADEIRA 15

PATRONO – SÁTYRO XAVIER BRANDÃO

ACADÊMICO – **Jorge Henrique Vieira Santos**

CADEIRA 16

PATRONO – MANOEL D'ALMEIDA FILHO

ACADÊMICO – **Antônio Eduardo Fiscina Oliveira Júnior**

CADEIRA 17

PATRONESSE – MARIA DAS NEVES BATISTA PIMENTEL

ACADÊMICA – **Mariana Celestina Felix Bezerra**

CADEIRA 18

PATRONO – RODOLFO COELHO CAVALCANTE

ACADÊMICO – **Massilon Ferreira da Silva**

CADEIRA 19

PATRONESSE – GIZELDA SANTANA MORAIS

ACADÊMICO – **Wagner Gonzaga Lemos**

CADEIRA 20

PATRONO – SÍLVIO VASCONCELOS DA SILVEIRA RAMOS ROMERO

ACADÊMICO – **Antônio Batista Júnior**

CADEIRA 21

PATRONO – ARIANO VILAR SUASSUNA

ACADÊMICO – **José Matheus de Souza Santos**

CADEIRA 22

PATRONO – LEOPOLDO MOREIRA DE ANDRADE

ACADÊMICO – **Aumir Ribeiro dos Santos**

CADEIRA 23

PATRONO – LUIZ CAETANO SILVA

ACADÊMICO – **Manoel Belarmino dos Santos**

CADEIRA 24

PATRONO – ALCINO ALVES COSTA

ACADÊMICA – **Quitéria Gomes Pereira**

CADEIRA 25

PATRONESSE – CLEMILDA FERREIRA DA SILVA

ACADÊMICO – **Flávio Américo Tonnetti**

CADEIRA 26

PATRONO – MÁRIO CABRAL

ACADÊMICO – **Evergisto Socorro de Souza (Tito Souza)**

CADEIRA 27

PATRONO – LEANDRO GOMES DE BARROS

ACADÊMICO – **Thiago Barbosa Santos**

CADEIRA 28

PATRONO – JOSÉ DA SILVA RIBEIRO FILHO

ACADÊMICO – **Edvaldo Ventura da Silva**

CADEIRA 29

PATRONO – ZACARIAS (SEVERINO) JOSÉ

ACADÊMICA – **Daiene Sacramento de Jesus**

CADEIRA 30

PATRONO – LUIZ GONZAGA DO NASCIMENTO

ACADÊMICO – **Anderson Oliveira dos Santos**

CADEIRA 31

PATRONO – ANTÔNIO GONÇALVES DA SILVA (PATATIVA DO ASSARÉ)

ACADÊMICO – **José Sérvulo Sampaio Nunes**

CADEIRA 32

PATRONO – JOAQUIM JOSÉ BESERRA

ACADÊMICA – **Ana Maria Santos**

CADEIRA 33

PATRONO – PEDRO ARMANDO DOS SANTOS

ACADÊMICO – **Luiz Eduardo Bittencourt da Silva**

CADEIRA 34

PATRONO – VALERIANO FÉLIX DOS SANTOS

ACADÊMICO – **Givaldo Costa Silva**

CADEIRA 35

PATRONO – AUGUSTO LAURINDO (O TROVADOR COTINGUIBA)

ACADÊMICA – **Nilza Francisca do Nascimento**

CADEIRA 36

PATRONO – ENÉIAS TAVARES SANTOS

ACADÊMICO – **Genison Pinto Santos**

CADEIRA 37

PATRONO – JOSÉ PACHECO DA ROCHA

ACADÊMICO – **Agnaldo dos Santos Silva**

ANEXO 3 – Texto De Implementação Da Lei 10.639/03**LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.**

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

ANEXO 4 - RESOLUÇÃO DO CONSELHO GESTOR



1/2

RESOLUÇÃO Nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020.

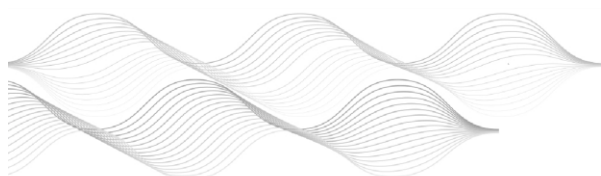
Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

A COORDENAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS) faz saber que, usando das atribuições que lhe confere,

CONSIDERANDO o enfrentamento da pandemia do Covid 19, no âmbito da esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação;

CONSIDERANDO o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais de intervenção que visam à elaboração do trabalho de conclusão da sexta turma do ProfLetras;

RESOLVE aprovar as seguintes normas:




Mª da Penha Casado Alves
Coordenadora Geral



2/2

Art. 1o. Os trabalhos de conclusão da **sexta turma** poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.

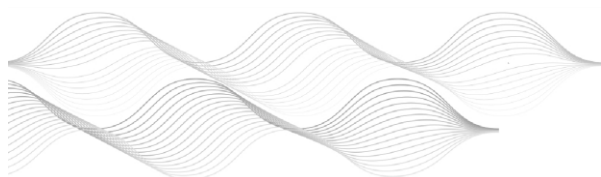
Art. 2o. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar **um produto** (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota.

Art.3o. Os produtos a serem sistematizados devem seguir os diferentes formatos previstos tanto no âmbito do programa quanto aqueles apresentados nos documentos de área.

Art. 4º: Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação.

02 de junho de 2020.

Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves
PRESIDENTE DO CONSELHO GESTOR



Mª da Penha Casado Alves
Coordenadora Geral

ANEXO 7 – LETRA DO RAP DA MC SOFFIA

Minha Rapunzel tem dread

Num conto de fadas a Rapunzel joga suas tranças
Na minha história, ela tem dread e é africana
Agora vou contar o meu conto para vocês
Como todas as histórias começa com "era uma vez"

Era uma vez uma princesa rastafari que nasceu no reino de Sabá
Na minha história quem disse que a bruxa é má?
Meninas unidas pode tudo mudar.

Aqui inimiga não vai rolar
Ah, é, não vai rolar
Aqui inimiga não vai rolar

Na minha história a Rapunzel tem dread
Ela é negra e é rastafari
Não precisa de um príncipe pra se salvar
Ela é empoderada e pode tudo conquistar

O seu cabelo dread tinha força e poder
Sua beleza africana não tinha o que dizer
Essa história eu inventei porque não vi princesa assim
Só me mostraram uma, aí isso não dá pra mim

Princesa Etiópia, esse nome eu batizei
País que desfruta tudo que eu pesquisei
Estou muito feliz de ver a história acontecer

Crie uma princesa que pareça com você
Crie uma princesa que pareça com você

Crie uma princesa que pareça com você

Aqui inimiga não vai rolar

Ah, é, não vai rolar

Aqui inimiga não vai rolar.